

**Léon Denis**

## **O Mundo Invisível e a Guerra**

*Traduzido Francês  
Le Monde Invisible et la Guerre  
1919*



*Jacques-Louis David*

*O Juramento dos Horácios*



### **Conteúdo resumido**

Léon Denis vivenciava a experiência terrível da guerra de 1914 quando uma série de comunicações, recebidas de seus amigos espirituais, inspiraram-no a escrever essa obra em que faz uma análise dos horrores da guerra e das suas conseqüências no Plano Espiritual.

Através de uma médium, o autor conseguiu acompanhar, durante mais de três anos, a influência dos espíritos nos acontecimentos e observar seus aspectos mais importantes.

## **Apresentação**

Publicada originalmente em 1919, *O Mundo Invisível e a Guerra* “era o conjunto de artigos lançados no curso da guerra”.<sup>1</sup>

Léon Denis, portanto, escreveu no fragor das batalhas e muitas vezes iremos observar que, ao lado de seu exaltado espírito pátrio, se encontram reflexões de um homem justo, que se contrariava, como todos os justos, com o começo da guerra e as suas inevitáveis conseqüências. Denis, porém, não escreveu apenas sobre a guerra; ele publicou belíssimas páginas em torno da filosofia espírita que tanto amou.

Nos capítulos XI a XIX vemos a pujança de um pensador nobre, elevado, buscando sempre os mais altos e belos momentos da vida humana; o mesmo notamos quando ele fala sobre mediunidade, nos capítulos XXIII a XXV.

O mestre inicia o livro escrevendo sobre os horrores da guerra e suas consequências; apresenta também um interessante artigo sobre o Dia de Finados, onde o médium auditivo, Sr. H., na época um soldado, ouve bela mensagem em que o comunicante afirma o poder espiritual da França sobre a Alemanha, então dominada pelo Kaiser Guilherme II.<sup>2</sup>

Léon Denis, que vivenciou um dos períodos mais conturbados da história francesa, escrevia tendo como base as mensagens mediúnicas que lhe chegavam, particularmente do médium cego, Sr. G. C., que possuía a mediunidade da escrita mecânica.<sup>3</sup>

Nos seus escritos ele punha toda a sua alma francesa e, apesar de estar com o coração dolorido por várias causas, não deixou, em um só momento, de atribuir à negligência moral do povo francês a origem das difíceis lutas que o assolavam.<sup>4</sup>

Ao se ler este magnífico trabalho – que resgata, de certa forma, o pensamento do mestre – fica-se perguntando por que tanta demora na publicação de uma obra como esta.

Aparentemente sob a desculpa de que a obra não é de pura divulgação doutrinária, foi-se deixando este precioso livro, em suas edições francesa e argentina, nas prateleiras de livros raros das bibliotecas, longe, portanto, dos leitores brasileiros, que nem sempre têm-se acendido a esse tipo de publicação.

O CELD, prosseguindo em sua tarefa de editar obras de autores clássicos e não se permitindo ter um livro desses escondido, sem que o público possa tomar conhecimento de seu conteúdo, entrega aos seus leitores *O Mundo Invisível e a Guerra*, de modo que eles, e somente eles, o possam julgar.

Altivo Carissimi Pamphiro

## Introdução

A França, de 1914 em diante, passou muitas horas de cruel angústia, à beira de muitos abismos; porém, após 50 meses de lutas, de esforços e de sacrifícios, saiu enaltecida da provação, aureolada pela vitória e regenerada pelo sofrimento.

Essa vitória, sem dúvida, é devida ao apoio de seus aliados, ao heroísmo de seus soldados e à ciência e talento de seus chefes, mas é devida, principalmente, ao poderoso socorro recebido do Mundo Invisível, que nunca deixou de interferir a seu favor. Esta é uma das faces pouco conhecidas desse imenso drama e para a qual achamos necessário atrair a atenção de todos.

Através de um excelente médium, cuja clarividência e lealdade estavam, para mim, acima de qualquer suspeita, consegui acompanhar, durante mais de três anos, a influência dos espíritos nos acontecimentos e observar seus aspectos mais importantes.

Graças à incorporação, meus amigos espirituais, e entre eles um nobre espírito, me comunicavam, de tempos a tempos, suas opiniões sobre essa terrível guerra, observada em seus dois aspectos: visível e oculto.

Essas comunicações levaram-me a escrever, nas datas indicadas, alguns artigos que se acham reunidos neste volume. Juntei outros, inspirados pelas circunstâncias e já publicados em várias revistas. O livro é concluído com uma série de páginas ainda inéditas.

O objetivo principal desses escritos é dirigir o pensamento francês para um espiritualismo científico e elevado, para uma crença que coloque nosso país à altura dos sérios deveres e nobres realizações que lhe cabem.

É necessário que uma grande corrente idealista e um poderoso sopro moral varram as sombras, as dúvidas, as incertezas que ainda existem sobre muitas inteligências e consciências, a fim de que a luz das verdades eternas aclare os cérebros, aqueça os corações, levando conforto aos que sofrem.

A educação do povo precisa ser totalmente modificada, para que todos possam ter a noção dos deveres sociais, o sentimento das responsabilidades individuais e coletivas e, principalmente, o conhecimento do objetivo real da vida, que é o progresso, o aperfeiçoamento da alma, o aumento de suas riquezas íntimas e ocultas.

Cabe, afinal, uma íntima solidariedade unindo vivos e mortos, para que as duas humanidades, a da Terra e a do Espaço, cooperem na obra comum de aperfeiçoamento e de progresso.

Já falamos anteriormente, em *O Problema do Ser e do Destino*, sobre a ação dos poderes invisíveis na História, entretanto essa ação nunca se manifestou com tamanho esplendor, como nos acontecimentos atuais, em favor do direito e da justiça.

Seria realmente lamentável que uma lição tão grave e tão solene se perdesse e que o homem continuasse indiferente aos apelos e auxílios do Além. Pelo contrário, eles devem provocar, em todos, o exame desse mundo invisível para o qual iremos, cedo ou tarde, porque a morte é apenas uma passagem e nossos destinos são infinitos.

O pretérito da França está pleno de brilhantes períodos e de páginas gloriosas, mas o seu futuro se anuncia com maior brilho ainda, se ela iluminar sua alma com o sopro do espírito que anima os mundos. Se a França controlar e dirigir as forças vivas,

progressivas, provocadas pela guerra e que nela vibram, conseguirá realizar obras que ultrapassarão, em poder e brilho, tudo quanto seu gênio produziu até nossos dias.

# I

## O Espiritualismo e a Guerra

### Outubro de 1914

Fatos temerosos vêm acontecendo há alguns meses, e uma tempestade de ferro e fogo desabou sobre a Europa, abalando os alicerces da civilização. Não são milhares, são milhões de homens que se entrechocam numa batalha formidável, numa luta jamais presenciada pelo mundo. O número de vidas humanas sacrificadas é tão grande que deixa estarecido o pensamento.

Até o próprio destino das nações é posto em dúvida. Em determinadas horas trágicas, a França viu passar sobre ela o vento da ruína e da morte, e talvez o nosso país terminasse destruído, se não fossem os auxílios do Alto e a incontável legião de espíritos, acudindo de todos os pontos do Espaço, para ajudar seus defensores, aumentar-lhes a energia, favorecer-lhes o ânimo e estimular-lhes o ardor.

Diante desse drama terrível indagamos, como num pesadelo, que lição fica desses fatos dolorosos.

Observemos, diante da primeira análise, que esses acontecimentos eram anunciados antecipadamente. Os avisos vinham de toda parte; por nosso lado sentíamos aproximar-se a tempestade e um mal-estar indefinível invadia nossas almas. Segundo as palavras de um pensador, os grandes acontecimentos que abalam o mundo projetam primeiramente sua própria sombra.

Todavia, a massa dos homens continuava indiferente. A França principalmente, há 20 anos adormecera numa ilusão de bem-estar e de sensualidade, sendo que a maior parte de seus filhos só objetivava conquistar a riqueza e desfrutar os prazeres que ela proporciona.

A consciência pública, a noção do dever, a disciplina familiar e social, sem as quais não há nações progressistas, atrofiavam-se cada vez mais.

Processos escandalosos revelavam um estado de terrível corrupção; o alcoolismo, a prostituição e a pequena percentagem de nascimentos daí resultante pareciam encaminhar a nação para inevitável decadência.

Nossos inimigos achavam os franceses um povo exausto e se preparavam para disputar seus despojos.

Por acaso as discussões inúteis em que estávamos empenhados não nos condenavam à fraqueza? No entanto, nossa desunião era apenas aparente, pois, diante do perigo que ameaça a pátria, todos os corações sabem unir-se para um esforço supremo.

Como em todos os instantes solenes da História (como na época de Joana d'Arc), o mundo invisível interferiu e, impulsionadas pelo Alto, as forças profundas da raça, que dormitam dentro de cada um de nós, despertaram, entraram em ação e, num grande ardor, fizeram renascer, com toda plenitude, as virtudes heróicas dos séculos passados.

O general Joffre é, sem dúvida, um estrategista de valor, mas sabemos, com segurança, que suas melhores inspirações, sem que ele o soubesse, vieram do além.

Nosso país, que parecia corrompido, condenado a desaparecer, mostrou ao mundo assombrado que havia nele um poder irresistível, em estado latente.

Premida pela provação e por vontade superior, a França despertou. Num ímpeto supremo e disposta a todos os sacrifícios, ergueu-se contra um invasor sem escrúpulos, cego pelo orgulho e ávido para implantar no mundo seu domínio bárbaro e brutal.

Julguem o que julgarem os alemães, há justiça no Universo. Não basta ter nos lábios, a cada instante, o nome de Deus; seria muito melhor guardar no coração suas leis imutáveis.

O direito não é uma palavra vã e o poder material não é absoluto neste mundo.

As mentiras, a perfídia, a violação dos tratados, o incêndio das cidades, a morte dos fracos e dos inocentes não podem encontrar desculpas diante da majestade divina.

Qualquer mal praticado atinge, com suas conseqüências, quem o produziu e a violação do direito dos fracos se volta contra os poderes dos ultrajantes.

A invasão e a devastação da Bélgica e do norte da França provocaram indignação geral e uma grande reação das forças invisíveis. Das regiões devastadas um grito de angústia subiu ao céu, que não ficou surdo a tão desesperados apelos. Os poderes do Além entram em ação: são eles que sustentam a França e animam seus filhos ao combate.

À retaguarda dos que sucumbem, outros aparecerão, até que o invasor sinta que a sua disposição se enfraquece e que o destino se ergue contra ele.

Os que morreram voltam ao Espaço com a glória do dever cumprido e o exemplo deles animará as vindouras gerações.

A lição que fica desses terríveis acontecimentos consiste em que o homem deve aprender a elevar seus pensamentos acima dos tristes espetáculos do mundo e voltar suas vistas para esse Além de onde descem os socorros, as forças necessárias para empreender uma nova etapa, objetivando o fim grandioso que lhe está designado.

Nossos contemporâneos haviam depositado seu pensamento e suas amizades nas coisas materiais, porém os fatos demonstraram que elas eram passageiras e precárias e que as esperanças e as glórias que elas suscitam são também efêmeras.

Nenhum bem, nenhum poder terrestre está protegido das catástrofes; só os do espírito imortal possuem verdadeira duração, riqueza ou esplendor, porque só o espírito é capaz de transformar as obras de morte em obras de vida. Porém, para compreender tão profunda lei é necessária a escola do sofrimento. Assim como o raio de luz precisa decompor-se no prisma para produzir as cores brilhantes do arco-íris, também a alma humana deve purificar-se pela provação, a fim de que brilhem todas as energias e todas as qualidades que nela dormitam.

É especialmente na desgraça que o homem pensa em Deus, e assim que as paixões ardentes tiverem se apaziguado e que a sociedade tiver recomeçado a vida normal, começará a missão dos espíritos.

Quantas lutas haverá então para consolar! Quantas chagas morais para curar! quantas almas dilaceradas para socorrer!

Pela atuação lenta, profunda e eficiente do sofrimento, um grande número de seres ficará acessível às verdades de que somos responsáveis depositários. Aproveitemos, portanto, as trágicas situações que atravessamos e a Providência fará delas nascer benefícios para a humanidade.

Todas as almas fortes, que mantiveram sangue frio no meio da borrasca, suplicarão, conosco, que as provações sofridas por nosso país lhes façam vibrar na alma os sentimentos de honra, união e concórdia, que são poderosos meios de ressurgimento.

Tais sentimentos, por sua intensidade, poderiam atuar contra os flagelos da sensualidade, do egoísmo e do personalismo desmesurado que se implantaram, como senhores, em nossa França, abafando generosos instintos que sempre estavam prontos a reviverem nela.

Que os franceses, raça inteligente e nobre, de mãos estendidas e corações abertos, voltem a ser admirados, como exemplo vivo que todas as nações se alegram em seguir.

## II Cenas do Espaço. Visões Reais da Guerra e da Epopéia

### Janeiro de 1915

Eles se encontram ali, pairando sobre a enorme frente de batalha que vai das praias nevoentas aos picos dos Vosges, até as planícies da Alsace. Estão ali os espíritos de todos quantos, no correr dos séculos e em todos os setores, principalmente no militar, contribuíram para abrilhantar a França, para construir sua glória imortal. Eles apóiam, arrastam e inspiram nossos soldados e seus comandantes.

Faz quatro meses que os combatentes, semi-enterrados, ocultos nos acidentes do chão, cercados de redes de arame, continuam uma guerra de destruição e astúcia onde se apura a paciência e a coragem se esgota lentamente.

Outrora a guerra possuía sua trágica beleza, sua grandeza. Lutava-se a peito descoberto, de cabeça erguida e com bandeiras desfraldadas. Hoje existem apenas ciladas, maquinações e covardias.

Em toda parte, nos trabalhos da paz como nos da guerra, os alemães desnaturaram, amesquinharam e aviltaram tudo quanto foi nobre. A traição, a perfídia e a falsidade são os seus princípios rotineiros.

Os gênios do mal, os espíritos inferiores de homicídio e de rapina dos tempos medievais estão entre eles, reencarnados em suas fileiras ou invisíveis, participando de seus combates.

Se eles triunfasse, a Europa ficaria escravizada, os fracos esmagados e os vencidos espoliados. Seria um retorno da humanidade aos tempos bárbaros.

Os nobres espíritos que zelam pelos nossos exércitos conheceram lutas mais nobres, mais generosas, e por isso surpreendem-se com essas táticas e se afligem com esses procedimentos. Há ocasiões em que, vendo infrutíferos tantos esforços, sentem-se invadir pela hesitação e pela inquietude, perguntando, angustiados, qual será o fim dessa terrível luta.

Quanto sangue e lágrimas! Quantos jovens heróis sucumbidos! Quantos despojos humanos jazem sobre a terra! Nosso país verá aniquilar-se toda a sua força, toda a sua vitalidade?

Aí então aparece, do alto do espaço infinito, um novo espírito, e ao vê-lo todos se agitam e se comovem: é uma mulher, e uma auréola lhe cinge a fronte; o entusiasmo e a fé lhe animam o rosto.

Assim que ela aparece, um tremor perpassa por essas legiões de invisíveis. E um nome passa de boca em boca: Joana d'Arc!

É a filha de Deus, a virgem das lutas!

Ela vem revigorar as energias adormecidas, a coragem abalada. Desde o início da luta ela se mantinha afastada, entre suas irmãs celestes, num grupo de seres graciosos e encantadores, seres angélicos, cujo comando Deus lhe confiou após o martírio.

Sua missão consiste em aplacar os sofrimentos humanos, diminuir as dores mortais, pairando sobre as almas que suportam suas provas.

A hora, porém, soou. Ao ter ciência dos males que devastam a pátria, essa França tão querida pela qual sacrificou sua existência, o coração da Virgem Lorena se sentiu

turbado, apossando-se dela o desejo ardente de nos socorrer, e então ela cede a esse desejo.

Na hora da partida, suas irmãs, companheiras do espaço, inclinam-se ante aquela que veneram, dizendo: “Faremos preces pelo triunfo de vossas armas, filha amada de Deus”.

Assim, pois, Joana acode e em seu derredor se congregam, prestativos, os espíritos heróicos, protetores da França, para saudá-la e acompanhá-la.

Na sua simplicidade, ela lhes diz: “Como nos séculos passados, senti a irresistível vontade de me juntar aos que estão lutando pela salvação da pátria. Aceitam-me em suas fileiras?” Todos, num só entusiasmo, exclamaram: “Ponha-se à nossa frente e marcharemos sob suas ordens!”

\*

Acima de nossas linhas, inúmeras assembléias se realizam e aqueles que as compõem são nomes ilustres que, reunidos, resumem toda a glória dos séculos e toda a história da França. Ali está Henrique IV junto a Napoleão; Vercingétorix encontra-se com os capitães de Carlos VII, os generais de Luís XIV e os da Revolução: todos os heróis de nossas lutas do passado e os libertadores da pátria.

Ali também vemos vários chefes ingleses, pois toda a inimizade se extinguiu, existindo em todos esses espíritos um só pensamento e um sentimento único.

Todos têm, por Joana, igual respeito e ninguém lhe toma a dianteira, discutindo-se gravemente os meios de ataque e os procedimentos necessários para essa guerra de trincheiras.

Sobre essa assembléia paira o pensamento de Deus e quando o nobre espírito que a preside abre a sessão, invocando o nome do Pai, todos se inclinam respeitosamente.

Se, para muitos, a França se tornou descrente, ímpia e entregue a todas as correntes do materialismo e da sensualidade, pelo menos no meio desse supremo conselho, onde se acham reunidos seus mentores invisíveis, impera uma fé ardente. Talvez seja por essa razão que diminuem, até certo ponto, as provações e os horríveis castigos que ela mereceu.

As resoluções que nessa assembléia sejam tomadas serão transmitidas, por intuição e inspiração, aos generais que tenham a missão de executá-las. Para esse fim, cada um dos espíritos presentes a esses conselhos escolherá, dentre nossos comandantes, aqueles cuja natureza psíquica melhor se harmonize com a sua própria e, por meio de uma vontade persistente, os inspirará no sentido do que ficou resolvido.

Sobre os soldados a influência dos espíritos se exercerá de modo diverso: eles terão por mira, principalmente, acrescentar ao ardor e à veemência, que são qualidades naturais da raça, a perseverança e a tenacidade na luta, tão necessárias no momento atual e que, às vezes, nos faltaram.

Por tudo isso se demonstra que as almas dos mortos não são entidades vagas, indefinidas, como alguns acreditam, pois, atingindo as altas camadas da hierarquia espiritual, elas se convertem em poderes notáveis, em centros de atividades e de vida capazes de exercer sua ação sobre a humanidade terrestre.

Pela sugestão magnética, podem influir sobre aquele que escolheram, fazendo nele germinar a idéia matriz e incitá-lo ao ato decisivo que vai coroar sua obra.

É dessa forma que os invisíveis se envolvem nos atos dos vivos, para a concretização do bem e o cumprimento da justiça eterna.

\*

Breve soará, qual jubilosa marcha militar, a hora da vitória. Toda a França está de pé: a do presente e a do passado, a dos vivos e a dos mortos!

As forças invisíveis e divinas estão em ação porque a luta que se trava é grande e sacrossanta. É a luta da liberdade, do direito e da justiça contra a brutalidade armada e o despotismo cínico e grosseiro. Por isso a França não pode ser derrotada, pois a causa que defende é a da humanidade. A vitória da Alemanha seria o retrocesso da consciência, a apoteose de todos os crimes. Deus não o permitirá!

Por muitas vezes, no decorrer dos séculos, a França foi campeã das idéias humanitárias, oferecendo seu ouro e seu sangue na defesa dos fracos e libertação dos oprimidos. Eis por que suas mais estrondosas derrotas foram sempre seguidas de um rápido reerguimento.

Não obstante seus erros e suas faltas, a França é necessária para a ordem do mundo. Mais do que qualquer outro país, em todas as esferas, sempre serviu ao ideal, chegando inclusive ao sacrifício, porque seu papel é humanitário.

Graças à clareza de sua língua e à lucidez de seu espírito, os princípios que defende penetram mais profundamente nas inteligências e nos corações, e todos os povos hauriram nela como numa inesgotável fonte.

No futuro, sua influência ainda será maior, pois de seu seio surgirão missionários que irradiarão o Espiritismo sobre toda a Terra.

Poder-se-ia afirmar que a França é mulher, pois que sintetiza a beleza e a verdade, razão porque paira uma alma feminina acima de seus espíritos protetores.

A ajuda de Joana d'Arc dará um verdadeiro rumo aos fatos e restituirá à França a consciência de seu papel e de seu destino grandioso.

Com o aparecimento da Virgem Lorena, os espíritos que nos protegem sentiram aumentar sua confiança, sua certeza na vitória.

Inúmeros exércitos foram preparados e chegará o dia em que Joana estará à frente deles e, embora invisível, nossos soldados experimentarão a sensação de sua presença e ela lhes transmitirá a coragem que a envolve.

Numa decisão viril, desafiando o fogo e a metralha, os soldados franceses marcharão, com conhecimento de causa, contra o inimigo. E o vento que sopra sobre as planícies de Flandres, na floresta dos Vosges, fará flutuar, novamente, nossas bandeiras vitoriosas.

Os franceses escreverão, com seu próprio sangue, as páginas mais gloriosas de nossa história.

### III As Lições da Guerra

#### Março de 1915

Os terríveis combates entre as nações e as raças, além das convulsões que sacodem o mundo, produzem os mais sérios problemas e, em presença desse grande drama, mil questões se apresentam à mente humana ansiosa, havendo momentos em que a dúvida, a inquietação e o pessimismo dominam os espíritos mais fortes e decididos.

O progresso será uma vã ilusão? A civilização ficará submersa no mar das paixões brutais? Os esforços dos séculos em prol da justiça, da fraternidade e da paz social serão inúteis? As concepções da arte e do gênio do homem, os frutos do pesado e imenso trabalho de milhões de cérebros e de braços irão desaparecer arrasados pela tormenta?

Esse abismo de desgraças é analisado calmamente pelo pensador espiritualista e do caos dos acontecimentos ele extrai a principal lei que rege o Universo.

Acima de tudo, lembra-se de que nosso mundo é um planeta inferior, um laboratório onde desabrocham as almas ainda inexperientes com seus anseios confusos e suas paixões desordenadas.

O profundo sentido da vida aparece, para o pensador espírita, com as duras necessidades que a ela são inerentes; é o início das qualidades e energias que existem em todos os seres.

A fim de que as energias que existem desconhecidas e silenciosas nas profundezas da alma apareçam na superfície, há necessidade de aflições, angústias e lágrimas, porque não existe grandeza sem sofrimento, nem progresso sem provação.

Se o homem na Terra se desvencilhasse das vicissitudes da sorte e ficasse privado das grandes lições do sofrimento, poderia fortalecer o caráter, desenvolver a experiência ou valorizar as riquezas ocultas de sua alma?

No mundo, sendo o mal uma fatalidade, não existirá responsabilidade para os maus?

Seria um erro funesto aceitá-lo, porque o homem, em sua ignorância e cegueira, semeia o mal, cujas conseqüências caem pesadamente sobre ele, assim como sobre todos os que se associam às suas más ações. É isso que o momento atual comprova.

Dois poderosos imperadores, um protestante e outro católico, desencadearam a guerra com todos os seus horrores; fazia meio século que vinham preparando, calculando e combinando tudo para obter uma vitória esmagadora.

Os poderes espirituais, porém, interferiram no conflito, inspirando às nações em perigo uma heróica resistência e nelas fazendo surgir os tesouros do heroísmo que estavam acumulados nas almas célticas e latinas, desde anteriores existências.

Vejam como se inverteu a situação após seis meses de lutas. Os alemães faziam uma guerra de conquista, no início da campanha; hoje estão reduzidos a combater em defesa própria.

Nos momentos de amargura e de incerteza sempre surge um homem providencial. Neste caso, e para a França, esse homem é o general Joffre, que possui as qualidades exigidas pela grave situação do momento!

Ele soube conter no Marne a enorme avalanche alemã e agora, como comandante sábio e competente, poupando seus soldados, prepara, prudentemente, os meios de expulsar o inimigo para além das fronteiras.

Acima do confuso tumulto das batalhas, além dos clarões terríveis da carnificina e do incêndio, vislumbra-se uma aurora e um grandioso ideal começa a se esboçar; pressente-se a obra de moralização que dimana do sofrimento.

Acima da labareda das paixões terrenas, sente-se a presença de um tribunal invisível que espera o final do conflito para reivindicar os direitos da eterna justiça.

Nossos soldados sentem tais coisas de modo vago, têm a intuição de que sua causa é augusta e sagrada, e tal impressão vai, pouco a pouco, propagando-se por todo o país. Aí se explica por que a inteligência se tornou mais digna e os sentimentos ficaram mais graves e profundos.

A borrasca espantou as futilidades e as leviandades, com tudo quanto era pueril e mundano em que nossa geração gostava de se ocupar, deixando permanecer o que havia em nós de mais sólido e melhor.

Ainda subsistem, sem dúvida, muitos resquícios de imoralidade, corrupção e decadência e, por vezes, perguntamos se tamanha lição não foi bastante para corrigir nossos vícios. Em compensação, quantas existências fantasiosas, estéreis ou desordenadas ficaram mais simples, puras e fecundas.

A vida pública e a privada, sob certos aspectos, estão sofrendo uma radical transformação. Essa purificação dos costumes e do caráter traz consigo a das letras francesas, a do jornalismo, enfim, a do pensamento sob todas as formas em que se expresse, parecendo que estamos livres, por muito tempo, dessa psicologia mórbida, dessa pornografia chula, venenos da alma que nos faziam ser considerados, pelo estrangeiro, como nação decadente.

Quem ousaria servir-se da pena para recair em semelhantes erros? Os escritores e os romancistas do futuro terão assuntos bem diversos, graves e elevados para suas obras.

Por certo não perdemos de vista o lamentável desfile das desgraças produzidas pela guerra: as horríveis hecatombes, a aniquilação das vidas, o saque e a destruição das cidades, os estupros, os incêndios, os velhos, as mulheres e as crianças espoliadas, mortas ou mutiladas, a fuga dos rebanhos humanos abandonando seus lares devastados, afinal, o espetáculo do sofrimento humano no que existe de mais intenso e pungente.

Qualquer espírita sabe que a morte é apenas uma aparência: a alma, ao desprender-se do seu envoltório material, adquire maior força, maior percepção das coisas e o ser se encontra mais vivo no Além.

O pensamento se purifica pela dor, nenhum sofrimento se perde e nenhuma provação deixa de ter sua compensação. Os que morreram pela pátria recolhem os frutos do seu sacrifício e o sofrimento dos que sobreviveram transmite aos seus perispíritos ondas de luz e sementes de futuras felicidades.

A questão do progresso se resolve facilmente, porque só ele é real e permanente, sendo simultâneo em seus dois aspectos, o material e o moral.

O progresso meramente material é, com muita freqüência, apenas uma arma colocada a serviço das más paixões.

Aos bárbaros da atualidade a ciência forneceu formidáveis recursos de destruição: máquinas variadas, violentos explosivos, pastilhas incendiárias, dispositivos para o lançamento de líquidos inflamáveis, gases asfixiantes ou corrosivos, etc.

A navegação aérea e submarina aumentou de muito o poder do fogo, todavia todos os progressos da ciência tornam o homem infeliz, enquanto ele permanece mau. E tal situação se prolongará enquanto a educação popular for falseada e o homem seguir ignorando as verdadeiras leis do ser e do destino, assim como o princípio das responsabilidades com suas conseqüências nas vidas sucessivas.

Sob esse aspecto, o fracasso das religiões e da ciência é completo: a guerra atual o comprova, fartamente.

Com relação ao progresso moral, ele é lento e quase imperceptível na Terra, graças à população do globo que cresce incessantemente com elementos provindos de mundos inferiores.

Só os espíritos que conseguiram certo grau de progresso na Terra evoluem com proveito para grupos melhores. Eis por que varia pouco o nível geral, permanecendo raras e ocultas as qualidades morais dos indivíduos.

Os golpes da adversidade ainda serão, durante muito tempo, meios necessários para impelir o homem a se desprender do círculo estreito onde se encerra, obrigando-o a elevar mais alto seu pensamento.

Ainda precisará escalar, muitas vezes, a íngreme ladeira do calvário através de espinhos e pedras pontiagudas. Todavia, do escabroso pico, ele divisará o brilho do grande foco de sabedoria, de verdade e de amor que ilumina e fortalece o Universo.

Tudo, na ordem espiritual, se resume em duas palavras: reparação e elevação!

As calamidades são o cortejo inevitável das humanidades atrasadas e a guerra é a pior de todas. Sem elas o homem pouco desenvolvido perderia o seu tempo com as inutilidades da jornada ou se entregaria ao bem-estar e à preguiça.

É preciso o guante da necessidade e a noção do perigo para obrigá-lo a movimentar suas forças adormecidas, desenvolver-lhe a inteligência e apurar-lhe a razão.

Tudo que é destinado à vida e ao crescimento se prepara na dor. É necessário padecer para dar à luz, eis a colaboração da mulher. Cumpre padecer para criar, eis a participação do gênio.

Nos momentos supremos de sua história é que as qualidades varonis de uma raça se apresentam com maior brilho. Se a guerra desaparecesse, com ela desapareceriam muitos males e muitos horrores; mas não é a guerra também geradora do heroísmo, do espírito de sacrifício, do desprezo pelo sofrimento e pela morte? São estas coisas que fazem a grandeza do homem, as que o colocam acima do irracional.

O homem, espírito imortal, é um centro de vida e de atividade que, de todas as vicissitudes, todas as provações, mesmo as mais cruéis, deve conseguir outros processos pelos quais se expandam cada vez mais as energias existentes em nosso íntimo.

As grandes emoções nos fazem esquecer as preocupações corriqueiras (muitas vezes frívolas) da vida, abrindo em nós uma passagem para as influências do Espaço.

No entrechoque dos acontecimentos, a bruma formada por nossos anseios, pensamentos e inquietações de cada dia se esvai e a grande lei, o supremo objetivo da existência se revela, por um instante, aos nossos olhos.

Nos mundos mais adiantados, nas humanidades superiores à nossa, os flagelos não têm mais razão de ser, não existindo a guerra, porque a sabedoria do espírito elimina todos os conflitos.

Os habitantes dos mundos felizes, iluminados pelas verdades eternas, com a aquisição dos poderes da inteligência e do coração, não têm mais necessidade desses terríveis estímulos para despertar e cultivar os recursos ocultos da alma.

Na grande escalada do progresso, as causas do sofrimento se atenuam à medida que o espírito progride, porque se tornam cada vez menos necessárias para uma ascensão que se realiza livremente, na paz e na luz.

A grande escola das criaturas e dos povos é o sofrimento. quando eles se afastam do caminho reto e descambam para a sensualidade e para a decomposição moral, a dor, com seu aguilhão, recoloca-os no verdadeiro caminho.

É necessário que o homem sofra para desenvolver a sensibilidade e a vida, sendo esta uma lei grave, séria e de proveitosas conseqüências.

É preciso sofrer para sentir e amar, crescer e elevar-se. Só o sofrimento domina os furores da paixão, desperta em nós as meditações profundas e revela às almas o que há de melhor, mais belo e mais nobre no Universo: a piedade, a caridade e a bondade!

Do seu banho de sangue e de lágrimas, a França sairá rejuvenescida e mais bela, irradiando eterna glória, para prosseguir a missão que sua História lhe impõe.

## IV O Mês de Joana d'Arc

### Maio de 1915

A Terra voltou a apresentar seus encantos após o longo sono do inverno.

Abaixo de minhas janelas, no vasto jardim público, os tufos de flores brilhantes se misturam com as folhagens verdes.

Na calma superfície das águas, cisnes deslizam majestosamente e nos altos ramos as aves canoras, em uma espécie de encantamento, fazem intermináveis concertos. Uma suave claridade envolve todas as coisas, mas, a longe, na linha de combate, a fumaça da peleja cobre o solo e envolve o céu.

Estamos em maio, mês de Joana d'Arc, assim denominado porque ele reúne as datas dos mais notáveis acontecimentos da sua vida: dias 7 e 8, libertação de Orléans; dia 24, sua prisão em Compiègne, e dia 30, seu martírio em Rouen.

Nessa época do ano meu pensamento comovido sempre busca a Virgem Lorena como um modelo de força e beleza moral, porque nela se encontram, na aparência, as qualidades mais antagônicas: energia e sensibilidade, firmeza e delicadeza, idealismo e senso prático. Invoco-lhe o espírito e medito em seu sacrifício.

Nos dolorosos momentos por que passa a França, essa invocação tem caráter geral e grandioso, num apelo supremo de uma nação ameaçada, espezinhada por sanguinário inimigo. É o grito de angústia de um povo que não quer morrer e que suplica o auxílio das forças celestes invisíveis.

O culto de Joana d'Arc era exercido, antes da guerra, com numerosos fiéis, porém muitos consideravam os fatos de sua vida como acontecimentos vagos, distantes, quase lendários, diminuídos pela distância do tempo.

As tentativas do clero católico para monopolizar a Virgem Lorena levantaram contra ela um partido político completo.

A idéia de se criar uma festa nacional para lhe comemorar a memória jazia há mais de dez anos no arquivo da Câmara e um enxame de críticos meticulosos e malévolos preocupou-se com os pormenores de sua história, para contestá-los, denegri-los ou, pelo menos, diminuir-lhe o brilho!

Um Anatole France a apresentava aos nossos contemporâneos como uma mística quase idiota; Thalamas chegava mesmo a injuriá-la.

Gabriel Hanotaux referia-se a ela mais dignamente, porém queria fazê-la passar por instrumento das ordens religiosas mendicantes, o que era pura fantasia.

Assim pois, do messias de nosso país, admirado e glorificado pelo mundo inteiro, os franceses haviam chegado a fazer um tema de polêmicas e discórdias.

Hoje a transformação é completa: debaixo da tempestade de ferro e fogo que esmaga a França, na angústia que a sufoca, toda a nação dirige seus pensamentos para Joana e lhe pede socorro. Suplicam-lhe que salve, pela segunda vez, a pátria invadida.

Atendendo a esses apelos, do seio do Espaço onde se encontrava, ela paira sobre nossas misérias e dores, para atenuá-las e consolá-las. Mais ainda: à frente de um exército invisível, atua na frente de batalha transmitindo aos nossos soldados a chama sagrada que a envolve, impelindo-os ao combate e à vitória!

Há poderosos e bem-aventurados espíritos que a rodeiam, porém a todos ela domina com sua sublime energia. A filha de Deus tomou para si a nossa causa. Certa de tal auxílio na luta terrível que sustenta, a França não sucumbirá!

Será que se sabe quanto sofrerão esses nobres espíritos em contato com a Terra? Sua natureza delicada e purificada lhes torna penosa a permanência em nosso mundo inferior.

Necessitam de um esforço permanente de vontade para se manterem em nossa atmosfera saturada de maus pensamentos e fluidos grosseiros, ainda agravada pelas vibrações das violentas paixões que a atual guerra desencadeia.

Juntai a isso o espetáculo das mortandades, dos cadáveres, dos estertores dos moribundos, dos gritos dolorosos dos feridos e da visão das terríveis feridas produzidas pelos explosivos, por todas as máquinas mortais que os exércitos modernos carregam consigo.

Quantas emoções pungentes para conter, para dominar! Na Idade Média, Joana presenciou, sem dúvida, cenas dessa espécie, porém em proporções menores! Não obstante, ela reagirá energeticamente contra qualquer desfalecimento, porque tudo se torna secundário e desaparece diante do objetivo essencial que é mister alcançar: a libertação da pátria.

A irradiação da força fluídica de Joana expande-se sobre todos, até sobre os ingleses, agora nossos companheiros de armas.

Alguns de nossos soldados, dotados de faculdades psíquicas, a vêem passar em meio à fumaça dos combates, mas todos, intuitivamente, sentem sua presença e nela depositam sua suprema esperança. Daí resultam as qualidades heróicas demonstradas, que causam decepção aos alemães e assombro a todos quantos, sem razão aparente, acreditavam na inevitável decadência de nossa raça.

\*

Assim como dominou o século XV, o vulto de Joana d’Arc dominará também nosso tempo. Nela e por seu intermédio se há de consumir a união de nossa pátria.

Ainda ontem, como no tempo de Carlos VII, a França estava desunida, esfacelada por grupos políticos nascidos da cobiça e de apetites inconfessáveis. Na hora do perigo tudo se desmanchou em fumaça e se calou para permitir que o país fizesse ouvir sua voz e seus apelos aos poderes do Alto.

Os próprios adeptos do Radicalismo e do Socialismo, que ainda combatiam Joana d’Arc no Palais-Bourbon, para ela se voltam para honrá-la.

Em 26 de abril, o senador Fabre escrevia a Maurice Barrès: “Acabo de receber uma carta do Sr. Léon Bourgeois, onde ele me diz: Podeis contar com minha cordial adesão à festa nacional de Joana d’Arc. E acrescentava: Estão, portanto, conquistados Hervé, Clemenceau e Bourgeois. Joana d’Arc nos protege. Todos estarão conosco.”

Vários políticos já consideram próxima a hora em que o governo, apoiando-se em todos os partidos, glorificará em Joana essa sagrada união que possibilitou a obra libertadora. Em compensação, outros afirmam que nada se pode falar, nem fazer, em homenagem a ela, enquanto os ingleses permanecerem em solo francês.

Para assim se manifestarem é necessário bem pouco conhecer o sentimento que nossos atuais aliados dedicam a Joana d’Arc. Desde Shakespeare, eles lhe tributam uma admiração sempre crescente.<sup>5</sup>

Todos os anos, nas festas de Rouen, há uma delegação inglesa e agora, que eles estabeleceram uma de suas bases de operação nessa cidade, não deixam de manter na praça do *Vieux-Marché*, no mesmo lugar do suplício, braçadas de flores enlaçadas com uma faixa com as cores britânicas.

Em 16 de maio passado, o reverendo A. Blunt, capelão da embaixada inglesa, ao colocar uma coroa aos pés da estátua equestre da *Place des Pyramides*, dizia:

“Comparecemos, como membros da colônia britânica de Paris, para depositar algumas flores aos pés da estátua de Joana d’Arc, a valorosa guerreira de França. Reconhecemos que seu espírito de patriotismo, coragem e sublime abnegação anima o exército francês de hoje e estamos certos de que esse espírito o conduzirá à vitória.”<sup>6</sup>

Há alguns dias, o grande jornal londrino *The Times* dedicava à memória da Virgem de Orléans um importante artigo, resumindo todo o pensamento inglês sobre esse nobre assunto:

“Em toda a Idade Média não há história mais singela e mais grandiosa, nem tragédia mais dolorosa do que a da pobre pastora que, pela fé ardorosa, soergueu sua pátria das profundezas da humilhação e do desespero, para sofrer a mais cruel e a mais infamante das mortes pelas mãos de seus inimigos.

A elevação e a beleza moral do caráter de Joana conquistaram o coração de todos os homens e os ingleses se lembram, com vergonha, do crime do qual ela foi vítima.

Entretanto, não é pelo amor à pátria, nem pela coragem na luta, nem pelas visões místicas, que o mundo todo homenageia Joana d’Arc; isto lhe é devido porque, em época triste e dolorosa, ela provou, por palavras e atos, que o espírito da mulher cristã ainda estava vivo entre os humildes e os oprimidos e produzia, profusamente, incomparáveis frutos. Houve, algum dia, natureza mais reta, mais terna, mais pura e mais profundamente piedosa que a de Joana d’Arc?

Antes mesmo que tivesse conseguido ir até ao rei e desfraldado sua bandeira, o povo, em toda parte, acreditava nela. A força de sua vontade, a elevação dos seus pensamentos e a intensidade do seu entusiasmo superaram todas as oposições.

É delicada e complacente para com os prisioneiros, e até para os ingleses sua alma se mostra plena de piedade. Convida-os para que se juntem a ela para uma grande cruzada contra o inimigo da cristandade.

E quando, com auxílio de alguns traidores existentes entre seus compatriotas, a fizeram cair em uma cilada e a condenaram a uma morte horrível, suas últimas palavras foram de perdão para seus algozes.”

Um patriota francês não se expressaria melhor. É certo que Joana não odiava os ingleses e queria simplesmente colocá-los fora do território da França. Como afirma o *The Times*, ela pensava até em associá-los aos franceses numa grandiosa empresa que ela tomaria a seu cargo e lhes escrevia:

“Se derdes satisfação ao rei de França, ainda podereis ir em sua companhia, aonde quer que os franceses realizem o mais belo feito como jamais foi realizado pela cristandade.”

\*

Cabe perguntar se sua clara visão, atravessando os séculos vindouros, não se projetava então até os acontecimentos do presente, até essa gigantesca luta da civilização contra a barbárie, na qual pensava em interferir.

Por meio da violência e do terror, a Alemanha pretendeu impor ao mundo a sua horrível cultura, suas teorias implacáveis do super-homem, das quais Nietzsche se constituiu profeta e que anulam o que há de mais digno, mais poético, mais belo na alma humana, isto é, as qualidades nobres, e com elas a compaixão, a piedade e a bondade.

O Deus do Evangelho, que Jesus nos ensinara a amar, os alemães pretenderam trocar por não se sabe qual divindade sombria e cruel, que se assemelha muito menos ao Deus dos cristãos do que ao Odin<sup>7</sup> escandinavo em seu *Walhalla* manchado de sangue.

A essas concepções de outras eras, nas quais ao mais grosseiro materialismo se alia um misticismo bárbaro, devemos contrapor, sob a égide da Virgem Lorena, um espiritualismo claro e progressista, feito de luz, justiça e amor.

Esse espiritualismo mostrará ao mundo a lei eterna que prega a liberdade, a responsabilidade de todos os seres e que lhes impõe a necessidade de resgatar, pelas existências sucessivas e dolorosas, todo o mal que hajam praticado.

E após a expiação ela assegura o ressurgimento e a partilha, para todos, das alegrias e bens celestes, na proporção justa do merecimento conquistado e dos progressos realizados.

Eis a doutrina que Joana preconiza, que não se ocupa apenas com a libertação da pátria, pois que, desde muitos anos, coopera também em sua renovação moral. Todos aqueles que freqüentam os grupos de estudo onde ela se manifesta sabem com que carinho vela por essa doutrina, sustentando seus defensores e trabalhando por sua difusão no mundo.

Joana, inspirada pelo Alto, cumpriu outrora uma missão que, no decorrer dos tempos, serviria de exemplo para todos. Hoje se compreende que o papel da mulher poderia ser o de fortalecer o ânimo do homem, aumentando-lhe a dedicação patriótica. Realmente, no seio da família, sua missão é mais modesta; mas a educação que dá ao filho deve despertar-lhe a energia e o valor, acentuando-lhe o amor à pátria e todas as virtudes daí decorrentes.

Assim ver-se-ão desenvolver as energias do país; a fusão dos partidos tornar-se-á mais fácil, assim como a missão de todos, porque estarão unidos por um nobre ideal comum.

\*

Separados na paz, os franceses se uniram diante do perigo. Ontem incrédulos, apelam hoje às forças divinas e humanas capazes de fortalecer a raça; apelam às inspirações do Alto, que vivificam as almas e despertam as qualidades viris adormecidas.

Estamos certos de que esse estado de espírito há de persistir. No momento atual existem, em nossa linha de frente, cerca de três milhões de homens que sentem iguais fadigas e sofrem iguais perigos. É impossível que as provações sofridas por eles não constituam um laço poderoso e que, unidos pelo coração e por um mesmo pensamento, não trabalhem unidos para o reerguimento da pátria.

Joana os ajudará para conseguirem esse objetivo e, por seu intermédio, afirmamos nós, será feita a união de todos os partidos, porque a Virgem de Orléans não é propriedade de nenhum deles. Pertence a todos e cada um encontrará em sua vida um motivo para venerá-la.

Os monarquistas glorificarão nela a heroína fiel que se sacrificou pelo rei; os crentes, a enviada providencial que surgiu na hora dos desastres.

Os filhos do povo a amarão como a camponesa que se armou para salvar a pátria; os soldados se recordarão de que, como eles, ela sofreu e foi ferida duas vezes; os infelizes, que ela suportou todas as amarguras, todas as provações, e que bebeu o cálice das dores até o fim.

Todos verão nela uma demonstração da força superior, da força eterna encarnada em um ser humano para executar obras capazes de elevar as inteligências e reconciliar todos os corações.

## V A Justiça Divina e a Atual Guerra

**14 de julho de 1915**

Faz um ano que as provações de uma guerra sem precedentes desabam sobre a França.

Estende-se sobre nossa pátria um véu de tristeza e de luto, e muitos de nossos irmãos choram por seus entes queridos.

Diante de tantos sofrimentos, é necessário voltar nossos pensamentos para os princípios divinos que comandam as almas e as coisas.

A solução dos inúmeros problemas que a atualidade apresenta só encontraremos na Doutrina Espírita; é nela que acharemos as consolações necessárias para diminuir nossa dor.

Abalados pelos acontecimentos, vários amigos me indagaram: “Por que Deus permite tantos crimes e tantas calamidades?”

Antes de tudo, Deus respeita o livre-arbítrio humano, porque ele é o instrumento de todo o progresso e a condição fundamental de nossa responsabilidade moral. Sem liberdade e sem livre-arbítrio não haveria bem nem mal e, conseqüentemente, não poderia existir progresso.

Esse é o princípio de liberdade que forma, ao mesmo tempo, a prova e a grandeza do homem, conferindo-lhe o poder de escolher e de agir; é a fonte dos esplendores morais para quem decide progredir.

Na presente guerra não se tem visto algumas pessoas descerem abaixo da animalidade e outras, pela dedicação e sacrifício, alcançarem as alturas do sublime?

Sabemos que, para os espíritos inferiores, como o são a maior parte dos que povoam a Terra, o mal é o resultado inevitável da liberdade. Porém, do mal cometido, Deus sabe, em sua profunda e infinita sabedoria, extrair um bem para a humanidade. Colocado acima do tempo ele domina o correr dos séculos, enquanto nós, em nossa transitória existência, temos dificuldades em apreender o entrosamento das causas e seus efeitos. Mais cedo ou mais tarde, entretanto, a hora da eterna justiça soará inevitavelmente.

Acontece que, muitas vezes, os homens se esquecem das leis divinas, do objeto da vida, resvalam na ladeira do sensualismo e se atolam na matéria. Então, tudo o que constituía a beleza da sua alma se encobre e desaparece, dando lugar ao egoísmo, à corrupção e aos desregramentos em todas as suas formas. Era o que acontecia entre nós, desde muito tempo; a maior parte dos nossos contemporâneos já não possuía outro ideal que a riqueza e os prazeres.

O alcoolismo e a devassidão tinham secado os mananciais da vida e, para tantos excessos, sobrava apenas um remédio: o sofrimento! Sabemos que as más paixões emanam fluidos que se acumulam, paulatinamente, e terminam se transformando em catástrofes e calamidades: daí a guerra atual.

Todavia, não faltaram avisos, mas os homens permaneceram insensíveis às vozes celestes.

Deus permitiu que ela explodisse porque sabe que a dor é o único meio eficiente para reconduzir o homem às coisas mais sadias e os sentimentos mais generosos.

Entretanto, a ira do inimigo foi contida e, não obstante o talento da sua organização e do meticoloso preparo, a Alemanha foi detida na realização dos seus planos. Sua crueldade feroz e sua ambição sem limites despertaram os poderes celestes contra ela.

Após um trabalho lento de desagregação do antimilitarismo, a vitória do Marne e o entusiasmo de nossos soldados só se explicam pela interferência das forças invisíveis. Como, porém, essas forças sempre estão em atividade, apesar dos sombrios prognósticos atuais, conservamos intacta a nossa confiança no porvir.

\*

Deus podia, do ponto de vista material, evitar a guerra, entretanto, do ponto de vista moral não podia fazê-lo, visto que uma de suas supremas leis exige que todos nós, individual ou coletivamente, soframos as conseqüências de nossos atos.

Todas as nações empenhadas na presente guerra são culpadas, em diversos graus. A Alemanha levantou contra si as forças vingadoras, pelo seu orgulho insensato, o culto da força bruta, o desprezo ao direito, suas mentiras e seus crimes.

O orgulho excessivo acarreta sempre a queda e o fracasso: foi a sorte de Napoleão e será a de Guilherme II.<sup>8</sup> As responsabilidades deste último são tremendas, porque sua atitude não produz apenas hecatombes sem precedentes na História; ela poderia também retirar da Europa a coroa da civilização. Ele conseguiu iludir a opinião pública durante muito tempo, mas não enganará a justiça eterna.

Já dissemos que, relativamente à França, a leviandade, a imprudência, o amor descontrolado dos prazeres deveriam atrair-lhe inevitavelmente duras provas. Assinalemos que foi um dia após um processo, onde a podridão nacional se destacava claramente, que a guerra explodiu.

O que existia de pior entre nós não eram os nossos defeitos, porém um estado de consciência que não distinguia mais o bem do mal: é a pior das condições morais.

Os laços de família estavam afrouxados de tal modo que um filho era considerado como uma carga, daí o despovoamento que, como conseqüência de nossos vícios, nos tornou fracos e diminuídos diante de um temível adversário; mas a alma francesa ainda conservava enormes recursos, podendo sair retemperada desse banho de sangue.

Diante da divina justiça, não são apenas a Alemanha e a França as nações responsáveis por enormes dívidas, pois entre os males que destacamos há muitos que se estendem por toda a Europa.

Encontramos por toda parte criaturas semelhantes àquelas que existem em torno de nós, cujas consciências desapareceram e fizeram do bem-estar o objeto exclusivo de suas existências, como, aliás, certos políticos e estadistas que pretenderam dirigir os destinos de nosso país.

Deus permitiu que as calamidades tivessem um caráter geral, a fim de reagir contra essas doenças da consciência e esse baixo materialismo. Caso fossem apenas parciais, muitos teriam assistido com indiferença aos sofrimentos dos outros.

Para tirar as almas da letargia moral e do profundo mergulho na matéria era preciso que esse raio abalasse a sociedade até em seus alicerces.

Já será suficiente a terrível lição que nos foi reservada? Se resultar inútil, se as causas morais da decadência e dos fracassos continuarem em nós, então seus efeitos continuariam se produzindo, reaparecendo a guerra com seu cortejo de males.

É necessário, pois, que a vida nacional recomece em bases morais e que, terminando a tormenta, a alma humana aprenda a se desfazer dos bens materiais, compre-

endendo seu desvalor. Sem isso foram estéreis todos os sofrimentos e nossa bela juventude foi ceifada sem benefícios para a França.

\*

Algum dia poderemos abolir ou apagar os ódios que separam os povos?

Os socialistas já o tentaram, mas sua propaganda internacional só lhes deu como resultado uma derrota estrondosa. Os protestos nobres e inúteis dos pacifistas e seus apelos para uma arbitragem apenas parecem, no presente conflito, uma pueril ilusão, porque as nações, a um simples vento de tempestade, se lançam umas contra as outras, sem pensar num recurso ao Tribunal de Haye.

As religiões também se mostram impotentes. Dois imperadores cristãos, ou que se dizem cristãos, místicos e devotos, iniciaram todas as calamidades atuais, e o próprio Papa não conseguiu achar o termo forte para condenar as atrocidades alemãs.

Para diminuir nossos males seria necessário uma renovação completa da educação e um despertamento da consciência profunda; era preciso ensinar a todos, desde a infância, as grandes leis da vida com os deveres e as responsabilidades decorrentes. Seria preciso que, bem cedo, todos ficassem certos de que todas as nossas ações fatalmente recaem sobre nós com suas conseqüências boas ou más, felizes ou infelizes, tal qual a pedra lançada ao ar que volta a cair ao chão.

Numa palavra, deve-se dar às almas alimento mais substancial e mais vivo do que aquele com o qual se alimentaram desde muitos séculos, chegando ao fracasso intelectual e moral que vemos com tristeza.

Enquanto o egoísmo escolar e o religioso mantiverem o homem na ignorância da verdadeira finalidade da vida e da grande lei evolutiva que regula a existência através de suas fases sucessivas, a sociedade continuará entregue às paixões más, à devassidão, e a humanidade estará destruída por violentas convulsões.

Seria então o momento de ensinar o homem a se conhecer e a dirigir as forças nele existentes. Se o homem soubesse que todos os seus pensamentos, ações, movimentos hostis, egoístas ou invejosos colaboram para aumentar os maus poderes que agem sobre nós, alimentam as guerras e precipitam as desgraças, muito mais cuidado teria no seu modo de agir e muitos males seriam atenuados.

Só o Espiritismo poderia dar esse ensino. Infelizmente, sua falta de organização lhe tira a maior parte dos recursos, só restando a iniciativa individual, que muito pode na restrita área de sua ação.

Todos os espíritas têm o dever de divulgar em seu derredor a luz das eternas verdades e o bálsamo das celestes consolações, tão úteis nas horas de provações que atravessamos.

No meio da tempestade ergue-se a voz dos poderes invisíveis para fazer um apelo supremo à França e à humanidade. Se esse apelo não for ouvido, se não conseguir despertar consciências, se nossa sociedade continuar nos vícios, na incredulidade e na corrupção, a era de dores será prolongada ou se renovará.

Todavia o espetáculo das heróicas virtudes decorrentes da guerra nos conforta, enchendo-nos de esperança e de confiança no futuro de nossa pátria.

Agrada-nos ver nele o ponto de partida de um renascimento intelectual e moral, a origem de uma corrente de idéias bastante poderosa para espantar os miasmas políticos, estabelecendo o regime exigido pelas circunstâncias, e assim surgirá uma nova França mais digna e capaz das grandes obras.

Oh! alma viva da França, livra-te das pesadas influências materiais que impedem o teu impulso e sufocam as aspirações de teu gênio!

Neste 14 de julho escuta a sinfonia que se eleva de todos os pontos do território nacional; as vozes dos sinos que, em ondas sonoras, escapam de todos os campanários; as vozes das antigas cidades e das povoações tranqüilas; vozes da Terra e do Espaço que te chamam e te convidam a continuar tua marcha, tua ascensão até a luz!

\*

Soldados que, na linha de batalha, mostrais ao inimigo a trincheira de vossos peitos e de vossos valentes corações, sois a carne de nossa carne, o sangue de nosso sangue, a força e a esperança de nossa raça.

As irradiações de nossos pensamentos e de nossas vontades se dirigem a vós, para vos sustentar na luta ardente em que estais empenhados.

Escutai, vós também, a harmonia que neste dia sobe das planícies, dos vales e dos bosques, das cidades populosas e dos campos modestos, unidos aos toques marciais do clarim e aos vibrantes acordes da *Marseillaise*! É a voz da pátria que vos diz:

“Velai e lutai. Combateis pelo que há de mais sagrado neste mundo, pelo princípio de liberdade que Deus colocou no homem e que ele próprio respeita: a liberdade de pensar e de agir sem precisar prestar contas ao estrangeiro.

Combateis pela manutenção do patrimônio que os séculos nos legaram, pelo cemitério onde jazem nossos antepassados, pelos campos que nos alimentaram e por todos os tesouros da arte e da beleza acumulados pelo trabalho lento das gerações em nossas bibliotecas, museus e catedrais.

Combateis para conservar a nossa língua, esse idioma tão meigo que o mundo todo considera como a expressão mais nítida e mais clara do pensamento humano.

Defendeis o lar da família, onde gostais de repousar o vosso espírito e a vossa alma, o berço de vossos filhos e os túmulos de vossos pais!

Soldados, vós crescestes do ponto de vista terreno. Por vossa firmeza na provação e por vosso heroísmo nos combates, elevastes o prestígio da França aos olhos do mundo e tornastes mais brilhante a auréola de glória que lhes ornamenta a frente.

É bom, agora, aspirar aos céus, cumprindo erguer os pensamentos para Deus, que é a fonte de toda a força e de toda vida!”

Para vencer, não bastam armas aperfeiçoadas e um poderoso instrumental material; é preciso também ter ideal e disciplina. É necessário que as almas tenham confiança num futuro infinito, a fé esclarecida e a certeza de que uma justiça infalível preside os destinos de todos nós.

Tomai cuidado com os negadores de verdades evidentes e com os que dizem que a morte é o fim de tudo, que o ser perece completamente, que os esforços, as lutas e os sofrimentos do ser humano só obtêm como recompensa o nada.

Acostumai-vos a orar antes da batalha e a suplicar o socorro do Alto, porque, abrindo-lhes os vossos corações, ele se tornará mais intenso e mais poderoso.

Desconfiai de quem vos diz: “Não há fronteiras, a pátria é apenas uma palavra e todos os povos são irmãos.” Reims, Soissons, Arras e tantas outras cidades podem

falar, eloqüentemente, sobre essas teorias. Não foi com elas que nossos antepassados constituíram a França, através dos séculos, tornando-a grande, forte e respeitada.

Cada povo tem seu talento particular, mas para manifestá-lo, precisa de independência e é dessa diversificação e desses mesmos contrastes que surge o incentivo e nascem o progresso e a harmonia.

Soldados, escutai a sinfonia que sobe das planícies, dos vales e dos bosques, misturada aos rumores das cidades, aos cânticos patrióticos e às fanfarras guerreiras.

Das florestas de Argonne aos desfiladeiros dos Pyrénées, das margens floridas da Côte d'Azur aos jardins da Touraine e às praias da Normandia, dos promontórios bretões, banhados pelas ondas, até aos Alpes majestosos, a grande voz da França entoa o seu hino eterno!

Sua prece se ergue ainda mais alto, a prece dos vivos e a dos mortos, a prece de um povo que não está disposto a morrer e que, em meio a sua angústia, volta-se para Deus e invoca socorro, a fim de salvar sua independência e manter intactas sua glória e sua grandeza!

## VI O Despertar do Gênio Céltico <sup>9</sup>

Assim como um lago que a tempestade agita vê surgir à superfície as coisas submersas no fundo de suas águas, também o drama imenso que perturba o mundo faz aparecer, com as forças latentes, todas as violentas paixões, as cobiças e os ódios que dormitavam no fundo da alma humana.

Neste momento cruel, é agradável descansar o pensamento nos grandes vultos que guiaram, iluminaram e confortaram a humanidade, estando nesse número Allan Kardec.

Há cerca de 20 anos percorria eu as praias da Bretagne, essa terra de granito agitada pelas tempestades e varrida pelos fortes ventos do mar. Lá estão os colossos de pedra, os imponentes monumentos megalíticos, erguidos por nossos antepassados, os celtas, à beira do oceano.

É verdade que Camille Jullian e outros sábios lhe dão origem mais antiga, porém, sejam quais forem seus autores, representam um grande pensamento religioso e os druidas dele se utilizaram para as necessidades de seu culto austero.

Falarei aqui dos célebres alinhamentos de Carnac, que contavam, ainda na Idade Média, doze mil pedras do Menhir de Locmariaquer, dividido hoje em três pedaços com 25 metros de altura!

Precisarei falar dos dolmens e das grutas funerárias que cobrem toda a região?

Quantos viajantes passaram perto desses blocos misteriosos sem entender o seu sentido?

De minha parte sempre me esforcei em estudar essa gigantesca bíblia de pedra e ela me revelou a religião de nossos antepassados, tão caluniados pelo Catolicismo idólatra: Deus é grande demais, pensavam eles, para ser representado por imagens e só a natureza, virgem e livre, pode dar uma idéia de seu poder e de sua grandeza.

Toda pedra talhada é pedra maculada e somente debaixo das abóbadas sombrias das florestas seculares ou do alto das penedias, de onde o olhar abarca os imensos horizontes do mar, podemos entrever o Ser Infinito e Eterno!

Vós bem sabeis que eles acreditavam na pluralidade dos mundos habitados, no progresso das almas pelo caminho das vidas sucessivas, e mantinham o intercâmbio dos vivos com os mortos.

Nessas profundas fontes Allan Kardec ilustrou seu espírito e em ambientes idênticos ele outrora viveu. Talvez não na Bretagne, mas na Escócia, conforme indicação de seus guias. A Escócia era habitada pela mesma raça e ali os monumentos megalíticos são numerosos. Ainda hoje a tradição céltica paira sobre os lagos e os montes, entre as neblinas melancólicas do norte.

As faculdades psíquicas, principalmente a vidência, são hereditárias em muitas famílias e Kardec aprendeu nessa terra a filosofia dos druidas, preparando-se para as grandes empresas futuras, no estudo e na meditação.

Em sua última existência, tudo nele, o caráter grave, o ardente amor pela natureza, o nome de Allan Kardec, que ele mesmo escolheu, até o dólmen erguido no seu túmulo em cumprimento ao seu desejo, tudo nele, repito, recorda o homem do visco <sup>10</sup> do carvalho, que retornou a esta Gália para fazer renascer a fé extinta, revivendo nas

almas o sentido de imortalidade, a crença nas existências sucessivas e a estreita solidariedade que liga o mundo visível ao mundo invisível.

Kardec, meu mestre! É sob esse aspecto, bem pouco conhecido, que desejo considerar-te! É em nome dessas lembranças comuns que te venho dizer: inspira-nos na realização da obra começada, guiando-nos no caminho que teus primeiros esforços abriram.

\*

Assistimos, no presente momento, a um dos maiores dramas da História, a uma nova invasão dos bárbaros, mais terrível que as antigas, e que ameaça destruir a obra dos séculos, arrasando a civilização. Porém as qualidades heróicas de nossa raça despertam a intrepidez, o espírito de sacrifício e o destemor da morte.

Ante o perigo, os filhos da Gália, da Grã-Bretanha, da Escócia e da Irlanda, em uma palavra, todos os celtas, reuniram-se para conter o avanço feroz dos alemães e, junto com esses celtas, o exército invisível dos seus antepassados também combate com eles, sustentando-lhes a coragem e incutindo-lhes ardor e perseverança em seus esforços. Esse auxílio do Alto é a garantia de uma vitória próxima e segura.

Após a luta, deveremos procurar meios de levantar moralmente a pátria e dela afastar o abismo dos males em que quase caiu.

Antes da guerra, o que constituía aos olhos do mundo nossa fraqueza e nosso descrédito era parecermos um povo sem ideal e sem religião.

É verdade que a doutrina pura do Cristo, alterada, desfigurada e mesclada, no correr dos tempos, com elementos parasitas e estranhos, já não nos oferecia uma concepção da vida e do destino em harmonia com o conhecimento adquirido acerca do Universo e suas leis.

A França, sem o perceber, caíra na indiferença, no cepticismo e na sensualidade, porém um terrível acontecimento nos deteve nessa descida fatal. Na hora da desgraça, todos compreendemos a necessidade de uma fé verdadeira, estribada na experiência, na razão e nos fatos, uma fé que proporcione à alma a convicção de um futuro infinito e o sentimento de uma justiça superior, determinando deveres e responsabilidades.

Talvez me perguntem de onde virá essa nova fé. Assim como as qualidades varonis de nossa raça salvarão a pátria da ruína e da destruição, também o retorno às tradições da raça restituirá a força moral, preparando a salvação e a regeneração.

É aí que a obra de Allan Kardec se mostrará providencial, numa oportunidade incontestável, pois o Espiritismo não se constitui em outra coisa que a volta às crenças celtas, enriquecidas pelo trabalho dos séculos, os progressos da ciência e as conquistas do espírito humano.

Não há possibilidade de ressurgimento sem uma educação nacional que transmita às gerações o real sentido da vida, de sua missão e de sua finalidade; sem um ensino que esclareça as inteligências, fortifique os caracteres e as consciências, ligando os princípios fundamentais, elementares, da Ciência, da Filosofia e da Religião.

Tais poderes, até então antagônicos, se fundirão para maior benefício da sociedade, porém a humanidade espera por esse ensino, que proporcionará ao ser os meios de se conhecer, de medir as próprias forças e de estudar o mundo desconhecido que cada um traz dentro de si.

Aceitando essa iniciativa, que está na sua missão e no seu gênio, a França se tornaria, realmente, a grande semeadora que daria o sinal da libertação do pensamento.

Assim, o túmulo de Allan Kardec seria o berço de uma nova idéia, mais radiante e mais pura, guiando o homem através das dificuldades de sua peregrinação terrena.

A melhor maneira de homenagearmos a memória de nosso ilustre mestre é nos envolvermos em sua obra, comungando com o seu pensamento, tornando-nos mais unidos, mais firmes, mais decididos na vontade de trabalhar pelo seu triunfo e sua divulgação no mundo.

O Espiritismo não poderá encontrar momento mais favorável que este para manifestar o poder de consolação, verdade e luz que nele reside.

Em nosso redor não há inumeráveis dores? Quantas pobres criaturas choram entes queridos! Quantas outras, feridas, mutiladas ou privadas da vista para o resto da existência! Quantas famílias arruinadas, despojadas, expulsas de seus lares por um inimigo cruel!

Para aceitar suas provações, todos precisam de nossas crenças; só a certeza de que um dia irão reunir-se com os seres amados fará menos doloroso o tempo da separação.

O conhecimento da lei dos destinos fará compreender que os nossos sofrimentos são meios de depuração e de progresso.

A nossa doutrina devolverá a todos a esperança, o valor e a confiança! Semeemos, pois, abundantemente, a semente fértil, não nos preocupando com as críticas e as zombarias, pois quem hoje ri de nossos princípios amanhã terá a alegria de neles encontrar a força para suportar seus males.

Oh, Allan Kardec! Espírito do grande Codificador, no momento em que chovem sobre a nossa pátria tantas provações, quando a angústia abate tantos corações, protege-nos, ampara teus adeptos, dando-lhes fé ardente para vencer todos os obstáculos; comunica-lhes o poder de persuasão, o calor do sentimento que desfaz a frieza da incredulidade, dando a todos a confiança no futuro.

Graças a ti, Kardec, graças à tua obra, depois de vinte séculos de silêncio e de esquecimento, a fé das antigas eras renasce na terra das Gálias como um raio luminoso que vem dissipar as sombras do materialismo e da superstição. Druida reencarnado, tu revelaste para nós esse grandioso pensamento sob uma nova forma, adaptada às circunstâncias de nosso tempo.

Nós, filhos dos celtas e herdeiros das crenças de nossos pais, te saudamos como a um representante do passado glorioso de nossa raça, que regressou a este mundo para restabelecer a verdade, guiando o homem nas suas lutas para a vida infinita.

E vós, irmãos, que deixastes a Terra antes de nós, incontáveis legiões dos heróis que sucumbiram em combate pela defesa da pátria, vinde pairar sobre os que lutam, não apenas pela libertação do solo pátrio, mas também pela verdade; vinde animar as energias e estimular em todos o profundo sentimento da imortalidade.

Ainda bem mais alto, nossos pensamentos e nossas palavras sobem a ti, Pai de todas as criaturas, para te dizer: Deus, escuta o apelo, o grito de agonia e angústia; ouve o gemido doloroso, lancinante, que sobe do solo francês, dessa terra banhada de sangue e lágrimas!

Salva a nossa pátria da ruína, da morte e do aniquilamento!

Empresta a nossos soldados o necessário vigor para repelirem um inimigo cruel e covarde!

Não podes permitir o triunfo de um adversário tão implacável que, debaixo de teu nome augusto e respeitado, manchou-se de crimes, mentiras e infâmia!

Não podes deixar sem castigo o atentado de Reims! Não podes admitir que estes sagrados princípios que dimanam de ti e que foram, em todas as épocas, o apoio moral, a consolação, a esperança e o ideal supremo da humanidade, isto é, a justiça, a verdade, o direito, a bondade e a fraternidade, sejam violados impunemente, espezinhados e reduzidos a nada!

Pelo amor a teus filhos, a nossos heróis e a nossos mártires, salva a França de Joana d'Arc, de São Luís e de Carlos Magno!

## VII O Dia de Finados na Trincheira

**2 de novembro de 1916**

O céu está sombrio e uma imensa tristeza envolve a Terra. As almas dos que caíram lutando pela pátria pairam no espaço em incontáveis legiões.

Nas casas solitárias, mulheres em luto pranteiam os desaparecidos.

Os órfãos da guerra, cujos pais repousam debaixo da terra, nas planícies da região de Flandres ou nos bosques da Lorraine, vão lentamente para os cemitérios, para ornar de flores os túmulos das mães que os sofrimentos e os desgostos mataram.

Bem ao longe, na trincheira, um jovem soldado vigia atentamente e lança os olhos em seu redor.

As linhas inimigas estão silenciosas e o canhão já se calou. A calma da natureza sucedeu ao tumulto da peleja e às conversas ruidosas dos acampamentos da retaguarda, porque aqui o perigo fez emudecer todas as conversações inúteis. A perspectiva da morte impõe a todos um grave recolhimento e os profundos pensamentos sobem dos corações aos cérebros.

Aquele jovem soldado é um intelectual, um sensitivo e um espírita, e faz um ano que está na linha de frente, entrando em vários combates e vendo os colegas mortos pela metralha.

De que depende sua própria vida? Ela não é como um argueiro, uma palha, no meio da tormenta? Todavia, ele sabe que está sobre sua cabeça uma proteção oculta e percebe que uma força desconhecida o ampara.

Como todos aqueles cuja vida interior é intensa, agrada-lhe ficar só e a solidão é para ele a grande escola inspiradora, a causa das revelações, e nela se concretiza a comunhão de sua alma com Deus. Complacentes, seus olhos repousam sobre a floresta próxima, que o outono vestiu com suas tintas de ouro e de púrpura.

Até ele chega a canção de um regato, as colinas que cercam o horizonte desaparecem no pálido clarão do poente. Desse espetáculo da natureza emana uma serena paz que nada, nem o pensamento do perigo nem o receio da morte, consegue perturbar.

Entre as cruentas visões da guerra, é bastante uma hora de contemplação para lembrar que a soberana beleza da vida e a eterna beleza do mundo superam todas as hecatombes humanas e que as guerras são impotentes para destruir qualquer parcela de embrião da alma.

A noite se estende sobre a planície e, entre as nuvens, as estrelas projetam sobre a Terra seus raios trêmulos como provas de amor, testemunhos da imensa fraternidade que liga todos os seres e todos os mundos.

Com a paz, a confiança e a esperança atingem seu coração. Certamente ele saberá sempre cumprir seu dever, batendo-se em defesa da pátria invadida, por cujo amor suportará todas as privações e trabalhos, porém as violências da guerra não lhe abafarão o sentimento superior da ordem e da harmonia universais.

Assim como para os celtas (seus antepassados), os cadáveres estendidos ao solo são para ele apenas corpos despedaçados que a terra se prepara para receber no seu seio maternal.

No mais profundo recesso de cada um de nós permanece um princípio imperecível contra o qual nada podem fazer todos os furores do ódio e todos os assaltos da força bruta.

É dali, desse santuário íntimo, que renascerá, após a borrasca, o anseio humano para a justiça, a piedade e a bondade.

\*

Entretanto, no silêncio da noite, uma voz murmura ao ouvido do jovem soldado (que é médium auditivo), palavras graves e solenes. É o Invisível que entra em cena para dizer-lhe:

“Escuta amigo, cujo pensamento chegou até mim e me atraiu: perguntas, às vezes, a ti próprio o segredo desta terrível guerra e tua razão se perturba com o espetáculo das desgraças que ela produz.

Ah! para que a seara sagrada germine é preciso que se rasgue o solo inculto como arado; é necessário mordê-lo com os dentes da grade e também esmagá-lo sob o peso do rolo. Só assim o grão novo poderá arrebentar a terra.

Se a guerra se alonga, é porque, por seu intermédio, grandes coisas necessárias se preparam e se organizam.

Uma guerra bastante rápida teria tocado, apenas de leve, a humanidade. Sua longa duração, sua crueldade e as conseqüências que decorrem dela, do ponto de vista social, político, religioso e econômico, criarão novas rodas, meios e molas por toda parte. Dela resultará uma transformação radical da sociedade, não apenas do ponto de vista da vida material, mas também no que toca ao ideal espiritualista.

Quantos corações esfacelados, quantas almas angustiadas nos procurarão, buscando consolo e conforto! Quantas inteligências, entregues às frívolas concepções, batidas pela dor, procurarão as grandes verdades!

Também nós estamos impacientes e queremos que termine essa carnificina, porque nosso coração se despedaça com o desfile de males de que conhecemos apenas pequena parte, mas que nós presenciamos em toda a sua extensão!

Como vós, também sofremos diante de tantas angústias e misérias, e mais ainda, porque as enxergamos melhor, porque temos, sobre vós, a vantagem de compreender mais claramente os objetivos divinos de tais lutas fratricidas.

Sabemos que a humanidade não se poderá salvar de um fracasso irremediável a não ser através dessa crise, e já vislumbramos a aurora de um brilhante renascimento.

Tende, portanto, confiança em nossa França imortal, não chorando os seus mortos, porque essa luta é dos espíritos celestes contra as potências do mal, dos espíritos de luz contra as legiões tenebrosas do abismo.

Não; Guilherme II, o grande mago negro, o evocador de Odin, não vencerá a França que, apesar de suas faltas e erros, sempre voltou os olhos para o ideal e para a luz!

Vossos mortos estão vivos e ainda combatem pela pátria e pela humanidade; presentes nas trincheiras, eles animam seus camaradas, inclinam-se sobre os feridos abandonados nos campos de batalha, para lhes diminuir os padecimentos e aliviar os horrores da agonia; consolam, com seus fluidos reconfortantes, aqueles que ficaram neste mundo.

A França quase sucumbiu no Marne e em Verdun, salvando-se, todavia, quando o monstro se encontrava em plena posse de todos os seus poderes e de toda a sua força. Agora, o inimigo começa a se cansar e se esgota, sendo inútil contrair todos os músculos que se afrouxam pouco a pouco, e chegará o dia em que o terrível monstro cairá sobre a areia manchada por seu próprio sangue, para nunca mais se levantar.

Não podemos nem devemos fixar datas, pois se Deus pode dizer ao espírito imundo: “Basta”, deve, todavia, entregar ao livre-arbítrio das nações e dos indivíduos a possibilidade de se manifestarem.

Quantas nações não serão julgadas e não sofrerão o peso de sua covardia, quando deviam defender a justiça violada!

Quantos indivíduos terão que pagar caro as traições e covardias que retardaram a vitória do bem e aumentaram o número de vítimas! Tremam todos porque a mão divina cairá pesadamente sobre eles.

Porém, que essas fraquezas e desfalecimentos não vos desesperem. A França vencerá. A vitória dos aliados, gloriosa entre todas, bela por tanto heroísmo, por tantos sacrifícios, apresentará ao mundo uma nova era de justiça, amor e beleza!”

## VIII

### Ação dos Espíritos sobre os Atuais Acontecimentos

#### Janeiro de 1917

A guerra vem representando o seu terrível drama há dois longos anos e a França padeceu cruelmente. Todo o peso de seus erros – leviandade, imprudência, cepticismo e o desenfreado amor material – recaiu sobre ela.

Apesar disso, a França não podia morrer, e no correr das hostilidades um valoroso espírito nos afirmava: “Os orgulhosos alemães, traidores e criminosos, não dominarão o mundo.”

Ao lado de seus erros a França apresentou, muitas vezes, qualidades generosas e, na suprema luta, nunca se rebaixou aos odiosos recursos usados pelos alemães, que desprezaram todas as leis divinas e humanas.

O procedimento da França, durante essa guerra terrível, causou espanto e admiração à Europa e ao mundo.

Antes que esses fatos ocorressem ninguém podia prever tal despertar das heróicas virtudes de nossa raça; pelo contrário, tudo parecia demonstrar uma decadência do caráter nacional.

A questão Dreyfus <sup>11</sup> deixara marcas persistentes e profundas; o pacifismo, o antimilitarismo e as teorias internacionalistas haviam trabalhado e minado os espíritos. Já não se acreditava na possibilidade de uma guerra e procurava-se diminuir, o mais possível, as obrigações e os créditos militares.

A lei de três anos foi motivo de longas e difíceis discussões e, mal tendo sido votada, já desejavam atenuar os seus efeitos.

Certos oficiais inferiores me afirmavam que, no lugar de combater, devolveriam o sabre e o revólver.

Na minha presença, os oficiais de um regimento do sul se queixavam da falta de patriotismo de seus soldados, tentando, por meio de conferências sobre a bandeira e os grandes exemplos da História, despertar a fibra patriótica, mas como resultado só conseguiam maliciosa indiferença.

Em uma canção muito divulgada, chegou-se ao ponto de dizer que as balas de nossos soldados seriam para seus generais.

A Confederação do Trabalho e os sindicatos dos ferroviários respondiam com a ameaça de greve às ordens de mobilização. Nesse ínterim a guerra rebenta e se opera rapidamente nos ânimos uma completa mudança: a mobilização se faz com presteza, gravidade e precisão.

Todos partem conscientes das grandes responsabilidades que irão desempenhar, resolutos até o sacrifício e até a morte, abandonando, sem hesitação, o lar, mulher e filhos que, talvez, jamais tornarão a ver.

Durante dois longos anos, com uma força de vontade incapaz de enfraquecer, o soldado francês sustentará o combate do mais valente exército que o mundo viu. Consciente do seu esforço e certo de seus recursos, sabe que está servindo à mais nobre das causas; a da pátria e a da liberdade.

A França apresentou-se ao mundo com o seu verdadeiro caráter. Todos a julgavam debilitada, enfraquecida e decadente. Alguns se atreviam a afirmar que seu papel histórico havia terminado, porém, no transcurso dessa gigantesca luta, ela não conheceu uma única hora de desalento nem de desesperança.

As mais duras provações, as maiores dificuldades encontraram a França mais corajosa, mais resoluta em continuar sua imensa tarefa até o triunfo do direito e da justiça.

Durante os combates diurnos e noturnos, nos quais frustravam os minuciosos cálculos e as infames maquinações da estratégia alemã, uma espécie de frenesi místico se apoderava do soldado francês.

Sob a crepitação das metralhadoras, debaixo da tempestade de ferro e de fogo, nas labaredas e nas ondas de gás asfíxiante, nosso soldado se mostrou sempre valoroso, ardente, disposto a todos os grandes feitos, a todos os esforços sublimes!

A França representa a força moral de nossa coligação nesse terrível drama, o maior que a humanidade já conheceu.

Foi a vitória no Marne que conteve a avalanche alemã e por muito tempo a imobilizou, dando assim aos aliados o tempo indispensável para preencher as lacunas de sua organização, remediando sua imprudência e, num esforço comum, reagir contra o mais terrível de todos os dispositivos militares.

Foi a França que, diante do mundo aterrado pela brutalidade alemã, defendeu, com seus aliados, contra um adversário covarde, criminoso e desleal, a causa da justiça, da verdade, da liberdade dos povos e o direito que todo homem tem de viver e morrer livre. Pode-se afirmar que ela salvou a Europa do mais opressor dos despotismos e, assim, impôs-se à estima e ao respeito da história, oferecendo seu sangue e seus recursos pelo progresso e salvação da humanidade.

Mudança tão completa e transformação tão radical só se podem explicar pelo despertamento das fortes qualidades de nossa raça, pelas lembranças evocadas e pelos heróicos exemplos que as gerações pretéritas nos deixaram como herança? É certo que tudo isso existe, porém há algo mais ainda: queremos nos referir à imensa ajuda trazida pelas legiões invisíveis.

Graças às orientações de nossos guias, desde o início da guerra pudemos acompanhar, em todas as suas etapas, a ação dos poderes ocultos que lutam conosco pela salvação da França e pelos direitos da eterna justiça.

Acima de nossas linhas, na hora dos combates, paira o incontável exército dos mortos, todas as almas dos heróis, notáveis ou obscuros, que morreram defendendo a pátria.

Em um vôo glorioso, como de grandes aves, eles se equilibram sobre nossos defensores, alentando-os na luta ardente e derramando sobre eles, com energia, forças psíquicas e fluidos adquiridos pelos séculos.

O exército invisível também tem comandantes ilustres, pois nossos médiuns videntes reconhecem Vercingétorix, Joana d'Arc, Henrique IV, Napoleão, os grandes generais da Revolução e do Império.

Essa visão impressiona profundamente os médiuns. Cada um de nossos comandantes, durante as operações, é secundado por um espírito poderoso que o inspira e guia na ação.

Às vezes, todos esses espíritos se congregam e deliberam, sendo suas decisões transmitidas pela intuição aos generais comandantes que, quase sempre, as obedecem pensando que realizam seus planos pessoais.

Nos momentos trágicos, o soldado francês tinha consciência desse socorro do Invisível. Sentia que uma força superior o amparava e o ajudava na grandeza de sua missão, garantindo-lhe que a sorte de seu país estava em suas mãos.

Aos esforços dos soldados em ação somavam-se os dos colegas que morreram, porque não dormem debaixo da terra os espíritos daqueles que, no correr de 20 meses, tombaram pela metralha alemã; tornamos a encontrá-los nessa multidão invisível, cujas ondas imensas se entrechocam com o inimigo.

\*

Neste momento, quando a borrasca se aplaca e os clarões da esperança iluminam o horizonte, chegou a hora de nos recolhermos em meditação, concentrando-nos e fazendo um exame de consciência.

Não nos cabe nenhuma parte de responsabilidade nesse drama tão terrível que agita e conturba o mundo?

Combatemos com toda a energia necessária contra essa decomposição moral que é a causa primária de todos os nossos males? Tentamos reagir contra o domínio do ouro, da força e do sucesso, que parecia tornar-se a religião exclusiva da humanidade? Temos defendido sempre os princípios nobres da consciência e da vida contra a onda avassaladora do sórdido materialismo?

Poucos existem em nosso meio que, atingindo certa idade e tendo ocupado uma posição social, e exercendo qualquer tipo de influência em sua volta, possam responder afirmativamente a tais perguntas.

Não há, portanto, de que nos admirarmos, se ficamos feridos em nossas afeições e interesses e se nos cabe uma parte na dor comum.

Principalmente para nós, os crentes, é necessário que a grande lição seja proveitosa e que os sofrimentos purifiquem os nossos corações.

O vento da tempestade que está passando sobre o mundo deve reavivar em nós o firme desejo de trabalhar pelo soerguimento moral de nosso país, despertando em todas as almas a noção das verdades elevadas, o sentimento da vida eterna e a idéia de Deus.

Cabe, afinal, que se juntem as vontades e as aspirações e que a prece fervorosa, dirigida ao Pai pelos filhos culpados, se eleve da Terra para o Céu.

Cada vez mais mergulhávamos na matéria e perdíamos de vista o profundo sentido e a verdadeira finalidade da vida. Trágicos acontecimentos vieram nos demonstrar que neste mundo tudo é precário e nos animar a erguer os olhos para o Alto. Esses acontecimentos nos dizem que neste planeta não temos o futuro assegurado e que os bens, as honras e tudo quanto nos seduz e encanta desaparece como uma sombra vã.

Fomos criados para a vida infinita e nosso domínio é o Universo inteiro, não sendo a Terra senão uma das incontáveis estações de nossa longa jornada.

Pertencemos a Deus, de onde viemos e para onde volveremos, aperfeiçoando e desenvolvendo nosso ser, através da alegria e do sofrimento, pelo júbilo ou pela dor.

Nosso corpo é apenas uma prisão temporária e a morte é uma libertação. A sabedoria consiste, pois, em sempre subordinar a matéria ao espírito, porque ela não é mais que uma aparência, enquanto o espírito é a única realidade viva e imortal.

O sofrimento é sagrado por ser a escola austera das almas, o meio mais seguro de purificação e elevação.

A dor é a reparação do passado e a conquista do futuro; é a possibilidade que nos é oferecida para nos juntarmos aos nossos queridos invisíveis, participando de sua vida espiritual, seus trabalhos e suas missões.

Pela dor nossos destinos se ajustam e se marcam de modo mais vivo, ensinando que a hora presente é solene para a humanidade, cujo progresso ou recuo ela pode precipitar.

Pela conjugação de nossos esforços podemos garantir a vitória do bem sobre o mal, da luz sobre as trevas, do altruísmo sobre o egoísmo brutal, permitindo que algum progresso se faça para o reino do Espírito Divino.

Depois da tormenta virá o tempo de paz, permitindo realizar o balanço moral dessa guerra. Veremos então que nossos males deram seus frutos. Os crimes, as covardias e as traições que o presente carrega suscitarão um sentimento universal de reprovação e de horror, impedindo que eles se repitam.

Por outro lado, as privações e o sofrimento experimentados em comum associam os corações, anulando distinções entre partidos e religiões, tornando definitiva a união sagrada que a necessidade dos dias tristes impôs.

Todos os filhos da França se sentirão como irmãos, animados pelo mesmo espírito, dispostos a preparar a vitória das forças morais e, através delas, o soerguimento da pátria.

Grande número de jovens já começa a entrever as nobres verdades que só alcançam quando mais idosos e mais experientes. Antes da guerra eles passavam por materialistas e amantes dos gozos, porém, premidos pelas circunstâncias, diante do perigo, na presença da morte e principalmente nas longas esperas da trincheira, o pensamento lhes amadureceu.

Aos seus olhos apareceram novas perspectivas, vozes interiores lhes cantaram dentro d'alma, e a vida agora lhes apareceu sob um aspecto não conhecido. O mundo invisível, que na sangrenta luta os animava, os inspira nas horas de calma e repouso, sugerindo-lhes nobre e elevado ideal, depositando em suas almas os germes de sagrada semente.

Sobre isso, recebi muitas cartas da linha de frente, que servem de outros tantos testemunhos. Uma coisa elas demonstram: que se forjam vontades cuja têmpera enfrentará todos os choques e que, do caos dos acontecimentos, surgirão almas seletas que, conscientes do seu valor, penetradas pela grande lei dos destinos, nenhum fracasso lhes poderá enfraquecer a fé.

Estarão preparadas para todos os sacrifícios, pois seu ideal as eleva acima de todas as provações, de todas as decepções, sabendo que o futuro lhes pertence.

Na escola do sofrimento, as presentes gerações aprenderão a renunciar aos seus erros e vícios, imprimindo novas direções à vida nacional e preparando os elementos de uma renovação que restituirá à França todo o brilho de seu gênio e todo o seu prestígio no mundo.

Assim se faz a História: pela íntima e profunda colaboração das duas humanidades, a da Terra e a do Espaço.

A observação superficial, considerando apenas o plano terrestre, vê os fatos se sucederem desordenadamente, sem nexos, numa aparente incoerência, só explicável pelo livre-arbítrio que Deus concede ao homem, de agir ao seu gosto.

Todavia, se contemplarmos as coisas de mais alto, distinguiremos melhor o misterioso fio que as liga. Através da marcha maravilhosa dos séculos se vislumbra a obra da eterna justiça.

## IX O Espiritismo e as Religiões

### 1 Fevereiro de 1917

O Espiritismo não é inimigo das religiões; ao contrário, fornece-lhe poderosos elementos de valor e de regeneração.

Os conhecimentos que ele nos proporciona sobre a vida no Além e as condições em que se desenvolve a existência após a morte, a certeza de leis justas e eqüitativas regendo o mundo invisível, formam outros tantos meios de análise e exame crítico, permitindo separar, nas religiões, o que é artificial e ilusório do que é real e imperecível.

Não há dúvida de que os fenômenos do Espiritismo se encontram na origem de todas as religiões, porém estas lhes emprestam um caráter sobrenatural e milagroso, transferindo-os para um passado remoto e fazendo-os perder toda a importância sobre a vida moral e social.

O intercâmbio com o invisível era apenas hipótese, uma vaga esperança; com o Espiritismo, torna-se certo e permanente.

Estamos vivendo uma das maiores épocas de transição da História. Os fatos que se estão desenrolando, as cruentas lutas dos povos e as subversões sociais são o começo, a preparação de uma nova ordem de coisas.

Quando terminar a guerra, a mente humana analisará todos os seus aspectos e procederá a um exame profundo de todas as forças que agiram no decorrer desses trágicos anos. Então comprovaremos que são as idéias que conduzem o mundo. O patriotismo, ao unir os corações dos franceses, conteve a invasão, limitando seus estragos.

O amor pela terra natal acordou o heroísmo que, apoiado pelos auxílios poderosos do mundo oculto, salvou a França.

Por isso a idéia de pátria terá que ocupar um lugar especial no ensino da educação popular. Entretanto, isso não será o bastante: para terminar com nossas desavenças, nossas rivalidades, lutas de classes e de interesses é preciso, antes de tudo, unir inteligências e consciências, pois sem a harmonia das almas não poderá haver a harmonia social.

Todavia, como se poderá preparar tal união? Trabalhe-se com ardor, com espírito de tolerância e concórdia, para aproximar os objetivos, as aspirações e as crenças. Dois poderosos meios se apresentam: A ciência e a fé.

Antagônicos na aparência, essas tendências se conciliam e se completam mutuamente, como veremos no decurso deste livro. Elas podem fornecer facilmente uma concepção da vida e do destino, uma noção das leis superiores e uma base moral, coisas estas que são indispensáveis à nossa perturbada sociedade e sem as quais a existência seria vazia de sentido, sem finalidade e sem sanção.

\*

Dentro de toda alma humana há um retiro, um ponto secreto, onde se instala a centelha divina, a parte do Infinito que garante a cada um de nós a indestrutibilidade do seu *eu*. Ali dormitam as forças invisíveis, os recursos psíquicos cujo desenvolvi-

mento fará, mais tarde, do ser mesquinho, frágil e ignorante que somos no princípio de nossa evolução, um gênio preparado para as grandes empresas e capaz de desempenhar um papel notável no Universo.

A verdadeira religião consiste em utilizar esses recursos ocultos e valorizá-los. Ela tem que nos ensinar a colocar o ser interior em comunhão com o divino, expandindo-o, libertando-o de influências inferiores, fazendo-o adquirir a plenitude de sua irradiação.

Conseguido esse estado espiritual, a alma humana poderá realizar suas mais árduas missões e aceitar com alegria as provações mais duras. Saberá conservar nos dias mais difíceis um otimismo e uma confiança inquebrantáveis.

Esse estado de espírito pode ser encontrado em todas as religiões, bem como fora delas. Atendo-se às práticas rituais da liturgia e aos diversos dogmas existentes dentro dos limites em que comumente se encontra a idéia religiosa, com freqüência esquece-se da fé independente que paira acima de todos os cultos e não se sujeita a “credo” de nenhuma igreja.

Essa religião, pessoal e livre, talvez conte com maior número de membros do que as religiões reconhecidas, porém o número exato de seus adeptos foge a todo cálculo.

As descobertas científicas nos deram uma concepção do Universo vasta e grandiosa, mas diferente daquela possuída na Idade Média e na antigüidade.

A experimentação psíquica e o estudo do mundo invisível abriram perspectivas ilimitadas para a vida e para o destino do ser; o homem se sentiu ligado a todos os que pensam, amam e sofrem, na imensidão dos espaços.

Os modelos das religiões caducas se romperam com o impulso triunfante do espírito, sequioso para conquistar sua legítima parte de verdade e de luz. Quase não existem intelectuais que não tenham criado uma crença inspirada na observação direta da natureza, isenta das rotinas seculares, baseada na ciência e na razão.

Os partidários dos dogmas não pretendem ver nesse sentimento senão o que denominam ironicamente de “religiosidade”. Realmente, ele possui em germen os elementos dessa religião universal, simples e natural que haverá, um dia, de reunir todos os povos do planeta e fundir as igrejas particulares, assim como os rios se fundem no oceano.

Os atuais acontecimentos repercutirão profundamente em todas as formas da atividade social e, assim que a paz reinar novamente no mundo, haverá uma revisão de todas as causas que contribuem para o progresso humano, não escapando as religiões a uma análise crítica e rigorosa.

Os terríveis fatos que estão acontecendo darão a medida que permitirá calcular o poder ou a fraqueza moral das religiões.

Verificar-se-á, não sem certo espanto, que a educação religiosa de povos que se intitulam cristãos, como a Alemanha e a Áustria, nada conseguiu fazer para impedir os mais condenáveis crimes que fazem a civilização se envergonhar.

Ver-se-á com tristeza que, nessas horas cruéis, a Igreja Romana quase sempre colocou seus interesses políticos acima das recomendações do Evangelho e dos sagrados direitos da consciência. Não foram melhores os adeptos do Islamismo e foi mais clara do que nunca a falência das religiões.

No início da guerra a França foi sacudida por um grande movimento religioso e, após nossas primeiras derrotas, as aspirações que moram no fundo de sua natureza lhe

despertaram uma necessidade de crença, de saber que a morte não equivale ao nada e que, acima de tudo, existe um poder soberano, uma força inteligente e consciente, capaz de nos amparar e socorrer na provação e fazer prevalecer a justiça em um mundo de paixões descontroláveis.

Se tal sentimento houvesse podido alcançar o ideal sonhado, seria o começo de uma renovação nacional, todavia as soluções apresentadas pelas igrejas, as poucas consolações que elas ofereciam aos corações dilacerados, as práticas ritualísticas impostas aos seus fiéis já não satisfaziam às necessidades do tempo e do meio. Foram julgadas insuficientes e assim, pouco a pouco, o movimento religioso se enfraqueceu.

Todavia, o pensamento segue firme, voltado para o Além. Diante do perigo e do dilúvio de sofrimentos que nos ameaçam, no meio das ruínas e das mortes que se acumulam, a alma francesa procura sempre uma base sólida, uma certeza onde apoiar a sua fé e só as encontrará no moderno espiritualismo, o que equivale dizer no Espiritismo.

A religião do futuro se apoiará na prova científica da sobrevivência, nas demonstrações experimentais e no testemunho dos sábios que estudaram os problemas da vida invisível.

No decorrer desta guerra, o antropomorfismo das religiões se apresentou em seu aspecto mais monstruoso e o velho deus alemão não é mais do que uma evocação dos bárbaros deuses do paganismo germânico. Sob a máscara cristã mal ajustada, Odin, que comanda as cenas de carnificina, deixa entrever suas feições.

Essa noção da divindade é muito próxima do mais baixo materialismo e repugna às almas delicadas e aos espíritos refinados. Não se trata apenas das ações de um monarca ávido em dominar o mundo e dos chefes militares que o rodeiam; essa concepção é também encontrada nas obras dos pensadores alemães; professores, pastores e escritores a proclamam abertamente em discursos e publicações.

Semelhante ao Jeová, do *Antigo Testamento*, o velho deus alemão protege somente uma raça, vendo nas outras apenas um rebanho de povos vis e corruptos, destinados à ruína e à morte.

Essa feroz mentalidade faz dos alemães os pretensos instrumentos da vingança divina, impelindo-os a uma obra de destruição que eles continuam metodicamente.

Essa grosseira mística aproxima-se das teorias de Nietzsche, relativas ao super-homem, tão difundidas na Alemanha, e podemos medir as funestas conseqüências de uma falsa religião unida a uma não menos falsa filosofia.

É bom, sem dúvida, desenvolver a *vontade de poder*, segundo a expressão de Nietzsche, porém com a condição de se desenvolverem, ao mesmo tempo, a consciência e as outras faculdades do espírito e do coração: a piedade e a bondade, o respeito à verdade, ao direito e à justiça. Sem isto rompe-se todo o equilíbrio moral no ser humano e só se logrará produzir homens orgulhosos, déspotas, monstros que, para triunfarem, não vacilarão no emprego de todos os meios, mesmo os mais criminosos e odiosos.

Daí essa terrível luta que se desenvolve em nossa volta, onde a Alemanha, em razão de seu feroz egoísmo, se desacredita e se desonra aos olhos do mundo e da História.

**Março de 1917**

A idéia de Deus, em nossa pátria obscurecida e alterada pelas religiões, apagou-se em muitas almas.

Já fazia muito tempo que se formara na França uma corrente de incredulidade que minava, secretamente, os alicerces da religião e até de toda a ordem social.

As horas trágicas chegaram e, sob uma devastadora tempestade de ferro e de fogo, a França conheceu a necessidade de um ideal nobre e de uma força moral que torne possível olhar a morte frente a frente, suportando, sem vacilações, todos os golpes da adversidade. A proximidade do perigo impôs, mesmo para os mais frívolos, uma gravidade concentrada e muitos pensamentos se voltaram para o Além.

Tudo isso parecia ser outros tantos indícios de renovação espiritual. Do fundo do abismo de sofrimentos em que caímos, um grito de súplica se eleva para o céu; aspirações ascendem para as formas religiosas mais altas e mais puras, proporcionando ao homem meios eficientes, capazes de desenvolver nele o que existe de imortal e divino.

As idéias do passado poderão influir para essa recuperação, porém, já o afirmamos, na nova ciência, enaltecida e espiritualizada, é que se encontrará a religião do futuro, os princípios de sua crença e os elementos de convicção, porque a religião e a ciência não são antagônicas, exceto quando as consideramos em seus aspectos inferiores. Elas se identificam e se fundem em sua diretriz fundamental, em seu objetivo maior, que são o conhecimento do Universo e a comunhão íntima com a causa de todas as coisas: Deus!

Talvez, em sua evolução, a religião enfraqueça em seu caráter coletivo, mas se fortalecerá em cada um de nós pelo desenvolvimento do conhecimento e da consciência individuais.

É bastante dirigirmos um olhar de conjunto ao Universo, para nos encontrarmos em presença de leis majestosas, que dominam os seres e as coisas sob a ação de um soberano poder. Ora, não existe lei alguma sem uma mente que a crie e sem uma vontade que zele pelo seu cumprimento.

Nas silenciosas vastidões do abismo da vida onde gravitam os mundos uma Inteligência preside à ascensão das almas e a eterna harmonia do cosmo.<sup>12</sup>

As anomalias e as contradições que muitos crêem descobrir no estudo do Universo nascem simplesmente da pobreza de suas observações. Nossos grosseiros sentidos, mesmo ajudados pelos instrumentos que a tecnologia nos oferta, não nos podem dar senão uma pálida idéia do conjunto das coisas.

Nossa ignorância sobre o mundo invisível ainda ajuda a enfraquecer nossos julgamentos e somente a revelação dos espíritos vem, oportunamente, preencher as principais lacunas do nosso entendimento, mostrando-nos, por exemplo, que as leis morais e as leis físicas se inter-relacionam e se fundem em um todo harmônico, o mesmo ocorrendo com a idéia de Deus que se aperfeiçoa e se engrandece.

Para o espírito que abandona as formas materiais e os limites dos cultos, Deus já não é um ser antropomórfico, isto é, o homem divinizado de que nos falam os livros sagrados e as crenças de idades antigas.

Não! Deus é pura essência, é um princípio e uma meta, uma causa e um fim.

Os espíritos bastante evoluídos para o poderem contemplar (e, neste caso, só conheço um), descrevem-no como um imenso foco de luz, cujo brilho e esplendor quase não se pode suportar e de onde partem as vibrações poderosas que animam o Universo inteiro.

Dele resulta uma impressão majestosa, mesclada por eflúvios de amor que penetram e comovem a quantos se aproximem dele.

Com as asas do pensamento e da oração, no recolhimento dos sentidos, qualquer alma pode comunicar-se com esse foco eterno e sentir suas irradiações. Todos os impulsos do pensamento religioso se permutam em contemplação e em êxtase, quando chegam a tais alturas.

Realmente, em seu começo e em seu nobre fim, todas as crenças estão irmanadas e convergem para um único ponto.

Assim como a fonte límpida e o regato murmurante vão, finalmente, reunir-se no mar imenso, também o Bramanismo, o Budismo, o Cristianismo, o Judaísmo, o Islamismo e seus derivados, em suas mais nobres e puras formas, poderiam fundir-se numa vasta síntese e suas orações, unindo-se às harmonias do mundo, se transformariam em um hino universal de adoração e de amor!

Inspirado nesse sentimento de ecletismo espiritualista, muitas vezes me aconteceu juntar-me às orações de irmãos de outras religiões, sem me agarrar às fórmulas usadas em semelhantes meios, podendo orar com fervor, tanto nas grandes catedrais góticas, como nos templos protestantes, nas sinagogas ou mesmo nas mesquitas.

No entanto, minha oração consegue maior impulso e ardor à beira do mar, quando o embala o ritmo das ondas, assim como nos altos cumes, ante o panorama das planícies e dos montes, ou sob o domo imponente das florestas ou, à noite, sob a abóbada estrelada do firmamento, porque a natureza é o único templo verdadeiramente digno do Eterno.

\*

A necessidade, existente em cada um de nós, de criar-se um meio interior onde a alma possa encontrar refúgio contra as preocupações exteriores, contra os cuidados materiais, fortalecendo-se e voltando a tomar contato com a pura essência de onde ela provém, é uma das condições indispensáveis da vida moral.

No momento em que a idade e as doenças me privam dos grandes espetáculos da natureza, construí, por minha vontade, um templo interior onde meu pensamento se alegra em ficar, nos momentos de calma e de isolamento, para render culto aos nobres espíritos cujo gênio revelador aclarou, com sua luz, os caminhos da humanidade.

Nesse templo interior, por um esforço de minha imaginação, erigi as estátuas ideais, as imagens augustas dos messias, dos profetas e dos filósofos mais merecedores de respeito e admiração.

No meio do santuário brilha o símbolo sagrado da Divindade, a quem, em primeiro lugar, minhas adorações se dirigem. À sua direita, me aparece a grande figura do Cristo, meu venerável mestre, e à esquerda os mestres asiáticos: Krishna, Buda, Lao-Tse e Zoroastro, aos quais sucedem as estátuas dos filósofos gregos, desde Pitágoras a Platão. Diante deles me alegro, recitando os maravilhosos versos da sabedoria antiga.

Detrás do Cristo aparecem os mais autorizados representantes da doutrina cristã e, junto deles, repito para mim próprio o Sermão do Monte, que é o resumo e a essência do próprio Cristianismo: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados”,

assim como os conceitos evangélicos reconhecidos como autênticos. Muito longe fiquei de me esquecer do grupo dos druidas e dos bardos. À frente deles se ergue a alta silhueta, a imponente figura de Taliésin e diante dele recito, com muita alegria, *As Tríades*, que são um maravilhoso monumento das tradições celtas, cuja ciência se iguala à profunda sabedoria do Oriente.

Por último, após ele, vem Allan Kardec, a quem considero continuador e renovador das grandes tradições de nossa raça.

Suplico ao leitor que me desculpe, prendendo-o com coisas tão pessoais, porém só lhe quis dar um exemplo de que pode conseguir ensinamentos úteis e inspirações salutares. Realmente, em minhas visitas costumeiras a esses grandes espíritos, nos exercícios que a recordação deles provoca, isto é, no fato de recitar trechos de suas mais célebres obras, sempre encontrei a serenidade e o reconforto para o espírito.

Não vejam, na diversidade de suas concepções, qualquer contradição, porque sob suas formas variadas, em cada uma delas encontramos o mesmo impulso, a mesma aspiração para o bem e para a suprema beleza, que são outros tantos atributos de Deus, uma irradiação divina.

De todo o conjunto se desprende uma síntese magnífica que resume o pensamento de todo um mundo no que ele possui de mais nobre e puro; síntese que narra, precisa e fecundamente, o moderno espiritualismo, numa comunhão universal que um dia ligará todas as consciências e todos os corações.

\*

Lançando um olhar panorâmico sobre a história dos tempos modernos, parece que uma das missões da França é criar correntes de idéias pelo mundo.

Após dezoito séculos da vinda do Cristo, a França despertou a noção de fraternidade que dormitava no fundo das almas. Nenhuma outra nação trabalhou mais ardentemente para libertar o pensamento dos grilhões seculares e assegurar os direitos da consciência. Ela comunicou a chama de seu gênio a várias teorias humanitárias e sociais.

Na atual luta, o papel da França cresceu mais ainda, porque arrisca sua liberdade e sua própria existência para salvar a Europa de sua volta à barbárie. Assim obteve a simpatia e a admiração dos neutros, e até mesmo a consideração de seus inimigos. Antes da guerra, acreditavam e afirmavam que se encontrava em franca decomposição, porém ela se sublimou, com um verdadeiro holocausto.

Assim que acabar o sangrento drama a que assistimos, outra missão caberá à nossa pátria e essa concórdia, que une todos os seus filhos na hora do perigo, será mantida e garantida por outros meios, isto é, por novos processos de ensino e educação.

A França deve ensinar ao mundo as regras da religião do futuro, dessa religião ampla e tolerante que terá por base a ciência dos fatos e por coroamento as mais altas e mais puras aspirações do ideal espiritualista.

Nessa religião, a fé e a ciência encontrarão um campo comum, uma possibilidade de comunhão de todos os espíritos e corações. Essa obra haverá de ser, entre todas, a mais preciosa para a humanidade, porque fará desaparecer a maior parte dos motivos de separação e de ódio, unindo os pensamentos e as vontades para esse “caminho real da alma”, do qual nos falou Platão, visando o fim elevado da alma, conforme a Doutrina dos Espíritos nos revela.

Tal iniciativa garantiria que a França completasse a vitória das armas com uma vitória intelectual e moral mais bela e ainda mais frutífera. Dessa forma, nosso país se elevaria à primeira classe das nações, merecendo o reconhecimento de todos os séculos futuros.

Os tempos nunca foram mais favoráveis que agora para uma renovação religiosa, que excluiria qualquer espírito de sectarismo e de reação. Da presente luta, assim esperamos, aparecerá uma nova sociedade, doutrinada pela provação, fortalecida pelo infortúnio e mais unida, disciplinada, consciente de seus deveres e responsabilidades.

Parece que um progresso já se produz nos espíritos e que os homens compreenderam a natureza precária das coisas deste mundo, encarando com mais agrado o problema dos destinos.

Já faz três anos que a morte tem batido em tantas portas, tem visitado tantas casas que até os mais indiferentes a encararam, indagando a si mesmos, quem era esse misterioso hóspede e, pelas reflexões que sua presença ditou, abriu-se nesses seres um caminho para o Infinito, para o Divino.

No calor dos sofrimentos, a alma humana tornou-se mais apta para receber e compreender as verdades superiores e, de agora em diante, as futilidades e a sensualidade de outrora e as obras decadentes não poderiam mais satisfazê-la. Ela exige alimentos mais substanciosos e mais fortes.

Os estudos psíquicos, os testemunhos dos sábios com relação à sobrevivência da alma, lhe oferecerão condições mais sólidas para erguer um edifício mais digno dela e de seus objetivos.

A filosofia se aclarará com novas luzes, tiradas da doutrina de Allan Kardec. Em certas escolas já se compreende e se admite que a personalidade humana não se formou de um só golpe, porém lentamente e através dos séculos. A concepção apressada e insuficiente de uma única vida é trocada, paulatinamente, pela da evolução da alma através de existências sucessivas no infinito do tempo.

Nosso destino não é determinado por um favor particular ou pelo sacrifício de um salvador, mas por nós próprios. O ser consciente se constrói a si mesmo, tal como o escultor aperfeiçoa sua estátua: a sua forma representativa só tem como valor a soma de seus esforços e cuidados. Ele se ilumina ou se obscurece conforme a natureza de seus pensamentos e de seus atos: a fonte das alegrias, das penas ou das recompensas reside nele, em suas faculdades, em suas percepções, aumentadas ou diminuídas.

O destino não é senão o resultado de nossas obras boas ou más e recai sobre nós em forma de raios ou de chuva. Todo sofrimento que se suporta com paciência é qual um golpe do cinzel do escultor que colabora para aperfeiçoar sua obra.

O resultado de nosso progresso é um desfrutar crescente de tudo que é grande, de tudo que é beleza, esplendor, luz e harmonia. É uma progressiva participação na vida universal, uma cooperação à obra soberana, sob a forma de tarefas e missões que aumentam, gradualmente, de importância e extensão. Finalmente, é a plenitude da felicidade em suas três formas importantes: virtude, gênio e amor...

Nossa meta principal deve ser nos aproximarmos do foco supremo, deixando-nos penetrar pelas irradiações do pensamento divino, tornando cada vez mais estreita e mais profunda a comunhão com Deus, e, assim, atingirmos o conhecimento de todas as coisas, porque tudo se resume nele e vive nele.

Tal é, em sua essência, o ensino que decorre da revelação dos grandes espíritos e que é bem conhecido dos que viveram em sua intimidade e deles receberam o pão da

vida. Só participa desse ensino, por enquanto, um pequeno número de pessoas, mas ele deve ser estendido com profusão, para que as inteligências se aclarem, os caracteres se aperfeiçoem e as almas se elevem.

Aí está por que, depois da guerra, os espíritos deverão divulgar essas verdades a mãos cheias, porque o terreno já estará admiravelmente bem preparado para a sementeira e eles não estarão sós em seu trabalho, porque a multidão imensa dos invisíveis os ampara e alenta.

Sobre nós pairam, espiritualmente, os que deram sua vida em sacrifício pela França e tomaram mortos na defesa da causa e do direito.

Eles nos inspiram e nos exortam a não esquecermos de seu nobre exemplo e, por nossa vez, trabalharmos, de outras formas, para salvação e fortalecimento da pátria.

Eles se debruçam sobre os corações angustiados e as almas enlutadas, a fim de lançar nelas o bálsamo das consolações e das esperanças; asseguram-lhe que sua afeição não se extinguiu e que sua atividade não decresceu, mas que, pelo contrário, seus sentimentos e sua vida são mais intensos, mais reais e mais poderosos que os nossos.

De todas as partes se levanta a voz dos espíritos para nos afirmar que sobre a atmosfera de ódio, vingança e pavor que pesa sobre nosso infeliz planeta há um mundo superior onde reina a eterna justiça, onde os que lutaram e penaram na Terra recolhem os frutos dos males que suportaram; um mundo no qual nos reuniremos algum dia para juntos comungarmos na paz serena e na divina harmonia!

## X Responsabilidades

### Abril de 1917

Estamos assistindo ao fracasso de todo um mundo, um mundo de preconceitos, de erros, de ilusões perdidas, de esperanças enganosas e de quimeras dissipadas. Porém, de tantas ruínas deve nascer uma nova ordem, pois a morte gera a vida e os túmulos, por caminho secreto, conduzem aos berços.

A horrível tempestade que sopra sobre o globo fez incalculáveis destruições e mais de dez milhões de homens tombaram na sua juventude ou na sua virilidade. Povos inteiros foram despojados, degolados ou escravizados. Vastas regiões foram saqueadas sistematicamente, ficando seus habitantes condenados à fome e à mais negra miséria, constrangidos a abandonarem seus lares, vagando sem recursos nos caminhos do exílio. Milhares de navios permanecem no fundo das águas com seus grandes carregamentos e os restos humanos que eles encerravam.

À nossa volta só encontramos famílias de luto e a visão dos mutilados entristece nossas cidades e nossos campos.

Não é menor a destruição moral experimentada. E em certas ocasiões, nos perguntamos se a justiça, a verdade, o direito, a liberdade e a fraternidade, luzes que partem do divino foco para iluminar o caminho dos homens, essas forças do Alto que nos amparam nas horas difíceis, poderiam ser espezinhadas, ultrajadas e aniquiladas.

Poder-se-ia acreditar que a força bruta, a mentira, a hipocrisia e o ódio dominariam o mundo e que o vendaval do abismo passava sobre nós. De todos os cantos da Terra, gritos de angústia e de desespero sobem para o céu!

Essa é a obra de Guilherme II e de seu povo!

Se chegarmos à fonte, à causa moral, à origem de tantos males, que encontraremos? Inegavelmente, entre os alemães, um incontido orgulho, uma ânsia de dominação, um sentimento exaltado de superioridade que os leva a desconhecer e até a desprezar o real valor de seus adversários.

Todavia, ainda há mais, e aqui tocamos no lado fraco, no ponto mais delicado e mais sensível de nossa civilização, que a torna sempre precária e instável, pois enquanto existir tal causa, violentas correntes poderão originar-se no seio da humanidade, destruindo a laboriosa obra dos séculos.

Queremos nos referir à ausência de elementos reais sobre a finalidade da vida humana e de sua continuação no Além. Pensamos na ineficácia do ensino quanto às leis superiores, principalmente a lei da consequência dos atos que recai, automaticamente, sobre nós, traçando o caminho de nossos destinos.

Na igreja ou na escola, só encontramos hipóteses sobre esses pontos fundamentais, noções vagas e confusas, sem apoio em nenhuma demonstração real, em nenhuma prova concreta.

Entretanto, faz mais de meio século que o espiritualismo experimental lança e proclama, para todos os quadrantes, as bases de uma doutrina clara e precisa, resultante das relações estabelecidas, em todas as partes do mundo, com os nossos parentes e amigos já mortos.

Essa doutrina, confirmada por incontáveis provas de identidade, fornecidas pelas entidades comunicantes, proporciona ao homem o critério de certeza que até agora não havia conseguido.

Ora, qual foi a aceitação que essa revelação providencial e regeneradora recebeu? As igrejas fizeram tudo para abafá-la e as escolas só lhe votaram indiferença ou desprezo.

Sem o esclarecimento necessário para iluminar sua estrada, sem o fio de Ariadne para guiá-lo no labirinto da vida, exposto às contradições dos maus pastores, o homem deu livre expansão às paixões e aos desejos incontidos que lhe tumultuavam a alma, daí resultando os desastres e as catástrofes que se multiplicam e as espantosas revoluções que agitam fortemente o mundo.

Envolvida pelo sombrio e grosseiro misticismo que lhe é próprio, a Alemanha se mostrou particularmente refratária à nova corrente de idéias. Ali os estudos psíquicos são muito pouco considerados e o imperador lançou suspeita sobre todos os seus funcionários que se interessavam pelo assunto.

Caso o sinistro imperador houvesse conhecido melhor as condições da vida no Além, familiarizando-se com o mundo dos espíritos, se soubesse o que aguarda a cada um de nós e o que aguarda a ele mesmo depois da morte, teria assinado o decreto de mobilização do exército alemão, na trágica noite que iria desencadear sobre a Europa um tufão sem igual?

Através de um bom médium, poderia ter evocado os espíritos ilustres dos gênios protetores da antiga Alemanha: Goethe, Kant, Leibniz, Fichte, ou simplesmente a alma de seu pai, Frederico, o Sábio. Por certo, com os seus conselhos, esses nobres espíritos o teriam desviado de seu caminho sangrento.

Se o Kaiser tivesse estudado, conhecido e se relacionado com o mundo invisível, teria podido ver, antecipadamente, a sorte que a inexorável lei lhe reserva, desdobrando-se ante seus olhos, como em um quadro. Teria visto sua própria alma, mergulhada no sangue derramado, transpondo os umbrais terríveis do Além e, diante dela, a imensa multidão das vítimas da guerra, acusando-a, esmagando-a, amaldiçoando-a.

Inutilmente ela procura desviar-se e fugir. Em vão procura escuros e solitários sítios: a multidão a persegue por toda parte, sem cessar, com suas ameaças e seus furores.

Se, por exceção, o seu miserável espírito descobre algum refúgio tenebroso e desolado, ali se encontra frente a frente com a própria consciência que se tornou mais imperiosa ao desprender-se da matéria. O remorso o persegue e o despedaça! Incessantemente escuta vozes que lhe repetem: “Caim, que fizeste de teus irmãos?”

Mais tarde haveria a perspectiva dos renascimentos, a longa série das vidas planetárias, quando seu corpo deformado e sua alma degradada deverão padecer todas as vergonhas, todas as humilhações, esvaziar o cálice da amargura, expiando suas culpas com existências obscuras e atormentadas através dos séculos; o resgate do passado pelo rebaixamento, pelo sofrimento e pelas lágrimas.

Se desse futuro aterrador ele volve os olhos para o momento atual, se pensa no apoio e no auxílio que pode esperar do mundo oculto, que verá?

No lugar dos espíritos elevados que protegem a França, no lugar de um velho Deus imaginário, concebido pelo seu cérebro exaltado, só verá sobre seus exércitos a legião negra dos espíritos das trevas, os espíritos atrasados da Idade Média, insuflando sobre seus soldados o ódio e a perfídia, procurando descobrir com eles todas as

possibilidades de uma química infernal e assassina. No espetáculo das atrocidades que provocam, todos esses agentes do mal encontram a satisfação de seus instintos de violência e crueldade.

No entanto, se ante essas visões de espanto e horror o Kaiser sentisse estremecer-lhe a carne e apertar-lhe o coração, lançaria para bem longe a sua pena, a fim de não fazer-se credor dos golpes do destino implacável, poupando a humanidade da mais terrível das catástrofes.

\*

A França também possui parte das responsabilidades; nossas academias, universidades e igrejas não souberam valorizar as verdades e as forças morais que a Doutrina dos Espíritos lhes trazia. Recusaram a mão que, do Alto e desde 50 anos, lhes era estendida a fim de conduzir nosso país para uma fonte fecunda e regeneradora.

Quais têm sido as conseqüências de seus ensinamentos complexos e contraditórios sobre a vida atual?

Antes da guerra estávamos diante do espetáculo de uma sociedade sem ideal, sem elevação, sem grandeza e desprovida de beleza moral; as gerações lançavam-se ao acaso, sem finalidade, sem orientação certa e sem saber onde se fixar; pobres seres instáveis, percorrendo o desfiladeiro sombrio da vida, sem uma luz, sem paz no coração e enlameando-se cada dia mais na matéria e na sensualidade.

O homem consumia todas as suas forças para assegurar sua vida material e só ouvia, muito fracamente, a voz da alma, que também reclama seu alimento.

Diante de tantas doutrinas confusas, igualmente sem bases, sem provas e sem sanções, as grandes verdades ficaram veladas e foram lentamente desnaturadas.

O erro e a mentira infiltraram-se aos poucos em toda a vida nacional, que se desfigurou por completo tanto na ordem política como nas relações sociais.

As inteligências e as consciências, percebendo, por uma intuição secreta, que aqueles que tinham a missão de ensinar a verdade a estavam negando, esqueceram-se dela e como conseqüência lógica das coisas, modificou-se todo o nosso modo de viver, de pensar e de agir. Daí, a hipertrofia do *eu*, a necessidade irresistível de projetar-se, elogiar-se, de aparecer, de atribuir-se qualidades falsas e méritos fantasiosos que caracterizavam grande número de nossos contemporâneos; tudo resultou em um transbordamento dos apetites e das paixões.

Não se podia mais, nas conversações, expressar uma opinião forte, um pensamento elevado e desinteressado, sem se ficar sujeito a sorrisos cépticos e zombadores. A virtude se tornava quase ridícula. O adultério e a libertinagem eram tolerados com indulgência.

A exploração descarada e as trapaças financeiras, as práticas dos homens que especulam na Bolsa, a rapina, quando resultavam em fortuna, já não despertavam reprovação.

No terreno político havia o assalto aos cargos oficiais e ao poder; a proteção e o favor substituíam as aptidões; os medíocres e os incapazes ocupavam os melhores postos. Quase sempre confiava-se o governo aos menos dignos de exercê-lo. A imprevidência, a má administração dos recursos e a instabilidade ministerial anulavam as mais belas obras nacionais.

Quando a grande lei moral – a dos deveres e das responsabilidades – cessou de brilhar aos olhos dos homens, obliteraram-se todos os princípios dela decorrentes. Fez-se noite nas consciências e o mal ampliou o seu domínio.

Como a noção de lei é inseparável da idéia de Deus, que é seu criador, enquanto se enfraquece o culto do poder supremo, vê-se crescer o do bezerro de ouro e se acentua a descida para o abismo da matéria!

A borrasca veio e seu sopro poderoso varreu muitas vaidades, valores falsos e juízos enganosos.

A guerra descobriu todas as nossas feridas, fazendo ressaltar insuficiências e incapacidades, colocando no justo lugar os medíocres que ocupavam certas posições. Sem dúvida esses falsos valores não desapareceram completamente do nosso cenário político e nosso país, pelos males que carrega, muito se apercebe disso. Pelo menos, já são julgados como merecem, a condenação está clara nos corações e o domínio deles está se acabando.

Junto com nossos vícios e defeitos, dormitam na alma francesa qualidades varonis que os acontecimentos destacaram. A nossa desmoralização era mais aparente que real, mais superficial que profunda. O gênio da raça reapareceu!

As consciências honestas e os valores morais surgiram em quantidade, principalmente no meio das tropas, e foram elas, com a ajuda imensa do mundo invisível, que salvaram a honra da França, impedindo sua ruína, sua queda e seu aniquilamento.

Já apresentamos, em um artigo anterior, o papel importante que o mundo invisível desempenhou na atual guerra e mostramos o constante apoio que ele prestou aos nossos exércitos, mas essa exposição foi insuficiente.

Não se saberá e não se compreenderá jamais toda a extensão dos esforços e das energias empregadas pelos espíritos protetores da França para animar e sustentar seus soldados na terrível luta empenhada. Eles não somente lhes excitam e inflamam o vigor nos combates, como também lhes inspiram uma resignação heróica, nas longas horas de vigília e de espera na trincheira.

Sua coragem no ataque era proverbial, mas qualidades ocultas de paciência e de perseverança se destacam agora na alma nacional.

Indagavam se nossas tropas ainda poderiam agüentar o rigor de um terceiro inverno, depois de dois anos de fadigas e sofrimentos. Pois bem, eles suportaram, com a mesma coragem, as rajadas de projéteis e as ondas de gases asfixiantes; em determinados dias, a fome, o frio, a umidade, causadoras de tantos males, e o contato com insetos repugnantes.

Em 1870-71, como soldado voluntário, pude verificar que a mentalidade das tropas era muito diferente, mas naquela ocasião o mundo invisível não nos sustentava com seus fluidos poderosos e a França foi vencida.

\*

Ao rubro fulgor dos fatos, como já afirmávamos, surgiram todas as nossas misérias morais, a fraqueza de caráter e das consciências, tudo quanto era vão, artificial e enganador em nossa sociedade.

Por havermos falseado a verdade em quase todas as coisas, nos negócios, no ensino e na política, tivemos que suportar, como castigo, a mentira no que ela tem de mais odioso.

O imperador alemão não parou de mentir, com nosso prejuízo, diante do Universo, invocando o nome de Deus. A partir de então, a verdade se mostrou como o único meio de assegurar a lealdade e a dignidade nas relações humanas. De outra parte, os exemplos heróicos de nossos soldados lograram imensa repercussão no país inteiro. Seu sacrifício em face do dever, sua renúncia diante do sofrimento e da morte eram de tal monta que envergonhavam os egoístas e aqueles que só procuravam os gozos. Sua obra principal, sem qualquer dúvida, consiste em libertar o território, mas também possui uma grande lição moral que eles pensam continuar, mesmo após a guerra.

Pelo menos é isso que se depreende das inúmeras cartas recebidas da linha de combate. Eles querem que um vento puro varra a espessa atmosfera que atrapalha o nosso olhar, ocultando-nos as realidades terríveis. Sonham com um ideal nobre e uma sociedade espiritualizada onde a vida da alma tenha livre expansão.

Nos momentos trágicos, qual num relâmpago, ou paulatinamente na espera das trincheiras, entreviram a soberana lei que faz recair sobre cada um e sobre todos as conseqüências dos atos praticados.

Entenderam que por havermos, durante muito tempo, acatado e acariciado as antiverdades, temos agora de sofrer as mentiras do estrangeiro, bem mais pesadas e grosseiras.

Compreenderam também que, por procurarmos demasiado a vida fácil, dourada pela fortuna e pelos prazeres, agora teremos de suportar as privações e as misérias.

Afinal, sentiram que essa visão e compreensão das coisas superiores deve permanecer no pensamento e na consciência de todos, para amparar nosso país na ladeira fatal por onde está resvalando.

Essas almas generosas representam, por certo, somente pequena minoria do país, todavia podem agir como o fermento, que faz crescer a massa, pois os inimigos da espiritualidade são numerosos e desejarão manter seu domínio de todas as maneiras.

Após expulsarmos o invasor, deveremos ainda lutar contra as idéias perniciosas, as oposições e as rotinas do interior de nosso país. Pelo encargo de educar a infância haverá os mais sérios combates, porque quem encaminha a criança tem o futuro mais seguro.

A educação oficial estará à altura de sua missão? É justo duvidar, mas seus orientadores deveriam entender que não é através de negativas ou de uma moral vaga e sem sanções que se conseguirá o insucesso do obscurantismo e refazer a consciência popular.

Aí então o Espiritismo poderá intervir e desempenhar seu providencial papel. Ele oferece, simultaneamente, a base e o coroamento inexistentes para a educação popular, isto é, a prova em que repousa todo o edifício de nossos conhecimentos e a doutrina moral que é o seu ápice e lhe garante a harmonia.

Todavia, não está na sorte dos divinos enviados o fato de serem desprezados e zombados? Assim, o Espiritismo não foge a esta regra, entretanto a sucessão dos testemunhos e a adesão de eminentes homens, que lhe dão, aos poucos, um lugar na ciência inglesa, certamente terminarão impressionando o nosso país. Chegar-se-á a aceitar a sobrevivência da alma e seu progresso pelas reencarnações, tal como se aceitam todos os axiomas científicos como, por exemplo, o movimento da Terra, sem que, entretanto, tenha havido uma verificação pessoal.

Enquanto aguardamos essa época, cabe principalmente a nós, aos pais e aos chefes de família, velar para que a inteligência e a consciência das crianças não sejam falseadas por um mau ensino, destituído de nobres princípios.

Terminada a guerra, as coisas permanecerão como dantes? Com o irresistível trabalho dos acontecimentos, haverá um esforço mental em muitos espíritos, varrendo-se muitos preconceitos e pontos de vista errados, sendo prudente não nos desesperarmos de nada, nem de ninguém. Na verdade quantos pensamentos estarão libertos da prepotência que até pouco tempo suportavam!

Quantas consciências, balançadas profundamente, abandonarão os artifícios e as convenções infantis que atrapalhavam seu vôo para uma luz mais viva!

Parece que a vontade divina consiste em que o mundo se reforme e se regenere por meio da dor. Jamais, como agora, se oferecerá ocasião mais propícia; aproveitemo-la, portanto, para divulgar por toda parte a grande doutrina espiritualista que há de encorajar e pôr a humanidade de pé.

Além do mundo invisível, em nossa árdua tarefa de divulgação da doutrina, temos dos companheiros de luta, que nos animam incessantemente e nos impulsionam para o Alto, o *dever* e a *verdade*.

Durante 40 anos trabalhamos em conjunto com eles, seja por meio da escrita ou da palavra. Inicialmente, em particular em nosso trabalho como conferencista, recolhemos mais zombarias do que aplausos. O Espiritismo então era tido como coisa ridícula, mas pouco a pouco a opinião pública se tornou mais favorável, concordando em nos ouvir, embora sem extrair grandes benefícios do nosso ensinamento.

Atualmente já escutam, refletem, estudam e compreendem, porém isso não basta: é necessário concretizar o conhecimento das leis superiores em exemplos.

Mais tarde haverão de nos fazer inteira justiça. Entenderão que se houvessem conhecido e respeitado a lei das responsabilidades, muitos sofrimentos, desfalecimentos e fracassos teriam sido evitados.

Chegará o tempo em que, calculando-se toda a extensão e conseqüência dos erros cometidos, serão aprisionados ao pelourinho da opinião pública os dirigentes de todas as espécies: os gozadores, os libertinos, os corruptos e os corruptores, cujos atos nos conduziram ao fundo do abismo.

Os sacrifícios já realizados na luta e no alívio das misérias comuns frutificarão e do sangue que for derramado se levantará uma floração de novas virtudes.

Vivemos num desses instantes graves, onde, no ardor dos acontecimentos, a história transforma a humanidade.

Os aliados fazem um esforço supremo para conseguir uma vida mais nobre, mais digna da alma e de seus destinos. Confiemos nos desígnios de Deus sobre nossa pátria. A França purifica-se pela dor e não será inútil o sofrimento infinito que seus filhos suportam.

## XI A Hora do Espiritismo

### Junho de 1917

A visão do espaço e a contemplação dos céus, nas horas serenas da noite, despertam em nós uma espécie de temor respeitoso.

A noção das distâncias, a quantidade dos focos luminosos que nele resplandecem, o pensamento de que cada um desses focos é um sol, um sistema planetário, e que mais além dos limites que a nossa vista pode alcançar existem outras legiões de astros que se movem no seio dos abismos, tudo isso nos domina e esmaga. Compreendemos então quanto é grande a nossa fraqueza e nossa impotência, face o vasto Universo.

Igual idéia, misturada de angústia, sentimos diante dos grandes acontecimentos que se desenrolam em nossa volta e, no meio da borrasca, nós nos sentimos como ínfimas palhas agitadas pelos vagalhões do oceano.

A razão aparente de todas essas desgraças é a Alemanha ambiciosa e feroz; porém, acima do livre-arbítrio das nações, há uma intuição segura que nos revela a existência de algo misterioso e muito poderoso que fará surgir, do caos das paixões desencadeadas, a ordem e a regeneração para a humanidade.

Os impérios saqueadores planejavam dominar e escravizar o mundo, entretanto violentas correntes impulsionam todos os povos para a liberdade. Até mesmo entre eles os tronos e as instituições milenares se abalam surdamente.

O desejo de nossos inimigos era garantir para sempre a riqueza e a glória dos alemães, mas prepararam para si próprios a vergonha e a ruína. Do meio das trevas que caem sobre nós, entrevê-se a aurora nascente de um novo dia e uma vegetação nova vai surgir e florescer sobre os destroços e os túmulos.

A hora do Espiritismo é chegada, pois nos tempos de provações em que vivemos ele apresenta consolação e esperança para as almas tristes, para todos os que lamentam os entes desaparecidos e todos aqueles que têm filhos na frente de batalha, os queridos filhos pelos quais tiveram tantos cuidados, solicitude e temor.

São incontáveis os oprimidos pela dor e que sentem a necessidade de um conforto, de um socorro moral.

Todos os países que lutam pela liberdade do mundo, pelos direitos dos fracos e pela justiça, viram sua juventude metralhada e essas perdas cruéis repercutem em profundas e dolorosas vibrações dentro do coração de nossa raça.

A humanidade jamais teve tanta necessidade de uma doutrina que a ampare e console nas horas dolorosas e só o Espiritismo oferece seus raios de luz a todas as almas envolvidas pela tristeza e pelo desespero, estendendo seu bálsamo consolador sobre todas as feridas.

A guerra, ao mesmo tempo que é causa incontável de ruínas, poderá tornar-se, pelo excesso de sofrimento que provoca, causa de um ressurgimento moral. Uma de suas conseqüências imprevistas é a de tornar mais sensível a comunhão entre o mundo dos vivos e dos mortos.

A maior parte dos soldados da linha de combate sabe do socorro poderoso que vem do Alto e lhe atribuem o estado de ânimo experimentado nos momentos de perigo, a coragem e a confiança inabaláveis que não os abandonou nunca, criando

neles uma mentalidade bem diferente da que imperava na retaguarda. A esse respeito recebi muitas cartas comprobatórias.

Há um episódio célebre que torna esse fato ainda mais concreto. No meio de um furioso combate de trincheiras, o tenente Péricard lança um grito sublime: “De pé, os mortos!”

Em sua carta a Maurice Barrès, ele explica o significado dessas palavras:

“O grito não é só meu, mas de todos nós. Quanto mais identificarem o meu papel com o da multidão dos soldados, mais se aproximarão da realidade. Tenho a certeza de que fui apenas um instrumento nas mãos de um poder superior.”

Encontra-se tal sentimento em muitos de nossos contemporâneos, começa-se a compreender que há dois mundos no nosso. Além daquele que se vê existe um outro – mais verdadeiro, mais seguro e mais duradouro – onde todos os esplendores da vida imortal se expandem. Dessa forma se comprova cada vez mais a necessidade de saber e crer, apegando-se ao que existe de elevado, estável e permanente no Universo.

Por toda parte me comunicam a formação de grupos espíritas, formados principalmente por intelectuais: professores e professoras, oficiais retirados do serviço, etc. A circulação de novos livros, brochuras e revistas tem se tornado mais intensa, abalando-se nossos adversários com tal estado de coisas.

A Igreja Católica mobilizou seus melhores pregadores, mas as conferências do padre Coubé, juntamente com a atividade de Dickson, combinadas previamente, não lograram o resultado desejado.

A tese sobre a intervenção do demônio e os artifícios de Dickson provocaram risos dos seus ouvintes, despertando a curiosidade do público e atiçando o seu desejo de estudar nossa doutrina e experimentar os fenômenos que obtemos.

Dessa forma, nossos contraditores, em sua malevolência, marcharam contra o que se haviam proposto; desejando sufocar a verdade, só conseguiram dar-lhe mais liberdade.

Há mais ou menos 50 anos, o bispo de Barcelona mandou incinerar em praça pública os livros de Alan Kardec e só conseguiu chamar a atenção para o Espiritismo. Naquele tempo os espíritas espanhóis eram raros, porém hoje a Catalunha é uma das regiões do mundo onde os espíritas são mais numerosos.

Por seu turno, a Inglaterra nos mostra um grande espetáculo; a iniciativa, a pertinácia e o espírito de continuidade que ela consegue para a guerra, também são encontrados na área científica, na pesquisa metódica das causas e efeitos dos fenômenos mediúnicos. Suas sociedades de estudos psíquicos são as mais bem organizadas e as que conseguem os melhores resultados.

Os sábios ingleses que se declararam favoráveis ao Espiritismo já formam uma verdadeira plêiade, bastando citar o nome de Oliver Joseph Lodge que, nesse momento, brilha com vivo fulgor.

Após notáveis discursos ele acaba de publicar um livro sobre seu filho Raymond, morto em Flandres, e acerca das manifestações espíritas ocorridas depois da morte do jovem oficial. Essa obra causou profunda sensação em toda a Inglaterra trazendo para a nossa causa muitas almas que a guerra submeteu a provas cruéis como a perda de seus entes queridos durante as batalhas.

Devemos, em grande parte, aos ingleses, a vitória definitiva do espiritualismo no mundo, todavia não podemos ser injustos para com nossos próprios sábios.

É verdade que a ciência francesa foi por muito tempo hostil aos trabalhos psíquicos, ocupando-se deles apenas para modificá-los e lhes atribuir causas fantasiosas, todavia apareceram clarividentes, precursores no seu meio, mostrando-lhe o caminho certo. À sua frente encontramos o notável astrônomo Camille Flammarion e depois dele o professor Charles Richet, o diretor Boirac e o advogado J. Maxwell.

Não esqueçamos aqueles que já se transferiram ao Além e continuam nos ajudando: o coronel de Rochas e o doutor Paul Gibier. Com seu exemplo e influência crescente das afirmativas provenientes do outro lado do Canal da Mancha, é impossível que nossos sábios não abandonem sua indiferença e sua rotina, entrando francamente no terreno da experimentação leal e sincera. É a voz do povo que a isso os conclama, exigindo a sua parte de verdade e de luz.

De seus contraditores, o Espiritismo nada tem que temer, mas deve temer de si mesmo, isto é, dos exageros que podem advir de uma falsa interpretação dos fenômenos ou da má direção dada às experiências.

Ao mesmo tempo em que nossas crenças se espalhavam e se difundiam, apareceram sérias dificuldades. Com milhares de almas consoladas e reconfortadas, chamadas para o sentimento de uma vida mais elevada e para a noção dos deveres e das responsabilidades, havia casos de obsessão, de exaltação e desordenações mentais e, por vezes, gritos de alarme chegaram até nós em razão desses fatos.

O Espiritismo possui perigos, assim como todas as forças da natureza. Tudo quanto é poderoso para o bem pode tornar-se poderoso para o mal, conforme o uso que dele se faça.

Certos críticos só vislumbram os maus aspectos do Espiritismo e exageram em combatê-los, não levando em consideração a benéfica influência que emana de sua doutrina e dos seus ensinamentos. Compete aos espíritas esclarecidos desmascarar esse procedimento, fazendo justiça à nossa causa e pondo em relevo o seu nobre e elevado caráter.

O bem e o mal, tanto no mundo invisível como no nosso, equilibram-se e lançam sua ação sobre os homens que a provocam ou atraem. O sério estudo do Espiritismo depende de certas qualidades: espírito culto, juízo seguro, autodomínio, perseverança incansável, não nos esquecendo de que só a pesquisa dos fenômenos e a paixão e preferência pelos fatos psíquicos, sem o seu complemento moral, são apenas uma profanação da morte.

O Espiritismo não é apenas uma ciência, é também uma revelação, uma obra de verdade e de luz, falando simultaneamente à inteligência e ao coração.

Ele tem, como um edifício, seus sucessivos andares. Seus alicerces repousam na rocha sólida dos fatos criteriosamente examinados e constatados. Em seus porões os espíritos inferiores se alegram com os fenômenos vulgares, em ambiente marcado pelas obsessões, alucinações e a tendência para as fraudes e trapaças. Porém, à medida que subimos para os andares superiores, vão surgindo as manifestações intelectuais e as mais puras revelações. As atividades das almas elevadas se realizam nos lugares mais altos que, como as torres pontiagudas de uma catedral, se lançam para o azul infinito.

Cada um, no Espiritismo, se coloca no lugar da preferência e do adiantamento de seu espírito. Uns se apegam só aos fatos, que são apenas a sua superfície; outros preferem o fruto, isto é, sua filosofia e sua moral.

Principalmente nesse sentido é que o Espiritismo está conclamado a representar um papel regenerador, porque sua doutrina atende a todas as necessidades do pensamento e preenche todas as dúvidas do conhecimento; resolve os enigmas da vida, os problemas do mal e do sofrimento.

Nesses tempos de provações e desordem, dá-nos confiança no futuro, mostra-nos que o Universo é dirigido por leis harmônicas e que a última palavra, em todas as coisas, cabe sempre ao direito e à justiça. Proporciona também à existência uma razão de ser e uma finalidade: conquistar a verdade, a sabedoria e a virtude.

Ele nos conforta em nossas desilusões e nossos fracassos com a explicação de que, se o bem é quase sempre ignorado neste mundo, pelo menos reina, sem restrições, nas elevadas esferas que temos de alcançar um dia. Afasta os espíritos das preocupações egoístas e materiais e das atividades estéreis, mostrando-nos o real objetivo de nossa vida. Consta, portanto, de uma tarefa essencial para reestruturar o homem interior, sem a qual qualquer reforma social seria inútil ou precária.

O valor de tais soluções aparecerá aos nossos olhos no dia em que, depois da guerra, se desejar criar um objetivo nacional, fazendo-o introduzir-se na alma francesa por meio de uma educação popular, pois qualquer nação está ameaçada de morrer moralmente, quando está desprovida de um ideal que a inspire e oriente nas horas difíceis: foi o caso da França e a razão de sua passageira queda.

Já podemos calcular quanto o sombrio e feroz ideal alemão foi gerador de poder e energia, fundamentando-se em idéias falsas que só podiam acabar na queda e no fracasso.

No lugar das nobres qualidades morais, que formam a verdadeira civilização, ele desenvolveu na alma alemã o orgulho, a arrogância e a crueldade. A tal doutrina do super-homem que pretende dominar toda a Terra, não obedecendo senão às próprias leis, a Alemanha buscou em seus filósofos materialistas.

Foi intoxicada por seu ensino nas universidades, por meio de uma falsa cultura que, em verdade, era somente a negação do que existe de mais nobre e mais sagrado na humanidade.

Os graves acontecimentos que se passaram são a pedra de toque que garante avaliar os homens e as coisas, as teorias e os sistemas.

Ao vento do tufão, o que havia de convencional, de fictício e de mentiroso se dissipou, sobressaindo, em sua beleza ou em sua feiúra, toda a verdade. Podemos avaliar o alcance das diversas doutrinas, se não por seus princípios, pelo menos por suas consequências, e o ideal germânico provocou indignação e horror na consciência mundial.

Quanto a nós, a indiferença e a incredulidade, resultantes do ensino oficial, se revelaram insuficientes nos dias de provações.

As doutrinas do orgulho e do terror mostraram a sua nulidade. Crenças abandonadas e desprezadas se mostraram, ao contrário, plenas de consolação e de esperança, capazes de alentar os corações e reerguer as almas esmagadas pelo peso da dor.

O Espiritismo nos leva às grandes tradições de nossa raça, embelezadas ainda pelas conquistas da ciência e pelo trabalho dos séculos.

Ao domínio por meio da força bruta, da espoliação e do assassinato, o Espiritismo opõe a liberdade e a fraternidade das almas, em paz e harmonia.

## XII Autoridade e Liberdade

### 1 Julho de 1917

Já faz três anos que estamos assistindo a um dos maiores dramas da História. Dois mundos, ou melhor, dois grandes princípios – autoridade e liberdade – entrecrocaram-se, estremecendo a Terra inteira.

Debaixo da anarquia aparente, no meio do caos das paixões, estão em atividade forças criadoras, trabalhando para uma nova ordem. A consciência do mundo se desenvolve e se afirma por intermédio das humilhações que recebe. Através das vicissitudes dos tempos o homem se encaminha para uma forma de vida mais completa; o ideal se realiza e a marcha para o absoluto continua.

Os acontecimentos históricos mais importantes são apenas uma revelação dessa luta, ora surda, ora violenta, entre o espírito de dominação e os esforços tentados para a conquista da liberdade.

No seu aparecimento, o Cristianismo não foi apenas um grande movimento religioso, porque, convocando todos os homens, até os escravos, para os bens celestes, tornava-os iguais perante Deus e perante as leis deste mundo. Graças a isso os pequenos e os deserdados o abraçaram com ardor. As primitivas comunidades representaram a forma mais completa do socialismo cristão.

Será um efeito da lei dos reflexos? O Cristianismo, que é, em sua origem, de fundo democrático, se tornou, pelos concílios e pela constituição da Igreja Romana, sob o nome de Catolicismo, uma teocracia autoritária e despótica. O domínio temporal do padre é o mais pesado de todos os jugos, pois oprime, simultaneamente, o corpo e o espírito, impõe dogmas, recusados pela razão, exigindo que sejam considerados verdadeiros.

O poder dos papas dominou a Europa durante séculos, anulando a vida do pensamento e dobrando o Ocidente com a ameaça do inferno ou da excomunhão. Depois veio a Reforma, que entreabriu as portas do penumbroso cárcere, dando à alma um pouco de ar e de luz.

A Revolução Inglesa de 1688 e, um século depois, a Revolução Francesa constituem uma terceira grande etapa para a liberdade. Apartando-se os erros e os excessos perpetrados, o sangue derramado nesses lamentáveis acontecimentos, é preciso reconhecer-se que as idéias então surgidas germinaram e se expandiram em fartas messes democráticas.

Inicialmente as campanhas de Napoleão e, depois, a guerra atual, se constituíram em regressos ofensivos da autocracia, porém a tentativa orgulhosa de Guilherme II para dominar o mundo parece que vai terminar, por ironia do destino, na definitiva libertação dos povos.

Na guerra atual, os elementos que se confrontam têm um caráter mais marcante do que nos conflitos anteriores, pois não se trata mais de uma luta de raças, de línguas ou de religiões; tanto nos conflitantes como nos neutros, dois partidos se erguem um contra o outro.

De uma parte, encontram-se todos os fermentos do absolutismo monárquico ou clerical, todos quantos se apegam ao espírito de casta e às tradições da autoridade sob

todas as formas: administrativa, militar e eclesiástica; todos os que admiram, sem reservas, o imperialismo alemão, suas instituições, sua organização sábia, sua forte disciplina e seu sistema educativo.

Do outro lado se colocam todas as pessoas e as coletividades desejosas de independência, revoltadas contra a opressão e a falsa infalibilidade, colocando acima de tudo o direito dos povos e da justiça social.

O entusiasmo que alguns têm pelos impérios centrais, por outros é reservado para a França, considerada como a campeã da liberdade do mundo e que, perante seus olhos, se ofereceu em sacrifício pela salvação das nações.

A esse respeito, são expressivas as opiniões e os testemunhos que nos chegam de todas as partes do globo e nosso país já começa a ser indenizado pelas humilhações e fracassos sofridos durante 50 anos.

À medida que a verdade se espalha, as causas reais e as responsabilidades dessa guerra aparecem mais claramente. A opinião e a consciência das Américas tornam-se cada vez mais favoráveis à França. O apoio e a ajuda recebidos são acrescidos pela simpatia.

O drama inicial, o assassinato de Sarajevo (do arquiduque da Áustria, Francisco Ferdinando, e de sua esposa, a princesa de Hohenberg), permanece envolto em mistério e ainda não se conhecem seus verdadeiros instigadores, porém quaisquer que eles sejam, a brutal agressão contra uma sérvia disposta a todas as concessões permanecerá como um ato odioso.

A declaração de guerra à França por motivos falsos e pueris, inventados sem motivo, e principalmente o atentado contra uma Bélgica inocente, apesar de solenes compromissos assumidos, o caráter de ferocidade que os alemães imprimiram à luta, o sacrifício dos pequenos povos vencidos por ela, tudo isso determinou um sentimento universal de reprovação e horror.

Caso tais fatos inqualificáveis não tivessem ocorrido, nem a Inglaterra, nem a Itália e nem os Estados Unidos se teriam envolvido na luta, e a França teria de suportar sozinha a investida formidável dos alemães.

Existe, portanto, um elemento moral de fundamental importância, parecendo que nessa luta, onde as forças materiais conseguem seu máximo poder, serão as forças imponderáveis que darão a última palavra.

Neste mundo de ferro, onde o método de esmagamento parecia soberano, a lei moral reaparece e o direito recupera sua força. Aqueles países que acreditam estar com a verdade e a justiça, que disso se acham compenetrados e que conseguem fazer com que todos participem desse sentimento, podem contar com uma solução favorável do conflito. Ao contrário, há muito tempo a incerteza, quanto à legitimidade de sua causa, vem se infiltrando na alma alemã. Nos povos do além Reno, aparece a certeza de que chefes orgulhosos e cegos os obrigam a sacrifícios rudes e privações duras, sem compensação alguma.

Pouco a pouco os gritos de vitória se transformam em maldições. O Kaiser vê erguer-se contra ele o fantasma da revolução. Os espectros da abdicação, da fome e da ruína rondam suas noites.

Por sua vez, a situação da Rússia tornou-se um problema aflitivo, pois o poder dos czares, carcomido pelas intrigas alemãs e pela traição, desmoronou diante do impulso robusto do povo.

O colosso de pés de barro despedaçou-se em poucos instantes, nascendo uma nova democracia.

Saberá ela organizar-se, disciplinar-se, estabelecer-se em bases sábias e permanentes ou, caindo na demagogia e no anarquismo, determinará a desagregação daquele vasto império? As desconfianças e paixões que reinam nos meios políticos, o estado de insubordinação do exército, justificam todos os receios.

A crise russa, realmente, é de autoridade e de liberdade, e não basta conquistar a liberdade, é preciso maturidade para saber praticá-la. No perpétuo conflito das coisas do mundo nenhum desses princípios (autoridade e liberdade) é vitorioso a não ser com o prejuízo do outro. Quando não se alcançam a paz e a harmonia social pelo entendimento, com um acordo perfeito das duas forças, unidas equilibradamente, uma das duas prevalece quase sempre, com prejuízo da ordem e da atividade individual.

A excessiva liberdade gera a anarquia que, por sua vez, traz consigo o despotismo. A humanidade, então, se agita num círculo vicioso, por falta de sabedoria e de equilíbrio moral.

Alguns povos pequenos, como a Suíça, a Noruega e a Dinamarca, se aproximam notavelmente desse perfeito acordo entre a autoridade e a liberdade, sob diversas formas, monarquia ou república. Neles, a instrução geral, um sentimento religioso elevado e uma forte educação popular favoreceram a prática daqueles meios, mas o mesmo não acontece nos grandes Estados, onde as paixões políticas, a ambição e o desejo de expansão e de dominação mundial monopolizaram as forças vitais em prejuízo da paz interior e do legítimo progresso.

Então, onde buscar um exemplo, um modelo e uma regra certa para conseguir a estabilidade e o equilíbrio das instituições humanas?

Só o estudo da vida invisível nos poderá tornar conhecido um mundo em que a autoridade e a liberdade se combinem e se completem harmonicamente. As revelações dos espíritos nos mostram, claramente, a existência, no Além, de uma hierarquia de poderes e de inteligências que vão se escalonando até Deus, mas essas revelações também nos ensinam que, na vida espiritual, todos os seres gozam de uma liberdade proporcional ao seu estado de adiantamento.

A hierarquia das almas é sempre relacionada com os seus méritos, não sendo possível nos enganarmos a esse respeito porque sua irradiação é a característica de sua elevação moral. Na medida em que o espírito galga os degraus da vida celeste, torna-se mais brilhante, mais luminoso e sua vontade se impõe magneticamente, aumentando com o seu poder de irradiação. Assim, permanecemos longe das condições da pobre sociedade terrena, onde é tão fácil a velhacaria, o vício e a mentira, que se dissimulam sob aparências bem cuidadas, maneiras sedutoras ou a palavra fácil. Enquanto as organizações sociais não estiverem em adequação com as leis do espaço, a perturbação, a desordem e a confusão permanecerão na Terra.

Na vida universal tudo se regulamenta para a evolução. Cada uma de nossas encarnações terrestres e cada uma de nossas existências planetárias é uma etapa de nossa caminhada eterna. Viemos do infinito aos mundos materiais para prosseguir em nossa educação e depois voltaremos para a vida espiritual, estando assim sujeitos a recommençar a vida terrena até que os progressos necessários se realizem.

A ordem social deve, portanto, estar organizada de modo que faculte a cada um de nós a maior soma de resultados do ponto de vista evolutivo. Sendo bastante variadas as situações das almas, as condições sociais também devem sê-lo, igualmente.

As condições elevadas são relativamente raras, pois são perigosas para o espírito encarnado na Terra rodeado com as tentações da riqueza e do poder e cujo orgulho elas provocam.

As situações inferiores, ao contrário, são incontáveis, porque as necessidades, as duras exigências que trazem consigo obrigam o espírito ao trabalho, desenvolvem o seu interior, a sua personalidade, a sua consciência, aumentando-lhe as energias latentes. Dores físicas e da alma, necessidade do trabalho, domínio da matéria, da doença e da morte, eis os meios pelos quais o espírito consegue compreender as rígidas disciplinas e praticar a lei do dever. A vida terrena é o crisol, onde a alma se transforma e se aparelha para as grandes missões futuras.

A nossa existência atual, considerada isoladamente, parece obscura e sem sentido para a maior parte dos homens, todavia, se a examinarmos em seu conjunto, relacionada com a que a precedeu e com a que a seguirá, ela se nos apresenta como um esplêndido campo, onde o ser constrói seu destino, edifica sua crescente personalidade, chegando a tornar-se totalmente livre, ao dominar o mal e vencer os maus instintos.

Em face das visões de horror que a guerra apresenta aos nossos olhos, diante dos milhões de túmulos cuja terra recém-revolvida ainda desnivela as planícies da Europa; ante os pedaços enegrecidos de parede, únicos vestígios das inúmeras aldeias que ainda ontem ressoavam com os ruídos da vida campestre, com o alegre som dos campanários e com os saudáveis risos das crianças, convém se afirmar que o homem, na sua essência, é imortal e que se recorde que, vicissitudes, prazeres, provações e dores, tudo contribui para nosso progresso e elevação.

Acima dessas cenas de tristeza e de luto, a vida invisível prossegue em sua serena majestade. Vivos ou mortos, somos arrebanhados pela grande força evolutiva para uma vida melhor, no seio do Universo ilimitado e da divina harmonia!

## 2

### **Agosto de 1917**

Retornemos ao problema da liberdade, cuja noção está marcada na consciência individual e, sob o nome de livre-arbítrio, designa o privilégio que o homem tem de decidir-se em um sentido determinado e orientar seus atos para o bem ou para o mal, sendo que a idéia de responsabilidade é inseparável da idéia de liberdade.

Se fôssemos apenas máquinas dirigidas por forças cegas, autômatos regidos pelo acaso, seríamos irresponsáveis, sendo impossível qualquer sanção à nossa conduta. A sociedade ficaria sujeita a todos os ventos da paixão, a todos os apetites e cobiças.

A teoria do determinismo, que renega o livre-arbítrio e a responsabilidade, é funesta em suas conseqüências, porque corrói os alicerces de toda lei moral e destrói tudo o que constitui dignidade, altivez e nobreza do caráter humano. Ao preconizar uma indulgência mórbida para com os desequilibrados, os viciosos e os criminosos, o determinismo põe obstáculos a qualquer tipo de repressão, favorecendo e alentando todos os abusos e excessos. A ele se pode atribuir, em grande parte, o enfraquecimento e a decadência em que se encontrava nosso país antes da guerra.

Por uma estranha contradição, muitas vezes vimos homens, que na política eram adeptos das mais amplas e completas liberdades, rebater, sem embargo, o princípio de liberdade inscrito em nós. Esperamos que as duras lições da guerra lhes tenham aberto

os olhos e que agora abandonem idéias perigosas, condenadas por todos os espíritos elevados.

Não é por acaso que conseguimos o livre-arbítrio ao nascer. Não é a liberdade o que nos espera com a chegada a este mundo, porém a servidão: servidão material, servidão das necessidades, cuja lei imperiosa nos obriga ao trabalho, ao esforço, adquirindo e desenvolvendo a própria liberdade.

Um olhar em nosso derredor apresenta-nos a infinita variedade das vontades e da liberdade concedidas a cada um. Somente o Espiritismo e as reencarnações podem explicar esses contrastes e anomalias aparentes.

As almas frágeis, curvadas ao peso da matéria, sujeitas a todos os desfalecimentos, são espíritos jovens, nascidos recentemente para a vida e que ainda não souberam avaliar as forças ocultas que possuem. Ao contrário, as almas fortes, que conseguiram alto grau de progresso, possuem numerosas existências de lutas e sacrifícios, nas quais aumentaram seu capital de energia e retemperaram sua vontade. Entre estas e aquelas existem inumeráveis degraus que representam outras etapas a percorrer e através das quais o ser vê, paulatinamente, aumentar seu livre-arbítrio e recuar o círculo das fatalidades.

A diversidade das situações se explica por si mesma, pois, em razão do seu livre-arbítrio, há almas que se adiantam mais vagarosamente e outras com mais rapidez.

No começo de nossa trajetória a matéria nos oprime, domina e esmaga, porém, no momento em que a alma haja se elevado o suficiente, começa a dominar a natureza inferior, impondo-lhe seus desígnios. A educação por meio do trabalho e pela dor desenvolve nela qualidades e forças que a libertam dos laços e dos atrativos materiais.

Ela se encontra, desde então, apta a ocupar lugar nas comunidades superiores, aprendendo a se conduzir sem o estímulo do agulhão da necessidade. Junto com a plenitude de sua liberdade adquire a plenitude da sabedoria e da razão.

Para que pudessem reinar, neste mundo, a paz e a justiça, seria necessário que nossas instituições se orientassem por aquelas que regulam a vida nesse Universo invisível onde cada um está no lugar que lhe corresponde e todo o ser recebe uma função adequada ao seu valor moral e aos progressos conseguidos. No entanto, vemos que na Terra tal não acontece.

Nela os alicerces fundamentais de toda a ordem social – a autoridade e a liberdade –, no lugar de se fundirem num todo harmonioso, se colidem e quase sempre se combatem. A autoridade torna-se perigosa se não está aliada ao mérito e ao saber. A liberdade não o é menos quando se trata de homens violentos, ignorantes e apaixonados.

Para cada um de nós a lei divina reserva uma série de provações e de trabalhos na medida das nossas necessidades evolutivas e das reparações que nossas vidas anteriores exigem, porém a lei humana ignora tudo isso.

Outro erro fundamental de certos sociólogos é a preocupação de estabelecerem a igualdade entre todos os homens. Ela não existe na natureza nem na própria sociedade humana. Jamais se poderá impedir que homens ativos, previdentes, econômicos superem os indolentes, os imprevidentes e os pródigos.

No fundo, a igualdade é a própria negação da liberdade e ambas se anulariam mutuamente caso a fraternidade não lhes atenuasse os efeitos antagônicos.

É verdade que um poderoso movimento de democratização agita todos os países e os povos se voltam para a liberdade. Entretanto, já o dissemos, a liberdade política

sem o valor moral, isto é, sem a sabedoria e a razão que a justificam, é uma conquista perigosa, porque o homem terreno coloca os seus direitos acima de seus deveres.

Ele tem a liberdade de praticar o bem e pratica com maior freqüência o mal, que recai sobre ele mesmo com todo o peso de suas conseqüências, daí as inevitáveis catástrofes, dilacerações, padecimentos e lágrimas.

As lições da adversidade são necessárias, pois do fundo do abismo dos males a que nos arrasta a guerra vemos melhor nossos erros e faltas. Estão ressurgindo verdades que estavam esquecidas, fazendo resplandecer entre nossas angústias um raio do pensamento divino.

O homem muitas vezes amaldiçoa a dor porque não lhe compreende a eficácia, mas o espírito que paira sobranceiro a abençoa porque vê nela um instrumento de seu progresso. A dor é o único corretivo do mal que praticamos livremente.

Se Deus houvesse eliminado o mal e a dor, como alguns filósofos propõem, nossa liberdade ficaria diminuída na mesma proporção e nossa personalidade se apoucaria juntamente com nossos merecimentos. Deus nos permite desfalecimentos e quedas para que as conseqüências que acarretam sejam um meio de reerguimento.

Assim, da tormenta atual o nosso país poderá sair moralmente engrandecido, mais sensato e prudente pelos efeitos da rude provação, e aureolado por uma nova glória.

Todo sofrimento é uma purificação e a própria guerra, apesar dos horrores que produz, está revestida de uma trágica beleza, se considerada como uma obra de sacrifício.

O que a História mais exalta é a memória dos que souberam sofrer e morrer: os heróis e os mártires, por exemplo. Não existe nada mais sublime do que nosso próprio sacrifício, em prol de uma causa justa e de uma nobre idéia!

\*

A presente guerra é, antes de tudo, um conflito de idéias e trará para o futuro conseqüências incalculáveis. É a luta da espiritualidade contra o materialismo mais violento, mais cruel; a revolta da consciência humana contra o autoritarismo militar e todos os seus excessos.

Faz 50 anos que o seu jugo oprimia o mundo e, pelo menor motivo, a Alemanha ameaçava seus vizinhos com o seu pesado sabre.

Toda a Europa ressoava o estrondo das armas; o chão estremecia com a marcha das longas colunas de tropas, ao cadente patear dos cavalos, sob o rodar dos canhões. Agora, outras perspectivas se vislumbram; depois dessa guerra devastadora, terminado o militarismo alemão, parece que uma paz definitiva poderá reinar no mundo ensanguentado.

Espíritos tristes, considerando as destruições espantosas causadas pela guerra, ainda duvidam do futuro de uma civilização que pode produzir tais flagelos; eles não contemplam as coisas de altura suficiente. Uma atenta observação lhes mostraria que, do meio da confusão dos acontecimentos, elaboram-se, vagarosamente, a consciência universal e a vontade que os povos possuem de destruir, para sempre, a causa de tantos males.

Paulatinamente, forma-se um acordo entre as nações que unem seus esforços para eliminar o conflito latente, a “paz armada” que vem destruindo a Europa há meio século, enchendo o abismo sem fim dos gastos inúteis que absorvem a maior parte da produção do trabalho e da capacidade dos povos. Se essa guerra pode chegar a tais

resultados, ninguém vacilará em reconhecer que, pelo menos, nos obrigará a dar um grande passo para um futuro melhor.

As dolorosas lições do presente terão fornecido seus frutos e o prestígio da glória militar se dissipará como a fumaça. Republicamos ou monarquistas, todos querem determinar as responsabilidades do grande drama, tirando delas as punições necessárias. As instituições sociais passarão por profundas modificações e as idéias democráticas parecem impor-se aos mais indiferentes.

A política secreta já não se usa mais, os povos querem poder gerir seu próprio destino. A Alemanha, habituada a todas as servidões, parece tremer diante de um sopro libertador.

Ela sente em si, como todas as outras nações, uma intensa necessidade de renovação e progresso.

\*

Como se definir o progresso? Ele é o objetivo principal da atividade humana, em suas diversas formas: material, intelectual e moral. Ele deve ser realizado nesses três aspectos, paralelamente, a fim de dar ao poder social o desenvolvimento e o equilíbrio que fazem dele um todo harmonioso.

O conjunto dos esforços empregados e dos resultados adquiridos constitui a civilização. Porém quando a civilização se apega a uma ou outra daquelas formas e despreza as demais, o equilíbrio se rompe e a humanidade caminha para um cataclismo. É o que está acontecendo no momento atual. A Ciência concedeu formidáveis meios de destruição ao homem e este os consagrou às obras do mal. A orgulhosa Alemanha pretendia dominar o mundo pela força e pelo terror.

De outro lado, o sensualismo e a corrupção dos costumes haviam enfraquecido bastante a resistência de seus adversários. As furiosas paixões desencadearam a borrasca e Deus permitiu que tudo acontecesse a fim de que, ao sinistro clarão dos acontecimentos, pudéssemos calcular toda a extensão de nossos erros e a humanidade se regenerasse pelo sofrimento.

Pelas mesmas razões a civilização já desapareceu várias vezes da face da Terra. Nossos vícios e nossa cegueira já nos conduziram à beira de um abismo, onde nos teríamos projetado, se não tivéssemos os auxílios poderosos do mundo invisível.

Quando uma civilização chegou ao ponto de transviar o homem das leis divinas, daquilo que Platão denominava “o real caminho da alma”, quando perdeu de vista o principal objetivo da existência, que é a educação e o aperfeiçoamento moral do homem, tal civilização está condenada a desaparecer por culpa de seus próprios excessos. Se não for inteiramente destruída ela se verá, no mínimo, abalada em suas mais íntimas profundezas.

Pelos ferozes caprichos das batalhas, pelas epidemias e por todos os males decorrentes da guerra, milhares de almas se libertaram, escapando assim da contaminação pelos maus exemplos, das tradições que perpetuam os erros e os abusos, para renascer depois no meio terrestre, quando se purificou pela dor, ou em outros mundos melhores.

A grande lei das reencarnações não é mais do que uma das formas da eterna lei do progresso e nada prevalece contra ela. Às vezes ela parece ter sido sustada pelos efeitos da liberdade humana, porém, mais cedo ou mais tarde, retoma seu curso, exercendo sua ação sob novas formas.

Por meio dos triunfos e dos martírios das nações, através das mortes aparentes e das ressurreições, se poderia seguir a marcha majestosa da humanidade para o belo e para o bem supremos, sob o olhar atento de Deus.

## **XIII** **Ressurreição** <sup>13</sup>

### **Dia de Páscoa, 31 de março de 1918**

Anualmente, aos primeiros sorrisos da primavera, os discípulos de Allan Kardec se reúnem em torno desta lápide sagrada, a fim de homenagearem a memória do grande Codificador.

Parece, inicialmente, que se abriram claros em suas fileiras, porque todos os que são jovens estão longe, de pé, na frente de batalha, para repelir o invasor.

Muitos tombaram na defesa da pátria e suas almas foram se juntar, no Espaço, com as almas dos homens de ideal, de dever e de virtude que, faz 60 anos, lutaram pela divulgação do Espiritismo em nosso país, todavia essas almas, fiéis à citação, tornaram a participar desta cerimônia.

Se conseguíssemos tirar o véu que nos oculta o mundo invisível não veríamos somente alguns grupos de adeptos, porém uma grande multidão que se apresenta espontaneamente para nos alentar e nos inspirar. Seu número cresce bastante ao somar-se com todos aqueles atingidos pela dor e que buscam em nossa doutrina o raio de esperança que esclarece e consola.

Na luta terrível que abala o mundo, não são apenas as energias latentes que acordam, mas também todas as paixões furiosas e as ambições que jaziam no coração humano.

Neste momento cruel, é agradável nos lembrarmos dos grandes obreiros do pensamento pacificador e fecundo, que prepararam um futuro melhor e, dentre eles, Allan Kardec.

Desta vez, o aniversário do mestre coincide com a festa da Ressurreição. Não é este, por acaso, um motivo de alegria, um símbolo de vida e uma promessa de imortalidade?

A Páscoa é o despertar da natureza depois do prolongado e triste sono do inverno. Os brotos se enchem de seiva, nascem florinhas nas moitas, recomeçam os gorjeios dos pássaros que preparam os ninhos nos ramos. Tépidos perfumes pairam no ar.

Ao mesmo tempo se estabelece, com maior insistência, o problema da vida renascente, que é uma questão grave do movimento progressista, através do qual são feitas ou transformadas as coisas.

Para grande parte dos homens, esse problema ainda é obscuro, permanecendo velada a finalidade da vida. Tudo quanto lembra o mistério dos seres e das coisas aumenta sua inquietação e seu anseio. Não sabem de onde vieram nem para onde vão; caminham tropeçando em todos os obstáculos da estrada. A idéia da morte os assusta e eles a repelem horrorizados.

Para nós, graças ao Espiritismo, o objetivo do viver se aclarou de maneira intensa. A vida é um caminho até as alturas, a rota que conduz aos grandes picos perenes. É o esforço do homem para o bem e o belo, é a ascensão para a luz, é o desenvolvimento gradual das forças e das faculdades, cujas sementes Deus colocou em cada um de nós.

É verdade que muitas vezes, principalmente na hora atual, a subida é áspera e pontilhada de espinhos, ficando o horizonte escurecido diante de nós. Porém nas horas sombrias é que as grandes verdades se destacam com maior esplendor e se depuram as

almas no cadinho do sofrimento. Pelo sacrifício e pela abnegação aumentam sua irradiação interior. Por intermédio de nossas existências terrenas, precárias, instáveis e dolorosas, construímos nosso espírito imortal e o grandioso edifício de seus destinos.

A Páscoa é também a comunhão entre dois planos: o visível e o invisível, o terreno e o espiritual. Nesse ponto de vista, é o coroamento da obra de Jesus.

O Cristo abriu, de par em par, as amplas portas que estabelecem o intercâmbio entre esses dois mundos, permitindo que se penetrassem reciprocamente.

Sabemos que toda a vida de Jesus foi uma obra mediúnica da maior intensidade. Se ele agrupou, ao seu redor, homens simples e ignorantes para lhes entregar uma missão que exigia instrução e faculdades oratórias, foi porque descobrira neles as aptidões psíquicas que iriam convertê-los, depois que ele tivesse morrido, em intérpretes do Além, inspirados pelo próprio pensamento e pela vontade.

A ação dos profetas hebraicos, provocada por superiores influências, prosseguia e se estendia por toda a Igreja cristã, tornando-se ela a intermediária no mandato preparado pelas potências invisíveis. A manifestação da Páscoa e as aparições de Jesus que se seguiram são a nota importante, o centro dessa grande epopéia espiritualista.

A Igreja primitiva apresenta notáveis semelhanças com o movimento espírita atual. Sob o nome de profetas, os médiuns nela representavam um papel importante porque nas suas inspirações e discursos havia o grande sopro do Além.

A Igreja, durante todo o tempo em que seguiu sendo a intérprete das revelações sobre-humanas, foi assistida, protegida e, apesar dos erros e das imperfeições de seus membros, manteve-se viva e próspera.

Entretanto, a partir do dia em que aboliu a mediunidade, impondo o silêncio às vozes do além, nela fez-se a obscuridade; pouco a pouco, os objetivos divinos foram substituídos pelos materiais e ela abandonou o seu verdadeiro papel, a missão que seu fundador lhe conferiu.

A violenta e pérfida campanha que a Igreja promove hoje contra o Espiritismo comprova que ela se desviou completamente do sentido de suas origens, de suas verdadeiras tradições, afastando-se, cada vez mais, dos ensinamentos do Cristo para se encerrar em fórmulas que os lábios repetem, mas que não trazem luz nem calor aos corações dos homens.

Resulta daí que cabe a nós, modestos discípulos e humildes herdeiros de Allan Kardec, a missão de restabelecer o laço que une o Céu à Terra, de reencontrar a fonte fecunda de onde jorram altas inspirações, de retomar essa tarefa que deve congregar os poderes invisíveis e os homens de boa vontade, a fim de se construir a nova era desejada por todas as almas inquietas e tristes...

No meio da miséria humana, nos dias angustiados que atravessamos, a Páscoa deve ser, como um raio de luz, uma mensagem de júbilo e de esperança.

Aí está por que, de pé em torno deste dólmen, como os antigos cristãos que celebravam a Páscoa em traje de viagem e segurando o bordão, comungamos nós, não materialmente, porém com todos os impulsos de nossa alma e todas as aspirações de nosso coração, com esse mundo invisível, cujas legiões pairam sobre nós e se associam intimamente às nossas lutas e esforços, assim como aos nossos padecimentos.

Dessa forma, a enorme cadeia de vida que liga a Terra ao Espaço se consolida e reúne, numa só ação, as duas humanidades, solidárias no seu destino através dos séculos e dos tempos.

Se queremos entrever pelo pensamento o porvir reservado ao Espiritismo, imaginemos, por um momento, as gerações vindouras livres de superstições clericais, de preconceitos universitários e elevadas, através do espiritualismo científico e filosófico, até a comunhão com o invisível, conversando com os habitantes do além, orientando sua vida de acordo com os conselhos de seus preceptores de além-túmulo e obedecendo aos impulsos superiores, como os antigos profetas de Israel.

Semelhante sociedade não formaria o povo de eleitos aos quais Jesus veio evangelizar? A união de tal povo com a humanidade invisível seria comparável à escada de Jacó, pela qual os espíritos desceriam até nós e nós subiríamos até Deus, numa ascensão de glória, de virtude e de luz!

A todos os que se curvam ao peso da existência e ao fardo das provações, aos que consideram com terror o flagelo, o fogo e o sangue que devastam a França, diremos: Elevai vossos pensamentos acima das misérias humanas, elevai-os às regiões serenas, às perspectivas imensas que a doutrina de Allan Kardec nos apresenta.

Bem mais alto que as circunstâncias terrenas, ela vos ajudará na descoberta das leis eternas que presidem a ordem, a justiça e a harmonia no Universo. Mostrar-vos-á que os males do destino são outros tantos degraus para se chegar a um nível mais elevado da vida, para alcançar sociedades melhores, humanidades mais dignas dos favores da natureza e do destino. Ela vos dirá que a catástrofe que agora se desencadeou sobre o nosso país, talvez com o fim de sanear-lo, é passageira e que melhores dias virão depois da tormenta.

O espírita sabe que um futuro sem limites lhe está garantido e vai andando em seu caminho com mais fé e confiança.

Suporta, resolutamente, as provações porque, de antemão, conhece suas causas e seus proveitos, haurindo na sua crença as consolações e a força moral tão importantes nos momentos críticos e de luto. Sabe que, apesar das vicissitudes dos tempos e dos reveses da História, a verdade, o direito e a equidade sempre deram a última palavra.

O espírita sabe que uma poderosa proteção o envolve, que cada um de nós tem o seu guia e que seres invisíveis zelam pelos indivíduos e pelas nações.

O estudo de nossa natureza psíquica lhe mostrou toda a extensão das nossas forças ocultas, que podemos ampliar e desenvolver pelo pensamento, pela vontade e pela oração, atraindo para nós as forças exteriores e os puros fluidos, cuja finalidade é fecundar nossas próprias forças interiores.

Dessa maneira, a comunhão com o invisível não é apenas um ato de fé, mas principalmente um salutar exercício que aumenta nosso poder de irradiação e de ação.

A fim de que possamos gozar da claridade e do calor do Sol, precisamos, em nossas casas, abrir as portas e as janelas; assim também, é preciso abrir nossas almas e nossos corações às divinas irradiações para sentir seus benefícios.

A maior parte dos homens continua refratária, resultando daí a pobreza de seu espírito e a obscuridade em suas mentes. Porém, se nossos pensamentos e vontades vibrassem uníssonos, convergindo para um objetivo comum, essa meta seria facilmente atingida e os nossos males se reduziriam notadamente. Nas almas que se encontram mais nas sombras brotaria uma centelha que se transformaria em chama ardente.

No meio da luta que devasta o mundo, muitas vezes nos sentimos sufocados pela tristeza. Nós que, até pouco tempo afirmávamos a lei do progresso, com a qual sonhávamos para o melhoramento constante de todas as coisas, agora somos obrigados a reconhecer que as conquistas científicas e as mais belas descobertas da inteli-

gência servem para intensificar a obra de destruição e de morte a que assistimos, impotentes.

A história imparcial registrará as cenas de espanto e terror que acontecem tanto no alto dos ares como na terra e até no fundo das águas; e determinará a responsabilidade dos que foram os primeiros em inaugurar processos de guerra que excedem em selvageria e ferocidade a tudo quanto a humanidade conhecia.

De nossa parte, diante desse desenrolar de paixões furiosas, desse transbordamento de ódios, temos um dever a cumprir, uma missão a realizar: divulgar em nosso derredor o conhecimento desse além, onde a verdade e a justiça, embora muitas vezes ignoradas na Terra, ainda encontram refúgio seguro; dirigirmo-nos aos que choram seus mortos queridos, iniciando-os nesse intercâmbio espiritual que lhes permitirá conviverem ainda com eles pelo espírito e pelo coração, proporcionando-lhes inefáveis consolações, e, finalmente, relembramos a memória do grande Codificador dessa doutrina luminosa e serena que traz alento e consolação aos aflitos.

Em nossos dias de sofrimento, uma das raras alegrias do pensamento é a de nos determos nas nobres figuras que muito honraram a humanidade.

## XIV ”Sursum Corda”<sup>14</sup>

Espíritas, elevemos nossas almas à altura dos males que ameaçam a pátria e a humanidade, porque é nos tempos de provações que as nobres virtudes e a coragem viril se revelam.

Faz pouco tempo, naquelas horas de paz e de bem-estar que parecem já tão distantes, muitos dentre nós lançavam os pensamentos e a vontade para uma vida fácil e até mesmo de sensualidade, mas ao golpe dos acontecimentos, convém que as energias enfrentem o perigo, a fim de alentar e fortificar os que, na trincheira, combatem pela salvação nacional.

Como todos os adeptos sabem, o pensamento e a vontade são forças que, operando de modo constante no mundo dos fluidos, podem adquirir um poder irresistível. Ao mesmo tempo, servirão de apoio às legiões de espíritos que, nestes últimos quatro anos, nas horas de perigo, não se cansaram de amparar e encorajar nossos defensores, transmitindo-lhes a impetuosa coragem que o mundo admira.

Nossos protetores invisíveis repetem constantemente: “Uni vossos pensamentos e vossos corações! Se todas as vontades, amparadas pela oração, de um a outro ponto do país, convergissem para um fim único, a vitória estaria garantida.”

Nos mais terríveis momentos de sua história, a França tem comprovado toda a sua grandeza, pois, diante do perigo iminente, em 1429, em 1792, em 1870 e em 1914, ergueu-se firme, resoluta e inquebrantável.

Conservemo-nos leais às tradições de nossa raça, que são as de nosso próprio passado, porque muitos de nós viveram naqueles tempos de crises e de provações. A história da França é a nossa própria história.

Compartilhamos, então, de suas alegrias e de suas dores, participando de seus prolongados esforços, comungando com sua alma e sua genialidade. Se tornamos a nascer nesta terra da França, é porque mil laços e mil recordações nos prendem a esta doce região.

Assim, ao contato com os acontecimentos, muitas impressões despertam em nós, e sentimos que nossas almas vibram e palpitam uníssonas com a grande alma da pátria.

A gigantesca luta que se está travando não tem igual na História. Desde Maratona e Salônica, de Átila até hoje, não via o mundo lançar-se para os centros civilizados semelhante onda de barbárie. Hoje esse quadro se ampliou, tornando-se inumeráveis as massas de soldados em movimento.

É a luta simbólica da “besta” contra o Arcanjo, isto é, da matéria contra o espírito, que se torna realidade. Aqui a matéria se apresenta com a mais repugnante forma: a força brutal, a serviço da mentira, da traição, da prática habitual da emboscada, com os mais requintados e cruéis processos de destruição.

Todos os poderes do mal foram desencadeados contra o pensamento livre e alado; procuram aniquilar os seus impulsos para o direito e para a justiça, obrigá-lo a rastejar, mutilado e humilhado. Porém, o espírito pode morrer, o pensamento pode perecer? Apresentar a pergunta é resolvê-la. A Alemanha, por muitas vezes, pensou ter a vitória nas mãos e esta lhe escapou e haverá de lhe escapar até o final...

Nessa guerra terrível, nosso país se firmou como campeão do mundo, a favor da liberdade, assumindo caráter épico o seu papel.

A França resgata todos os seus crimes, todos os seus erros e todas as suas fraquezas com seu holocausto, seu sacrifício voluntário em prol do que há de mais grandioso e de mais sagrado na consciência humana. Eis a razão pela qual as legiões invisíveis pelejam com ela e por ela.

Em nossos artigos anteriores já falamos do grande Conselho de Espíritos e, à frente dele, nossos médiuns viram, distintamente: Vercingétorix (que foi Desaix), Joana d'Arc, Henrique IV, Napoleão e junto com eles muitos dos que participaram de seus perigos e de sua glória.

Do outro lado, sobre as linhas inimigas, paira a legião negra dos espíritos das trevas, instilando maquinações infames nos cérebros alemães. Se, algumas vezes, parecia que eles tinham superioridade na luta, foi por meio de processos que repugnam aos espíritos elevados, contudo as forças do mal não poderiam prevalecer, por muito tempo, contra as do bem.

No meio de tão trágica batalha, a emoção freqüentemente domina os corações.

Prossigamos inabaláveis e confiantes no bom êxito final, com o impulso dos nossos pensamentos e a força de nossas almas sustentando nossos defensores visíveis e invisíveis. Um poderoso sopro passa pelas terras da França, reavivando as energias, exaltando os ânimos e despertando por toda parte o espírito de heroísmo e de sacrifício. Oremos e saibamos esperar a hora da divina justiça.

Por mais penosas que sejam as provações que nos aguardam, mantenhamos nossas firmes esperanças, pois a grandeza da causa que servimos e o fim que almejamos atingir nos ajudarão a tudo suportar.

Muito em breve as nações, livres do jugo alemão, entoarão o hino da vitória: *Sursum corda!*

## XV O Futuro do Espiritismo

**Julho de 1918**

No desenrolar dos trágicos acontecimentos, o pensamento ansioso procura vencer as brumas e as sombras do futuro, levantando o véu que o esconde de nossos olhos, perguntando a si próprio como será o amanhã. Quando tudo parece que se desmorona em nossa volta, o pensamento sonha com uma reconstituição de ordem política e social.

Há 50 anos que trabalhamos, preparando um mundo onde os homens aprendam a se amar, vivendo na santa comunhão da inteligência com o coração, mas assistimos a uma interminável série de lutas selvagens, aos gigantescos esforços que faz o espírito de dominação para escravizar os povos, colocando-os debaixo do seu jugo!

Quem, então, ensinará as verdadeiras leis aos homens, quem os ensinará a progredir livremente na paz e na harmonia? Neste momento a Doutrina Espírita aparece como um raio consolador, um astro novo, que se ergue sobre um mundo de escombros e ruínas.

Os incrédulos nos responderão com um sorriso de zombaria e nos perguntarão se o Espiritismo é realmente capaz de desempenhar um papel regenerador. Como argumento, para nós será suficiente medir o caminho que nossa doutrina percorreu e os progressos que realizou desde a morte de Allan Kardec. Podemos afirmar que não foram inúteis nossos esforços comuns, porque já se começa, por toda parte, a conhecer a verdade e a grandeza das idéias que defendemos.

No decorrer de minhas inúmeras viagens por todos os lugares e de minha presença em um número incontável dos mais diversos ambientes, pude acompanhar os notáveis e crescentes progressos da idéia espírita na opinião geral.

Há três anos, sob o impacto dos atuais acontecimentos, em meio ao grande drama que sacode o mundo, muitas almas se entristecem e seus pensamentos se dirigem para o Além, ávidos de consolações e de esperanças.

No mesmo grau, sente-se, por toda parte, a insuficiência e a pobreza dos ensinamentos dogmáticos, sua ineficácia para curar as chagas, consolar a dor e explicar o destino humano.

Qual deve ser o objetivo principal do Espiritismo? Antes de tudo, provocar, pesquisar e coordenar as provas experimentais sobre a sobrevivência da alma após a morte.

Tal pesquisa da verdade se deve fazer através de uma fiscalização rigorosa e metódica, porque as justas exigências do espírito moderno nos obrigam a passar todos os fatos pelo crivo de um exame imparcial, prevenindo-nos contra os perigos da credulidade e das afirmações precipitadas.

Charles Richet e outros nos têm acusado de falta de rigor em nossas pesquisas e experiências, mas o Espiritismo, baseando-se em provas bem estabelecidas, deve preparar e renovar a educação científica, racional e moral do homem em todos os meios. Sua ação tem que se exercer em todos os setores: experimental, doutrinário, moral e social, porque existe nele um elemento restaurador do qual podemos esperar tudo.

Pode-se afirmar que ele será chamado para ser o grande libertador do pensamento que está escravizado há tantos séculos e que lançará no mundo, cada vez mais, sementes de bondade e fraternidade humana que, cedo ou tarde, haverão de frutificar.

Ficamos impacientes porque a vida é curta e parece que os progressos são lentos, todavia podemos garantir que, em 50 anos, o Espiritismo fez muito mais do que outro movimento do pensamento humano em igual período de tempo, em qualquer outra época da História.

Sim, estamos impacientes e a nossa piedade se comove com o espetáculo da ignorância, da rotina, dos preconceitos, dos sofrimentos e misérias da humanidade, principalmente no momento atual. Queríamos obter resultados imediatos.

Entretanto já podemos ver que, paulatinamente, tudo muda em nossa volta, tudo evolui sob a pressão dos acontecimentos e o sopro das novas idéias.

Muitas trevas se desfazem e muitas resistências desaparecem. Os ódios que nossas crenças despertavam em sua volta mudam-se, muitas vezes, em simpatia e até em amizade, visto que os homens só se combatem e só se desprezam porque se desconhecem...

A magnífica obra do Espiritismo será a de aproximar os seres humanos, as nações e as raças, formando os corações e desenvolvendo as consciências; para isso, porém, são necessários o trabalho, a perseverança, o espírito de dedicação e o auto-sacrifício.

\*

A guerra não nos revelou apenas um perigo exterior que nos acompanhará por muito tempo, mas também nos mostrou as feridas vivas e os males interiores de que padece nossa infeliz pátria. Contrastando com as heróicas virtudes dos nossos soldados, com a espera estóica e laboriosa do pessoal da retaguarda, rebentaram escândalos políticos que descobriram a falência de certas consciências, o completo esquecimento da lei do dever, bem como da lei das responsabilidades.

Não vacilamos em atribuir a causa desses males à educação confusa que o Estado dispensa às gerações; um ensino sem ideal, sem grandeza, sem beleza moral e incapaz de retemperar as almas, preparando-as para as duras necessidades da vida, resultando disso que, em nosso mundo coberto de tristeza e afogado em sangue e lágrimas, muitas almas se entregaram às vacilações da dúvida, da paixão e, com muita frequência, ao desespero.

É verdade que sob o jugo das provações sentimos nascer, por toda parte, um vago desejo de crer, de acreditar, mas ninguém sabe qual a fé que deve seguir.

As afirmações dogmáticas, baseadas em textos de autenticidade contestável, já não se aceitam mais e só o Espiritismo, pelas provas que fornece da sobrevivência da alma, pela demonstração experimental que oferece no sentido de que a vida é um dever renascente e de que sobre nós recaem as conseqüências de todos os nossos atos, poderá introduzir no ensino nacional elementos suficientes de renovação.

Fez-se evidente, para todo pensador, que as sociedades humanas nunca atingirão um estado de paz e harmonia por processos políticos, mas sim pela reforma interior e individual, isto é, por uma educação moral que aperfeiçoe a coletividade ao aperfeiçoar cada criatura que dela faça parte.

Não são suficientes as leis, os decretos e as convenções; é necessário um ensino que determine o papel e o lugar do homem no Universo, que garanta a disciplina moral e social, sem a qual não há força, nem estabilidade para uma nação. O mesmo

acontece com a liberdade que só é possível obter quando a ela se juntam a prudência e a razão.

Nos seus elementos fundamentais, a Doutrina Espírita nos proporciona os recursos necessários para se estabelecer esse ensino, demonstrando que a liberdade tem seu princípio no livre-arbítrio do homem e que esse livre-arbítrio é sempre proporcional aos nossos méritos e ao nosso grau de evolução. Dessa forma, o Espiritismo lhe dá uma espécie de consagração. As bárbaras lutas que, periodicamente, banham de sangue o nosso atrasado planeta só cessarão quando a doutrina dos espíritos se irradiar pelo mundo.

Pode-se, portanto, dizer que os divulgadores do Espiritismo são os melhores obreiros da paz universal pela tarefa a que se consagram, da qual só conhecem as dificuldades, sem recolher ainda suas alegrias e seus frutos.

Todavia, quando houver terminado o reinado do ódio na Terra, a história saudará esses bons operários do pensamento, e a liberdade guardará a memória dos que fixaram suas bases, traçando seu caminho e facilitando seu vôo.

## XVI O Espiritismo e a Ciência

### Agosto de 1918

Allan Kardec, em suas *Obras Póstumas*, garantiu que o futuro pertencia ao Espiritismo. Após meio século de provações e de trabalho, esta afirmativa hoje se verifica e podemos repeti-la com a certeza de que tais palavras de esperança e de fé profunda nunca serão desmentidas.

Afirmaremos, por nosso turno: o futuro pertence ao Espiritismo, saibamos prepará-lo...

Quais são os progressos obtidos pelo Espiritismo? Primeiramente, verificamos que a própria Ciência oficial é afetada por ele, a tal ponto que terá a necessidade de reformar seus métodos e renovar seus sistemas.

Há 50 anos os espíritos nos ensinam, teoricamente, e nos demonstram, experimentalmente, a existência do que eles denominam fluidos e que são estados especiais da matéria, de forças imponderáveis que os sábios rejeitavam com unânime acordo.

Quem os comprovou, em primeiro lugar, foi Sir William Crookes que, com suas experiências espíritas (como declara em seu livro *Recherches sur les Phénomènes du Spiritualisme*) entrou no caminho dessa descoberta.

A partir de então, a Ciência não cessou de reconhecer a diversidade e o poder dessas forças: Roentgen, com os raios X; Becquerel, Curie, Le Bon, descobrindo as energias intra-atômicas; Blondlot, os raios N.

É preciso fazer constar que as forças radioativas não promanam apenas dos corpos materiais, mas também dos seres vivos e pensantes. Trata-se de uma preparação para se constatar a vida invisível e o perispírito. Allan Kardec já afirmava em suas obras a existência de tais forças.

Dessas descobertas resulta que todas as bases da Física, da Química e até da Psicologia vêm sendo afetadas seriamente. O Espiritismo se beneficia largamente com as recentes comprovações feitas nessas áreas.

Hoje a Ciência reconhece a existência de todas as forças sutis, manipuladas pelos espíritos nas manifestações.

Lembremos o fenômeno dos transportes, a reconstituição espontânea de diversos objetos em ambientes fechados, os casos de levitação de móveis e de pessoas vivas, as experiências de penetração da matéria pela matéria realizadas por Aksakof, Zöllner e outros, com anéis de metal e tiras de pano lacradas.

De uma forma geral, a passagem dos espíritos através das paredes, as aparições e materializações em todos os graus, todos esses fatos comprovaram, desde o início, a ação de prodigiosas forças, ainda desconhecidas, além da possibilidade de uma dissociação da matéria, até então ignorada, e que a Ciência atual se vê forçada a admitir, após os trabalhos de Curie, Becquerel, Le Bon, etc.

Um escritor católico, em um recente livro onde, através da rudeza da forma, se nota em cada página o verdadeiro interesse do autor,<sup>15</sup> contesta-nos, afirmando que outros inovadores haviam notado a existência do fluido humano muito antes de Kardec, por exemplo Mesmer, com a sua famosa selha.

Ele se esqueceu, sem dúvida, da aceitação sarcástica que se deu a essa inovação e da violenta hostilidade das instituições científicas a seu respeito.

Semelhante hostilidade persistiu a tal ponto que não seria preciso recuarmos muito para recordar as zombarias de algumas academias contra o magnetismo.

Foi necessário todo o gênio de um Crookes para derrubar portas que permaneciam fechadas hermeticamente.

Aquilo que os sábios se obstinaram em condenar durante tanto tempo, os espíritas já conheciam e aceitavam, há mais de 50 anos. Estes não deixaram de prosseguir na demonstração e na prova experimental de tais fatos e, neste momento, me informam a descoberta de dois investigadores da cidade de Lyon, que encontraram o modo de reproduzir a fotografia dos desdobramentos fluídicos de membros humanos amputados e até mesmo do duplo etéreo completo de um médium exteriorizado, por meio da espectroscopia e dos raios ultravioleta.

Dessas pesquisas e experiências resultou, obrigatoriamente, uma profunda modificação das teorias clássicas sobre as energias e a matéria, caindo o dogma da indivisibilidade do átomo e com ele toda a ciência materialista, que se encontra em completa desordem. Veja-se, por exemplo, esta declaração do presidente de um Congresso para o Progresso das ciências, que se realizou pouco antes da guerra, o Sr. Laisant, ex-deputado pelo Departamento de Sena, a quem conhecemos pessoalmente como positivista, isto é, fiel discípulo de Auguste Comte:

“Desde a infância, vivemos uma vida científica tranqüila, conformados com nossas teorias, qual uma velha casa um tanto avariada, à qual estamos apegados pelo hábito, que amamos e onde habitamos. Mas aparece um tufão sob a forma de novos fatos, que são incompatíveis com as teorias admitidas. Caem as hipóteses, a casa desmorona e ficamos inteiramente desorientados e tristes, esperando novas tempestades, e sem saber o que fazer.”

Que confissão de incapacidade e de esterilidade encontramos nessas palavras!

Quando estudamos a marcha do Espiritismo, somos levados a constatar que, passo a passo, apesar de suas hesitações e repulsas, a Ciência se aproxima, gradualmente, das teorias espíritas.

Na Física e na Química, por exemplo, ela reconhece a existência da matéria sutil, radiante, e das forças radioativas, que fazem a própria base, a essência e o modo de manifestar-se do mundo invisível.

Agora, em Psicologia, ei-la obrigada a aceitar o hipnotismo e a sugestão, após tê-los negado por muito tempo. Depois veio a telepatia e a transmissão de pensamentos. Ora, esses fatos não são senão a demonstração do domínio humano e experimental, do princípio afirmado e aplicado, há 50 anos, pelos espíritas: a ação possível da alma sobre a alma, em qualquer distância, sem o auxílio dos órgãos e do cérebro.

A Ciência oficial, que se inspirava nas teorias materialistas, recusava, em princípio, essa explicação; faz poucos anos que ela rejeitava qualquer possibilidade de manifestação da inteligência fora do cérebro e, portanto, todo e qualquer meio pelo qual um ser pudesse se comunicar com outro sem o concurso dos órgãos e dos meios correspondentes.

Atualmente a Ciência é obrigada a reconhecer os fatos telepáticos e de transmissão do pensamento e, reconhecendo-os, dá um passo notável para a frente e descarrega um golpe mortal no materialismo.

A telepatia demonstra que a comunicação é possível, entre dois seres, sem o auxílio dos sentidos físicos, assim como a sugestão comprova a possível influência de um espírito sobre outro, sem auxílio dos órgãos correspondentes.

Tais influências e funções estão confirmadas por milhares de experiências e, desde então, a teoria materialista tem falido e a Ciência já se encontra a meio caminho para aceitar a possibilidade de comunicação entre os homens e os espíritos. A segunda metade do caminho se vencerá pelo estudo da mediunidade.

Ora, essa renovação poderosa da Psicologia, que possibilitará ao ser humano se conhecer melhor, a quem a Ciência deverá isso?

Aos espíritas e aos magnetizadores, que foram os pioneiros, chamando a atenção dos sábios para os fenômenos da sugestão, telepatia e transmissão de pensamentos, forçando, de certa forma, a evolução científica a se orientar nessa senda, que a conduzirá, sem dúvida, ao Espiritismo.

Um fato notável já nos mostra o caminho por ele percorrido no meio docente. O Dr. Gustave Geley conseguiu realizar no Colégio de França, sob os auspícios do Instituto Psicológico e perante um seletor auditório, em 28 de janeiro de 1918, uma conferência sobre fenômenos psíquicos, onde afirmava a realidade das materializações dos espíritos.

Como se sabe, o Colégio de França é a mais alta expressão do ensino superior e seus professores são dos mais ilustres: Renan, Michelet, Claude Bernard e Berthelot ocuparam ali suas cátedras. Ainda hoje toda Paris intelectual segue com interesse apaixonado os cursos ali ministrados pelos professores Bergson, Izoulet, Réville, Camille Jullian, etc. O programa e o objetivo do Colégio de França é divulgar, tornar públicas as novas descobertas e os trabalhos efetuados recentemente em todas as esferas do saber humano.

Assim, a conferência do Dr. Geley é um acontecimento importante, uma consagração oficial de nossos estudos e pesquisas.

\*

Mesmo aplaudindo francamente o movimento que encaminha os homens instruídos ao estudo dos fenômenos psíquicos, não podemos afastar de nós certa preocupação quando refletimos nas prevenções e nas repetidas rotinas que reinam em certos meios acadêmicos, pois muitos sábios ainda querem impor a esse tipo de fato as mesmas regras dadas às combinações físicas e químicas.

Todavia é um ponto de vista errado e cheio de conseqüências desastrosas considerar-se tais experiências como um terreno cujos elementos e forças se apresentam sempre idênticos e de maneira que possamos dispor deles à nossa vontade. Dessa forma nos expomos a pesquisas inúteis e resultados incoerentes.

No campo psíquico as condições de experiência são absolutamente diferentes, pois ali tudo é incerto e mutável, sendo que os resultados, conforme a composição dos círculos e as influências reinantes, podem variar ao infinito. Os esforços dos psiquistas oficiais correriam o perigo de resultar estéreis se continuassem com pontos de vista tão pouco conformes à realidade.

Devemos reconhecer que os sábios ingleses deram vigoroso impulso ao Espiritismo no mundo. As qualidades de observação, os métodos prudentes e a perseverança de um Crookes, de um Russel Wallace, um Myers e um Lodge estão acima de qualquer elogio, porém o que é ainda mais notável é o valor moral que permitiu a esses homens eminentes enfrentarem durante 20 anos as perseguições das academias

e das igrejas e, finalmente, obrigarem a opinião pública a se inclinar diante de seus trabalhos, aceitando-lhes as conclusões.

Crookes, entre outros, nunca modificou suas opiniões sobre as aparições de Katie King e, apesar das insinuações de certos críticos mal-intencionados, escreveu e publicou, em diversas datas, cartas onde reproduz e até destaca suas primeiras afirmativas.

Entre outros sábios de outros países, que se ocuparam do psiquismo, não encontramos essas qualidades no mesmo grau de entusiasmo. Charles Richet, que é um espírito inteligente e franco, após comprovar inúmeras vezes os fenômenos que ocorriam nas sessões com Eusápia Paladino e ter assinado as atas que atestavam a sua realidade, declarava que a sua convicção, profunda no princípio, se enfraquecia, tornando-se instável algum tempo depois, sob a influência dos hábitos espirituais contraídos no meio que freqüentava. Desde então, ele se tornou mais categórico a respeito dos fantasmas.

Também Camille Flammarion teve suas horas de vacilação e alguém nos fez notar que na última edição de seu livro *As Forças Naturais Desconhecidas*, aparecida em 1917, mostra uma tendência em explicar todos os fenômenos apenas pela exteriorização dos médiuns.

Acreditamos que, quando publicar as investigações que realiza no momento acerca de fatos da mesma ordem, recolhidos no correr da guerra, ele nos dará explicações mais completas e mais satisfatórias.

Contamos, principalmente, com a nova geração de estudiosos para firmar o espiritualismo experimental na França. Sem os preconceitos de escolas e das rotinas seculares, seus representantes compreenderão que, para obter triunfo nessa ordem de estudos é preciso que se esteja animado de imparcialidade, não mais confundindo médiuns com histéricos, tendo um sentimento mais respeitoso para com os seres inteligentes que, embora invisíveis, interferem na produção dos fenômenos, merecendo nossas considerações, às vezes mais até do que as pessoas humanas.

O Dr. Geley e seus colegas sabem que essas questões só devem ser tratadas com reflexão e respeito, considerando-se que o mundo invisível é um reservatório imenso de forças e inteligências que, conforme nossas disposições, estarão conosco ou contra nós.

O bem e o mal tanto se encontram no plano invisível como no visível. Eles se buscam e se atraem tanto em um como em outro lado da morte e o único recurso para se conseguir fenômenos elevados, fazendo do Espiritismo uma ciência útil e um meio de progresso, é nos aproximarmos desse domínio somente com um sentimento grave e nobre.

A desenvoltura com que certos experimentadores fazem alarde diante dos espíritos tem como conseqüência afastar as entidades benfazejas e elevadas, capazes de trazerem um poderoso auxílio para as sessões. Em compensação atraem os vadios do Espaço, sempre dispostos a mistificarem, provocando até obsessões terríveis, como aquelas de que quase foi vítima o Dr. Paul Gibier, como nos descreve em seu livro *Espiritismo ou Faquirismo Ocidental*.

A Ciência tem suas manias e os velhos espíritas kardecistas ficam desnorteados com as denominações exóticas com que ela designa nossos fenômenos. Nomes gregos como *telecinesia*, *criptomnésia*, *ectoplasmia* e outros tantos semelhantes não lhes dizem nada que sirva.

Porém, temos que nos submeter aos hábitos dos sábios que, ao seu capricho, sempre mudaram os nomes dos fatos novos, procedendo a classificações, às vezes arbitrárias, que a natureza não conhece. Afirmam que tais processos são necessários para introduzir um pouco de clareza nos estudos. Portanto devemos aceitá-los, mas não deixando de usar os termos que nos são familiares e que o tempo consagrou.

Quaisquer que sejam os vocábulos e os processos adotados, não se perca de vista que em nosso mundo, onde tudo é relativo, não se poderia alcançar, em matéria alguma, o conhecimento integral e absoluto.

É preciso experimentar com método e rigor, porém, por muito que se faça, não se poderá encerrar dentro das estreitas regras humanas a ciência do invisível, que sempre superará nossas classificações, tanto como a grandeza do Céu infinito supera a Terra.

Em seu conjunto, o conhecimento do além só pertence aos que nele se encontram. Apesar disso podemos, pelo menos, recolher dele as luzes necessárias para iluminar nossa caminhada na Terra.

## XVII

### O Espiritismo e a Renovação das Vidas Anteriores

**Setembro de 1918**

Dentre as experiências que diariamente vêm aumentando o número das provas e dos testemunhos com que se fortalece o Espiritismo, devem ser citadas as que visam a renovação da memória, isto é, a reconstituição, no ser humano, das lembranças anteriores ao nascimento. Mergulhado num sono hipnótico, o indivíduo se desprende de seu invólucro físico, exterioriza-se e, nesse estado psíquico, sente que o círculo de sua memória normal se dilata. Todo o seu passado remoto se desenrola diante dele, em sucessivas fases, podendo reproduzir, reviver suas cenas principais e mesmo os mais simples acontecimentos, à vontade do experimentador.

Há pouco chamei a atenção do coronel de Rochas para fatos dessa espécie, conseguidos por experimentadores espanhóis e apresentados ao Congresso Espírita e Espiritualista de 1900, realizado em Paris. O coronel, já conhecido por seus trabalhos sobre a exteriorização da sensibilidade e da motricidade, prosseguiu suas pesquisas no sentido que eu lhe indicara e alcançou notáveis resultados. O conjunto desses fatos está narrado em sua obra *As Vidas Sucessivas*.

Os fatos obtidos em Aix-en-Provence, na presença do Dr. Bertrand, prefeito da cidade, e do Sr. Lacoste, engenheiro, cujos testemunhos posteriores recolhi no decorrer de uma série de conferências, possuem sérias garantias de autenticidade.

Nessas sessões, a pessoa adormecida era uma jovem de 18 anos, que fala a respeito de suas passadas existências, revivendo-lhe os acontecimentos com realismo e com uma vivacidade de impressões e de sensações que não podem ser fingidas, porque para tanto seriam necessários profundos conhecimentos de patologia, que a pessoa não podia possuir, segundo todas as testemunhas.

As experiências de Grenoble, com outra pessoa, de nome Josephine, permitiram a verificação das condições de tempo e lugares onde viveu uma de suas existências anteriores com o nome de Bourdon.

Em compensação, algumas narrativas do livro nos parecem muito menos certas, menos aceitáveis, devidas, em grande parte, à imaginação da pessoa, elemento contra o qual devemos estar sempre prevenidos no trato com esses fenômenos. O coronel de Rochas nem sempre foi feliz na escolha de seus médiuns.

As informações colhidas em Valence e em Hérault mostram que algumas delas não são dignas de sua confiança. Desse livro colhemos certas observações que achamos poder reproduzir aqui:

“As lembranças – diz o autor – concentram-se em fatos mais ou menos distantes, à medida que a hipnose se aprofunda.

A sugestão tem menos domínio quando o sono é mais profundo e, ao despertar, o indivíduo não guarda nenhuma recordação do que disse ou do que fez em transe. Cada vez que o indivíduo passa por uma vida diferente, sua fisionomia fica de acordo com a personalidade manifestada. Tratando-se de um homem, a palavra, o tom e as maneiras diferem sensivelmente do tom e dos gestos de uma mulher. O mesmo ocorre quando passa pela fase infantil.”

Os experimentadores espanhóis, dos quais já falamos, haviam feito a mesma verificação, pois à medida que seus pacientes remontavam às existências passadas, a expressão do seu olhar se tornava cada vez mais selvagem.

O coronel de Rochas narra as impressões pessoais que teve em Roma e em Tivoli, a respeito do que ele considera lembranças de vidas passadas, terminando sua obra com a seguinte declaração:

“A teoria espírita baseia-se em fundamentos sólidos e, em qualquer caso, é a melhor das hipóteses de estudo que temos formulado.”

Devo confessar que tomei parte em experiências dessa espécie por muito tempo, com a diferença de que, ao invés de agir fluidicamente sobre os médiuns, deixava que meus protetores invisíveis os adormecessem, limitando-me a estimulá-los com minhas perguntas e observações. Com efeito, seria errado acreditar que a presença de um magnetizador seja imprescindível. Ao contrário, se a pureza de suas intenções não é completa, a sua intervenção pode ser prejudicial, pois introduz nas sessões um elemento de perturbação que compromete a sinceridade nos resultados.

Quando estamos certos de uma proteção segura do Além, é melhor entregarmos a direção das experiências para as entidades invisíveis. Meus guias me deram tais provas de seu poder, de seu saber e de sua elevação que minha confiança neles foi absoluta.

Deixo de relatar aqui os pormenores dos fatos obtidos nessas condições, porque com eles se mistura um elemento pessoal e muito íntimo que me tira a liberdade de divulgá-los.

\*

As experiências do coronel de Rochas, assim como as da mesma natureza das que acabamos de apresentar, devem ser consideradas como ensaios, tentativas de reconstituição de lembranças de vidas passadas, porque os resultados ainda são parciais e limitados. Mesmo que não se veja nelas senão experiências, deve-se reconhecer que nos dão indicações valiosas sobre os processos a serem empregados e nos demonstram que existe ali um vasto campo de investigações, um conjunto de elementos capazes de renovarem toda a Psicologia, desfazendo o mistério vivo que trazemos em nós.

Essas experiências são delicadas e complicadas; exigem muita prudência, em virtude das inúmeras dificuldades com que nos deparamos. Pode-se ler na *Revue Spirite*, de julho de 1918, as instruções do espírito William Stead sobre os processos aplicáveis a tal gênero de pesquisas. Não insistiremos mais nesse ponto, todavia voltaremos às enormes conseqüências que tais estudos terão quando tiverem adquirido desenvolvimento suficiente, não se podendo negar que existe ali o gérmen de uma verdadeira revolução no conhecimento do ser.

É um fenômeno que impressiona (nas experiências bem dirigidas) vemos o passado aparecer, pouco a pouco, dos cantos obscuros de nossa memória e, nos seus acontecimentos, acompanhar o rigoroso encadeamento das causas e dos efeitos que rege todos os nossos atos, que domina o mundo moral tanto quanto o mundo físico e que representa a trama, a própria lei dos nossos destinos. Nela aparece evidente a lei de justiça e ninguém a pode contestar.

Essas experiências ainda têm outra conseqüência, não menos importante: ensinam que a personalidade humana é muito mais vasta e mais profunda do que se pensava. O homem possui não apenas elementos vitais pouco conhecidos, mas também faculdades

latentes, desconhecidas, cuja manifestação, plena e total, nosso organismo não permite, mas em certos casos se revelam: telepatia, premonição e visão à distância. O mesmo acontece com as camadas de nossa memória onde dorme o passado; no decorrer das experiências de que falamos este reaparece e sai da sombra.

Nossa própria história desenvolve-se automaticamente e as recordações acordam aos montes, revelando energias ocultas. Podemos apoderar-nos delas, colocá-las em ação para uma boa direção de nossa vida, para transformação de nosso porvir e de nosso destino.

Ali, na imortal consciência individual, reside a sanção de todas as coisas. A consciência se recupera no Além, não limitada e abafada como no mundo terreno, porém em sua plenitude, tal qual se nos aparece no transe, com uma tamanha intensidade que o ser evolvido revive seu passado em suas alegrias e dores, com tal poder, que se torna para ele uma fonte de venturas ou de tormentos.

Eis aí o que todo homem deve saber, e um dia saberá, esse conhecimento profundo do ser que o Espiritismo proporcionou. Ele foi o primeiro a orientar a atenção dos experimentadores para esse conhecimento, mostrando-lhe os lados misteriosos, inexplorados da nossa natureza, ensinando o homem a medir a extensão do seu poder, de toda a sua grandeza e de todo o seu porvir.

Não existe, portanto, exagero em se dizer que o Espiritismo, depois de 50 anos de vida, exerce e exercerá, cada vez mais, uma crescente influência, trazendo transformações consideráveis à Ciência, à Literatura e até às Igrejas, como apresentaremos em próximo artigo.

\*

A grande doutrina das vidas sucessivas da alma, divulgada na França por todos os espíritos em suas mensagens e comunicações, constitui uma revelação, um ensinamento filosófico de grande importância.

Ela também se apóia em testemunhos quase universais, porque, com exceção do neocristianismo, todas as religiões e quase todas as filosofias, em princípio, a admitem.

Além disso, se beneficia com a possibilidade, que só ela possui, de resolver logicamente os antagonismos aparentes e os obscuros problemas da vida. É verdade que, no campo das provas e dos fatos, essa doutrina, até aqui, não possuía senão as reminiscências de alguns homens especialmente dotados, recordações infantis e renascimentos ocorridos em condições anunciadas e bem marcadas.

Graças aos fenômenos de renovação da memória, abre-se, proveitosamente, um vasto campo de observações e nessas experiências se obterá a força e a certeza necessárias para enfrentar e desafiar todas as críticas e ataques.

À medida que as etapas se desenrolam, enquanto o paciente se encontra no transe, entendemos melhor o encadeamento dos destinos do ser. A lei do progresso, por exemplo, se destaca com mais evidência no conjunto de nossas vidas individuais do que na história das nações que, muitas vezes, são levadas para abismos, pela cobiça desmedida dos seus soberanos e dos seus déspotas, como atualmente está sucedendo.

Nos fenômenos tratados, é interessante verificar-se a personalidade humana sair, gradativamente, da vida selvagem e da barbárie e ir se esclarecendo, aos poucos, com a civilização.

O livre-arbítrio do homem freqüentemente se exerce ao contrário da lei do progresso, prejudicando-a; entretanto suas conseqüências são mais sensíveis para o indivíduo do que para a coletividade, que se renova de tempos em tempos por elementos inferiores, provenientes de mundos mais atrasados do que a Terra.

Sucede o mesmo, como já afirmamos, com a idéia de justiça, encontrada na sucessão de novas vidas numa inteira aplicação. As recordações comprovam que todas as nossas vidas são solidárias umas com as outras e unidas entre si pelo liame de causa e efeito.

Poderíamos comparar cada uma delas a uma corrente que carrega ora o lodo do fundo, ora as pepitas de ouro e as pedras preciosas que trazemos das nossas vidas passadas.

Qualquer ato importante, cedo ou tarde, tem inevitável influência em nossos destinos. Um devasso sedutor renascerá no outro sexo, para sofrer, por sua vez, os danos que causou.

Um homem que detinha um segredo de Estado e divulgando-o, traiu seu país, retornará surdo e mudo em outra existência. Outros, ainda mais culpados, desde a infância serão feridos pela cegueira, porque cada grave falta determina uma privação de liberdade que se traduz pela colocação de nossas almas em corpos disformes, doentes e miseráveis.

Não se conclua daí que todos os doentes são criminosos do passado! Muitos bons espíritos, sabendo que as provações ajudam nosso aperfeiçoamento, escolhem existências difíceis e dolorosas, para alcançar mais um grau na hierarquia espiritual.

Compete sabermos sofrer para nos juntarmos com as almas nobres que progrediram pela dor; sabermos sofrer para conseguir o direito de participar da existência delas, do seu trabalho e da sua missão. Além disso, a vida é um meio de educação e de progresso, sendo a provação um cadinho onde se aperfeiçoam as criaturas.

Diante de nós, não temos os notáveis exemplos dos mártires de todas as grandes causas, os exemplos de Joana d'Arc na prisão e o de Jesus no calvário, estendendo seus braços sobre o mundo, do alto da cruz, perdoando e abençoando? Eles não eram culpados, porém heróicos espíritos que desejavam subir mais alto na vida celestial, dando-nos uma grande lição!

\*

A reconstituição das reminiscências está concorde com as revelações dos espíritos, apresentando-nos no padecimento humano, em muitos casos, o resgate das faltas cometidas, a reparação do passado, através do meio por onde se realiza a soberana justiça.

Realizado o resgate, a criatura se prepara para novos progressos, porém sua memória não desaparece integralmente e nossos atos surgem e revivem, ao comando do espírito, com espantosa intensidade. Quanta emoção, quando, invocando o passado, desfila ante o tribunal da consciência o cortejo das desagradáveis recordações! Como fugir de tal obsessão, das tristezas e remorsos e dos sofridos arrependimentos?

No ocaso da vida, o homem passa em revista os atos que constituíram o seu curso. Quantos motivos para a amargura e sofrimento moral vai neles encontrar!

O que não representará para o espírito, na análise da sua longa série de existências passadas, a recordação de seus pormenores?

Pouquíssimas almas jovens no início, em sua fraqueza e sua ignorância, conseguiram evitar as quedas, os desfalecimentos e até os crimes. Para tais males só existe um remédio: juntar tantas vidas úteis e proveitosas, tantas obras de dedicação e de sacrifício que, comparadas às faltas primitivas, estas passam a ter pouco valor.

As reminiscências mais distantes permanecem vivas para o espírito, da mesma forma que as impressões da infância para o velho. É que, em sua essência, o espírito escapa ao tempo; volvendo à vida do espaço, o tempo já não existe mais para ele; o passado e o futuro se misturam no eterno presente.

Tal constância das recordações tem valor moral: durante seu progresso o espírito adquire faculdades e poderes dos quais se envaideceria, caso não se lembrasse do pouco que foi e do mal que praticou.

Tais lembranças são uma punição para o orgulho e, ao mesmo tempo, motivo de indulgência para com os erros e os desfalecimentos do próximo. Realmente, como poderíamos ser duros e inclementes com os outros, por causa de suas fraquezas, se nós mesmos as cometemos?

Geralmente as vidas culpadas, pelas reparações que acarretam, se convertem, para o ser, em outros tantos estimulantes, em outras tantas provações, obrigando-o a se adiantar na senda do progresso, sendo que as vidas apáticas, incolores, vacilantes entre o bem e o mal, são de pouco proveito para ele.

Graças às vidas de lutas e provações, os caracteres se fortalecem, consegue-se a experiência, as riquezas da alma se desenvolvem. O mal transforma-se, aos poucos, em força para o bem. Na imensa evolução humana tudo se transforma, se depura e se eleva. Tão logo chegemos às celestes alturas, os elementos de nossas vidas sucessivas se fundem em uma harmoniosa e divina unidade.

## XVIII O Espiritismo e as Igrejas

### Outubro de 1918

Para o observador atento, a penetração do Espiritismo na Ciência se transformou num fato evidente, sucedendo o mesmo nas mais diversas religiões, onde sua difusão, por não ser tão visível não é menos real. Quanto à Igreja Católica, parecerá temerária tal afirmação, no dia seguinte às declarações do Santo Ofício, quando ainda perdura a violenta campanha que o clero move contra nós.

Apesar de tais ataques, seria fácil afirmar que o Espiritismo se infiltra, pouco a pouco, nos elementos que poderiam ser mais refratários e mais ortodoxos.

Há 20 anos que esse movimento foi provocado por monsenhor Méric, professor na Sorbonne, cuja revista, *Le Monde Invisible*, tratava exclusivamente de ciências ocultas e, apesar de certas críticas suas, puramente formais, podia se ver que o erudito prelado se apaixonava pelas pesquisas desse tipo, tendo feito escola.

Convém destacar, no mesmo sentido, o livro do padre Bautain, notável por suas conferências em Notre Dame. Sabe-se também que o cardeal Perraud, bispo de Autun e membro da Academia Francesa, se dedicava assiduamente à experimentação dos fenômenos psíquicos. Havia poucas dioceses em que grupos de eclesiásticos não se dedicassem às mesmas investigações.

Em nossa resposta ao cônego Coubé,<sup>16</sup> reproduzimos as opiniões de notáveis prelados, favoráveis ao Espiritismo. Poderíamos ainda acrescentar outros, mas nos limitaremos a mencionar a opinião do mais célebre orador católico, depois de Lacordaire, o padre Henri Didon.

Em suas *Cartas à Senhorita Th. V.*, publicadas em 1902 pela Livraria de Plon-Nourrit, com a autorização da Ordem dos Irmãos Pregadores, ele escrevia:

“Creio na influência divina que os mortos e os santos exercem misteriosamente sobre nós. Vivo em profunda comunhão com esses invisíveis, experimentando, com delícia, os benefícios de sua vizinhança secreta. Por mais que passem os séculos, não poderão impedir que as almas da mesma raça se visitem e se amem.”

Para maior precisão, acrescente-se que, em sua instituição de Arcueil, o eloqüente dominicano gostava de interrogar as mesas, e temos formal testemunho, a esse respeito, do nosso amigo Sr. Touzard, membro do Conselho Superior da Agricultura, que muitas vezes tomou parte nessas experiências.

Esse movimento não diminuiu, apenas está mais discreto. Hoje, como ontem, es-tuda-se e experimenta-se no meio católico, mas nada transpira para o público. Continuo recebendo cartas e visitas de clérigos que me indagam sobre problemas de além-túmulo.

Existem correntes contrárias que agitam o pensamento e a consciência de muitos padres, porém, a férrea disciplina que pesa sobre eles proíbe qualquer manifestação exterior. Certamente ninguém deve confiar nesse silêncio enganoso. O descontentamento firma-se secretamente nas mentes e sabemos que as forças muito comprimidas, às vezes provocam explosões.

Esse descontentamento, produzido inicialmente por uma reação antimodernista contra todos quantos desejavam introduzir um pouco de ar e de luz no cárcere sombrio da Igreja Romana, aumentou ainda mais no decorrer da presente guerra.

A atitude da Santa Sé, contrastando com a dedicação patriótica do clero humilde, provocou indignação.

Os objetivos de Bossuet e as proposições galicanas não se encontram tão afastadas de nós e tão esquecidas que não possamos reanimá-las. A Igreja de França ganharia ao desligar-se de um poder mais preocupado com seus interesses materiais do que com o verdadeiro espírito do Evangelho.

\*

Falaremos na obra do padre L. Roure, *O Maravilhoso Espírita*, publicado em 1917. Trata-se de um dos mais fortes ataques utilizados na campanha católica contra os espíritas e que não deu os resultados esperados. Escorregando silenciosamente durante a noite, não produziu explosão nenhuma, não atingindo seu objetivo.

O autor afirma que é redator dos *Estudos*, obra de publicidade e propaganda, fundada, como se sabe, pelos padres jesuítas. Não iremos encontrar nesse volume as belas páginas que tão bem sabiam escrever o culto e inteligente padre Méric ou o eloqüente padre Didon. Seu estilo é bem mais fraco e estéril, exceto algumas críticas com fundamento; o que o caracteriza principalmente é o desejo de incompreensão, a calúnia sistemática, fatos que tiram o valor da tese desenvolvida na obra.

O autor não demonstra o equilíbrio e o julgamento sadio que deveria possuir um padre para analisar uma ciência ou uma doutrina altamente espiritualista. A sua intenção é percebida nos últimos capítulos, dedicados a uma apologia do Catolicismo, porém há um momento em que o seu propósito cede e lhe escapa uma confissão diante do poder da verdade, conforme podemos ler na página 297:

“O que fez o sucesso do Espiritismo foi ele ter trazido uma resposta de imortalidade para as almas inquietas, prometendo aos corações enlutados o prosseguimento de suas relações com os que já se foram.

Também não negaremos que ele tenha trazido, para alguns, a calma que inutilmente buscaram noutras partes, oferecendo bálsamos para dores até então inconsoláveis.”

Os argumentos de nossos adversários católicos procuram demolir todas as provas e todos os testemunhos científicos favoráveis ao Espiritismo. Para eles, William Crookes e os sábios experimentadores que seguiram seu exemplo foram todos enganados. Allan Kardec foi apenas um iludido e pobre compilador e tudo aquilo que pode ser real em nossos fenômenos é devido apenas aos artifícios do demônio. Esquecem-se de que foi no meio da própria Igreja que se encontraram os melhores testemunhos a favor da manifestação dos espíritos.

Lembramos ao padre Coubé que, de Santo Agostinho até Lacordaire e o padre Didon, houve grande número de sacerdotes ilustres que se manifestaram nesse sentido.

Os fatos espíritas, como demonstramos noutro lugar,<sup>17</sup> são encontrados na origem da Igreja Cristã e durante todos os séculos de sua história. No seu trato com o invisível é que essa Igreja, em grande parte, obtinha sua força moral e a sua autoridade, porém, aos poucos, o cuidado com seus interesses materiais fê-la perder de vista as sadias tradições do Cristianismo primitivo.

A Igreja pretendeu colocar-se no lugar dos poderes superiores e, após ter buscado dominar as manifestações mediúnicas em seu próprio benefício, terminou por abandoná-las. A Idade Média nos apresenta o grande martírio dos médiuns e dos que eram inspirados.

O padre tornou-se juiz dos destinos humanos; acreditou que poderia dirigir o mundo por meio do terror, pelo pavor ao inferno e aos sofrimentos eternos, porém a consciência humana se revoltou contra as afirmativas que continuam em erro sobre o futuro reservado por Deus aos seus filhos. A situação atual da Igreja, seus fracassos e sua impopularidade são o resultado de suas faltas, de sua intolerância e do seu afastamento das grandes verdades eternas.

Quanto aos fatos espíritas, continuaram sempre a se produzir em todos os meios, afirmando a sobrevivência da alma, a comunhão entre vivos e mortos, a justiça de Deus. Nenhum poder humano seria suficiente para pôr barreiras à vida invisível que nos cerca por todos os lados.

Os padres esclarecidos sabem e desaprovam a campanha atual porque, afirmam eles, ela se voltará contra seus autores. Estes, chamando a atenção de seus adeptos para esses problemas, terminam provocando o estudo e o exame de tais problemas.

A verdade aparece e, aos poucos, vai se afirmando nas consciências. O Espiritismo nada tem realmente a temer da discussão ou da análise, pois sempre saiu vitorioso dos ataques de que foi vítima. Por isso, negando-se a participar desse conflito, muitos sacerdotes procuram, às ocultas, um meio de conciliação, uma “ponte” capaz de unir duas doutrinas até agora antagônicas, afirmando tê-la achado na idéia do purgatório. Esperam que, mais cedo ou mais tarde, o aparecimento de um papa mais liberal, de visão mais ampla, ou talvez uma reviravolta completa da Igreja Francesa, permitirão que nesse corpo enfraquecido penetre um pouco do sopro vivificador do além.

Em geral, as Igrejas Protestantes são mais liberais que o Catolicismo quanto às influências exteriores e mais abertas às correntes do pensamento e da Ciência. Não há dúvida de que também possuem seus adeptos ortodoxos, seus obstinados que não são menos intolerantes e retrógrados que os jesuítas, porém a liberdade que existe nas Igrejas Protestantes para o estudo e interpretação dos textos e das idéias auxilia poderosamente o progresso das inteligências.

Na Inglaterra e na América, há muito tempo, os pastores não se cansam de mencionar os fatos espíritas para a comprovação da sobrevivência da alma. Na França e na Suíça, o Protestantismo liberal se impregna, lenta e fortemente, de Espiritismo e neste ponto o nosso respeitável amigo pastor A. Bénézech, de Montauban, pode ser considerado como verdadeiro iniciador.

Rompendo com as doutrinas e os preconceitos do seu meio, ele não temeu em afirmar, alto e bom som, a realidade das comunicações de além-túmulo. Suas experiências pessoais, com as provas conseguidas na identificação dos espíritos comunicantes, são apresentadas em dois volumes, cujo sucesso foi garantido por sua capacidade de escritor e seu estilo sóbrio e claro.<sup>18</sup>

Já em 1903 ele me escrevia:

“Acho que o Espiritismo poderia ser uma religião positiva, não como as religiões reveladas, porém como religião estabelecida sobre fatos experimentais e em total acordo com o racionalismo e a ciência.”

Consegui realizar em 1905, na Câmara Municipal de Montauban, graças ao senhor Bénézech, uma conferência sobre Espiritismo para um seletos auditório e, no ano seguinte, outra no grande anfiteatro da Faculdade de Teologia dessa cidade, diante de um auditório de estudantes, professores, pastores e convidados.

Sendo permitido o debate, muitas perguntas me foram feitas pelos presentes, que pareciam vivamente interessados pelos problemas psíquicos. Essa reunião, considerada um sucesso, teve conseqüências porque, como eu soube posteriormente, muitos estudantes tomaram o Espiritismo como tema para a defesa de suas teses de exame.

O movimento não diminuiu e as idéias espíritas continuam se propagando entre os protestantes franceses, sendo difícil determinar, atualmente, o grande número dos que aceitaram nossas idéias. As linhas principais da Doutrina Espírita são encontradas no pensamento dos mais importantes representantes do Protestantismo.

O pastor C. Wagner, recentemente desencarnado, após uma fecunda vida terrena, encontra-se nessa situação, tendo sido também um dos homens que exerceram a mais salutar influência sobre o nosso tempo e a nossa pátria.

Todos conhecem seus livros. *A Vida Simples, A Juventude, O Amigo*, etc., nos quais se eleva aos mais altos píncaros morais, num estilo colorido, quente e comovedor. Tais obras, porém, são apenas um reflexo de sua brilhante alma; para um julgamento completo, seria preciso ouvirmos seus discursos improvisados e animados pelo sopro da inspiração.

Antes da guerra, era pacifista no sentido cristão, mas, aos nossos primeiros revezes, despertou nele um imenso sentimento patriótico. A leitura de seus últimos sermões é consoladora, neles se nota o grito do sofrimento humano misturado aos acentos da mais nobre fé religiosa.

C. Wagner afastou-se de qualquer espírito sectário e possuía amigos em todos os campos: entre os padres católicos, os rabinos e os livres pensadores espiritualistas. Também o Espiritismo não lhe era desconhecido, porque, em 21 de fevereiro último, ele me apresentava seus pontos de vista nos seguintes termos:

“Acredito, do fundo d’alma, na presença de nossos queridos invisíveis. Sinto sua habitual companhia, ando cercado de seu pacífico e sorridente cortejo.

Em sua memória, gosto de cultivar o que eles amaram e agora, quando tantos jovens heróis passaram a fronteira que serve de limite ao mundo espiritual, considero toda obra justa e boa como um depósito que eles nos legaram e que se tornou sagrado graças ao seu sacrifício.

A nobre comunhão entre vivos e mortos, a continuação, entre nós, da influência dos que nos antecederam, a perspectiva de uma ascensão das criaturas, através das dores, dos erros e das faltas, para uma evolução superior, um aperfeiçoamento do que apenas começou em nós, tudo isso é para mim uma fé viva, que peço a Deus me seja aumentada, diariamente.

Pelo Evangelho, amplamente compreendido e praticado, e por todos esses anseios que acabo de apresentar, sinto-me bem perto de vós, que não excluís ninguém, que tudo esperais e que dais ar e luminoso horizonte ao quadro da vida.”

\*

A Suíça de fala francesa não cansou de se preocupar com os problemas psíquicos, desde os trabalhos de A. de Gasparin e do professor Thury. A Universidade de

Genebra, que possui uma Faculdade de Teologia, protestante, convidou-nos, em 1892, para duas conferências públicas sobre o Espiritismo. Foram realizadas nos dias 7 e 10 de novembro, no anfiteatro denominado *Aula*, tendo havido uma terceira, no cassino de São Pedro, onde foram lançadas as bases da Sociedade de Estudos Psíquicos de Genebra, que teve como presidente, por muito tempo, o nobre professor Daniel Metzger, o qual, curiosamente, segundo opinião de um espírito digno de fé, era a reencarnação de Calvino.

Os trabalhos dessa Sociedade são dos mais notáveis e, por ocasião do Congresso Espírita de Genebra, em 1913, possuía cerca de 200 membros, quase todos da religião protestante.

O professor Th. Flournoy, professor universitário protestante, dedicou dois grossos volumes ao estudo do Espiritismo, onde apresenta mais fantasia do que ciência imparcial. Cabe, entretanto, reconhecer que, em seus *Arquivos de Psicologia*, sua incredulidade, zombeteira no princípio, diminuiu pouco a pouco, chegando a uma prudente reserva, dirigindo até elogios a sábios ingleses como Myers e Lodge.

Seu colega, pastor G. Fulliquet, professor da Faculdade de Teologia da Universidade, num alentado livro intitulado *Os Problemas de Além-Túmulo*, vai muito mais longe, escrevendo, na página 141:

“O pensamento espírita se mostra excelente para confortar a emoção e a dor das separações, produzir a resignação e a compreensão, suavizar o aguilhão do luto e nos reconciliar com a morte.”

O autor aceita a doutrina das vidas sucessivas e da reencarnação como uma hipótese *importante e de interesse, por suas conseqüências e aplicações*.

Ele se estende sobre esse assunto e diz, na página 252:

“Uma só vida na Terra não pode, certamente, proporcionar ao espírito um desenvolvimento integral e o progresso completo a que aspira e tem direito. Ninguém alcançou a perfeição ficando muito distante disso. Lícito, portanto, é afirmar que ninguém chegou ao final de sua educação, de suas provações e de suas experiências, sendo que a morte – que não tem o poder milagroso de acabar tudo, de levar tudo à perfeição – conduz a alma para uma nova vida de atividade e de progresso.”

Em seguida o autor examina de que maneira se pode produzir essa nova existência e declara:

A alma retornará à Terra, reencarnada em um novo homem, para receber aqui uma educação diferente e apropriada, isso porém depois de um intervalo mais ou menos longo na vida espiritual. É a teoria das vidas sucessivas ou da pluralidade das existências terrenas.”

Mais adiante ele acrescenta:

“Não é totalmente impossível que a reencarnação na Terra apresente, algumas vezes, as condições mais favoráveis.”

O Sr. Fulliquet aproxima-se de nós em outros pontos. Tratando dos fenômenos mediúnicos, declara que “pelo subliminal ficamos em relação com todo um mundo espiritual”.

No caso de certas enfermidades, “a vida psíquica fica mais intensa e mais bela, parecendo desejar e predizer que a morte não a ameaça e nem a poderia atingir”.

Em face a essas declarações, o leitor se admira vendo o autor aceitar, finalmente, o ponto de vista atual, opinião em moda em alguns meios teológicos protestantes, isto é, a teoria de Sabatier sobre a imortalidade facultativa, segundo a qual nem todas as almas sobrevivem depois da morte, mas somente as que conseguiram o suficiente estado de “coesão” das faculdades e da consciência.

Ora, não se podendo concretizar tal estado, exceto em determinado grau evolutivo, após uma série de vidas, resultaria daí que a grande parte das almas mais jovens, as criadas recentemente, desapareceriam e, com um só golpe, grande parte da humanidade póstuma seria eliminada. Eis a que resultado chega uma concepção puramente imaginária, que não se apóia em prova alguma, em nenhuma verificação.

É lógico que o Sr. Fulliquet desejou respeitar os objetivos e os sentimentos que vigoram em seu derredor, agradar os interesses ou as simpatias, mantendo boas relações com os que o rodeiam. Tendo estudado o Espiritismo nos grupos de Lyon, tem sua opinião a respeito do assunto, mas não se atreveu a afirmar plena e firmemente o que de fato pensava. Quem sabe algum dia se lamentará por não ter seguido o belo exemplo dado por Bénézech e por C. Wagner. Seja como for, devemos destacar sua franqueza e também aprovar suas boas intenções.

Em muitos ambientes a mentalidade dos homens da Igreja está sendo trabalhada pelo Espiritismo e, apesar das resistências e dos obstáculos, sua luz penetra lentamente, porém com segurança, através do labirinto e da escuridão dos dogmas.

Sendo o Espiritismo a forma e a expressão do mundo invisível, ele representa a mais respeitável das tradições filosóficas e religiosas, tanto a verdade antiga como a mais moderna, destacando-se como a fonte de onde surgiram todas as religiões e onde elas devem se fortalecer e restaurar nas horas decadentes, haurindo nova vida.

É o socorro que o Céu manda para a Terra e o instrumento pelo qual o pensamento e a Ciência se encaminham para uma síntese cuja base serão os fatos mediúnicos, cuja coroa serão as alturas do progresso e cujo ensinamento refletirá tudo quanto represente a eterna beleza da alma e do mundo.

## XIX

### O Espiritismo e a Filosofia Contemporânea

**Novembro de 1918**

Apresentamos, em largos traços, a rápida marcha e o progresso do Espiritismo, durante 50 anos, em todos os domínios do pensamento, isto é, na Ciência, na experimentação psíquica, na Literatura e até no seio das Igrejas. Falta-nos analisar qual foi a sua influência no movimento filosófico contemporâneo, particularmente na filosofia da escola.

Notemos que esses resultados foram obtidos fora de qualquer organização espírita, sem outros meios de ação ou outros recursos, a não ser o próprio poder da verdade e sem qualquer outra direção, a não ser a que promana do Além. Porém, será esta, provavelmente, a mais segura e a mais eficaz, porque, melhor que os recursos humanos, pode vencer os preconceitos, as rotinas e os mais obstinados contraditores.

Na verdade, todos os que trabalharam com persistência pela divulgação do Espiritismo sentiram-se ajudados e amparados pelo mundo invisível.

Quanto à obra filosófica realizada nesse meio século, não passaremos em revista todos os seus sistemas, para não sairmos do limite deste estudo; tão-somente perguntaremos qual a parte que se deve atribuir à idéia espírita no ensino oficial.

Declaremos, inicialmente, que durante esse período as teorias materialistas não pararam de retroceder e que o espiritualismo tende a substituí-las.

Atualmente, o ensino oficial se baseia na filosofia de Henri Bergson, cuja influência aumenta cada vez mais no exterior ao mesmo tempo em que sua ação sobre os espíritos se torna mais intensa em nosso país.

As ciências psíquicas são familiares a Bergson, que seguiu com atenção o seu desenvolvimento. Ele é o autor de um artigo no *Boletim do Instituto Geral de Psicologia*, de janeiro de 1904, sobre a visão de clarões na obscuridade pelos sensitivos.

Sua filosofia não é um sistema que se junta aos anteriores. É original e profunda, representando uma verdadeira revolução no mundo do pensamento. Desde Spencer estava aceito que a inteligência é a principal faculdade, o mais seguro meio para se conseguir o conhecimento e abranger o domínio da vida e da evolução.

Ora, Bergson prova que a inteligência, que constitui uma emanção da vida, por si só é impotente para abranger a vida e a evolução, porque a parte não pode abranger o todo, nem o fato reabsorver sua causa. Então o que fez ele? No lugar da inteligência coloca a intuição, e isto constitui um acontecimento da mais alta importância na Psicologia, pois a maior parte das faculdades mediúnicas – a clarividência, a premonição e a previsão dos acontecimentos – se prende à intuição. No dia em que a Ciência achar um método prático para desenvolver essa intuição, ela se aproximará dessas faces misteriosas da alma humana, com as quais esta se limita com a presciência divina e pelas quais se revelam sua íntima essência e sua imensa evolução.

Com o desenvolvimento dessas faculdades, podemos entrever o aparecimento de uma raça de homens que nos superará em poder, tanto quanto o homem atual supera o pré-histórico. Então a alma humana se apresentará com toda a sua grandeza; veremos que ela possui profundos mananciais de vida, onde sempre pode retemperar-se, e que possui picos iluminados pela luz da eterna verdade.

A alma humana é um mundo. Conhece o esplendor das alturas e a vertigem dos abismos. Possui precipícios em cujo fundo rugem as torrentes das paixões. Contém filões plenos de riquezas, e seu destino consiste exatamente em valorizar todos esses tesouros escondidos.

O estudo da obra de Bergson nos mostra, em certos pontos, semelhanças notáveis com a Doutrina Espírita. A vida da criatura, afirma ele, é o resultado de uma evolução anterior ao nascimento. Existe um encadeamento, uma continuidade na transformação, no progresso e, ao mesmo tempo, existe uma conservação do passado no presente. Bergson admite, como nós, que esse passado está gravado na consciência profunda e marca a evolução paralela do ser orgânico e do ser consciente. Aqui estão os termos com os quais define essa evolução:

“O progresso é constante e prossegue indefinidamente: o progresso invisível, sobre o qual o ser visível se sobrepõe no espaço de tempo que percorrerá na Terra. Quanto mais mantemos a atenção nesta continuidade de vida, tanto mais veremos a evolução orgânica aproximar-se da evolução consciente, em que o passado atua sobre o presente, para dele fazer brotar uma nova forma, que é a resultante das anteriores.”

Sem dúvida, isso é transformismo, porém de tal forma espiritualizado, que se aproxima de uma maneira perceptível da filosofia das vidas sucessivas. Essa noção das existências anteriores vem afirmada e precisada em numerosas páginas de Bergson das quais vão aqui alguns trechos:

“Que somos nós, que é o nosso caráter senão a condensação da história que temos vivido desde nosso nascimento, e mesmo antes dele, pois que já trazemos conosco disposições pré-natais?”

“A vida é o prosseguimento da evolução pré-natal e a prova disso é que muitas vezes fica impossível afirmar se estamos tratando com um organismo que envelhece ou com um embrião que continua a progredir.”

Voltamos a encontrar em Bergson a concepção espírita da vida universal:

“O Universo não está feito, porém se faz sem cessar, crescendo, sem dúvida, indefinidamente, pela junção de novos mundos... É possível que a vida se manifeste noutros planetas e também em outros sistemas solares, sob formas que não imaginamos, em condições físicas que nos parecem, no ponto de vista de nossa fisiologia, inteiramente desconhecidos.”

Segundo Bergson, o princípio da evolução não está na matéria visível e sim na invisível. Ele declara:

“Todos os novos dados científicos tendem a transpor a evolução, elevando-a do visível para o invisível.”

Pode-se observar que Bergson, na sua obra, fala constantemente da vida e muito pouco da morte. Nenhum filósofo parece ter se preocupado menos com esse passageiro acidente que não põe fim a nada. Para ele, como para nós, a vida triunfa e reina, soberanamente, tanto antes como depois da morte.

Também sobre o livre-arbítrio, a opinião de Bergson está de acordo com o que sempre sustentamos. Afirma ele:

“A finalidade da vida é colocar a indeterminação na matéria. Indeterminadas (quero dizer imprevisíveis) são as formas que ela cria no correr de sua evolução. Também cada vez mais indeterminada (isto é, cada vez mais livre) é a atividade para a qual essas formas devem servir de veículo.”

Mais adiante acrescenta:

“A liberdade não é absoluta: admite graus... Somos livres enquanto somos nós mesmos, isto é, em nosso estado de personalidade profunda, porém somos determinados enquanto pertencemos à matéria e à extensão. A personalidade humana é um jato vivo de incontrolável liberdade... A liberdade constitui um fato de experiência interna, uma coisa sentida e vivida, não raciocinada.”

Em síntese, nota-se que o bergsonismo, como a doutrina dos espíritos, dá ao homem mais força para viver e para agir, ligando-o mais intimamente a tudo quanto vive, ama e sofre no mundo.

O materialismo isolava inteiramente o homem: na engrenagem da máquina cega do mundo o homem se sentia reduzido a nada. Porém a idéia muda: assim como o menor grão de pó é solidário com imenso sistema solar, assim também todos os seres vivos, desde as origens da vida, através dos tempos e lugares, não fazem outra coisa senão tornar mais perceptível uma direção única e invisível.

Estão sujeitos uns aos outros, interligam-se e obedecem a um formidável impulso, como uma imensa caravana que marcha através do tempo e do espaço, transpondo os obstáculos e desdobrando-se para além de todas as mortes.

Não existe aí algo de novo na filosofia oficial que, até agora totalmente impregnada de intelectualismo, estava tolhida diante do problema da criatura?

Félix Le Dantec e sua escola buscavam a vida somente na matéria, porém Bergson, colocando mais alto a inteligência e a vida, reabilita, de algum modo, o mundo vivo, encontrando o laço que prende as doutrinas ocidentais às da Grécia e do Oriente, às crenças de nossos pais, àquela filosofia celta, resumida nas *Tríades* e às quais se terá de voltar, sem dúvida, algum dia.

E, quer Bergson tenha conseguido suas idéias nos seus estudos psíquicos, quer nas inspirações de seu próprio gênio, o fato não é menos notável, no ponto de vista da semelhança das doutrinas, principalmente no que toca às suas vastas conseqüências morais e sociais.

\*

Terminando sua magistral obra *A Evolução Criadora*, Bergson insiste na relatividade dos fatos e na sua impotência para nos darem apenas uma concepção parcelada da natureza. Ataca com vigor os pontos de vista arbitrários de Herbert Spencer, que a Ciência adotou:

“Não se pode raciocinar sobre as partes como se raciocina sobre o todo. O filósofo deve ir mais além do que o sábio. A inteligência extrai os fatos desse todo que é a realidade. No lugar de afirmar que as relações entre os fatos formaram as leis do pensamento, posso bem imaginar que a forma do pensamento é que determinou a configuração dos fatos percebidos e, conseqüentemente, suas relações entre si.”

Termina da seguinte forma:

“A filosofia não é somente a volta do espírito para si mesmo, a coincidência da consciência humana com o princípio vivo de onde ela emana, um contato com o esforço criador; ela é o aprofundamento da transformação em geral, o verdadeiro evolucionismo e, por conseqüência, o verdadeiro prolongamento da Ciência, com a condição de que se compreenda por esta última palavra um conjunto de verdades constatadas ou demonstradas, e não certa escolástica nova que apareceu, durante a segunda metade do século XIX, em torno da física de Galileu, assim como a antiga escolástica o havia feito em torno de Aristóteles.”

Todos os espíritos abalizados se impressionarão com a concordância que há nesse ponto entre as maneiras de ver de Bergson e as expostas por Allan Kardec.

Realmente, em matéria de Espiritismo, o Codificador nunca desejou separar a doutrina dos fatos, mas ainda há entre nós quem desejasse limitá-lo a um campo experimental. Isto nos leva a considerações especiais quanto à doutrina dos espíritos.

Ninguém discute que os fatos sejam a base do Espiritismo, a prova da sobrevivência da alma após a morte. Todavia, atrás deles existe toda uma revelação. No Espiritismo o fato não se produz sem um ensinamento, sempre que o fenômeno obtido seja de ordem um tanto elevada.

Os espíritos não procuram comunicar-se conosco a não ser para nos instruírem e nos iniciarem nas grandes leis do mundo espiritual, cujo conhecimento é muito importante, principalmente nos momentos de provação. Foi assim que Allan Kardec compreendeu e sentiu o Espiritismo e porque, em sua obra, ele reúne intimamente a doutrina à ciência. Procedendo assim, ele não atendia a uma vontade pessoal, porém a uma necessidade e à própria natureza do que ele estudava.

O poder de ação, o papel social do Espiritismo não se deve a que ele atende, simultaneamente, a todas as necessidades da alma humana, às múltiplas e importantes urgências do momento atual. O Espiritismo se dirige, ao mesmo tempo, ao cérebro e ao coração, à inteligência, à consciência e à razão.

O que forma o poder e a eficácia do Espiritismo é que as satisfações intelectuais e morais que ele nos apresenta e os ensinamentos que nos proporciona formam, no seu conjunto, majestosa unidade e uma soberba síntese científica, filosófica, moral e social.

Qualquer doutrina que não busque esses diferentes fins carecerá de equilíbrio.

A moral que provém do cérebro é estéril; só a do sentimento e do coração pode tornar o homem realmente humano, acessível à piedade, compassivo para com todas as dores e dedicado a seu próximo.

Não há dúvida de que devemos estudar os fatos dando-lhes a merecida importância, porém, como pretende Bergson, mais além e bem mais alto que os fatos, deve-se verificar a meta para a qual, por seu intermédio, nos conduzem as forças invisíveis pelas ásperas sendas do destino.

Portanto, o Espiritismo não é apenas o fenômeno físico, a dança das mesas, como ainda parecem acreditar alguns homens. Ele é todo um esforço do Além para tirar da alma humana suas dúvidas e suas enfermidades morais, obrigando-a a ter plena consciência de si mesma, realizando seus gloriosos fins.

O Espiritismo é o raio de esperança que vem aclarar nosso sombrio Universo, nossa Terra de lama, sangue e lágrimas; é o raio luminoso que vem clarear as habita-

ções miseráveis, penetrando nas residências tristes onde a desgraça habita e onde gemem os que padecem.

O Espiritismo é o chamado do Infinito; são as vozes que chegam para proclamar o mais nobre e mais poderoso ideal que o gênio humano já sonhou.

Atendendo a esses apelos, a essas vozes, as fronteiras curvadas sob o peso da vida se levantam e os desesperados, os naufragos da existência cobram ânimo, vendo, no sombrio céu de seu pensamento, brilhar uma aurora que anuncia novos tempos, tempos bem melhores para a humanidade.

O Espiritismo é a comunhão das almas que se chamam e se respondem através do espaço. Graças a ele chegam até nós notícias dos que foram nossos companheiros de lutas na Terra. Pensávamos tê-los perdido e eis que nos sentimos ligados a eles novamente!

É uma grande alegria saber e sentir que estamos vinculados àqueles a quem amamos, unidos através dos séculos, porque a morte é apenas uma ilusão da vista e toda separação é só passageira e aparente.

Não nos sentimos apenas ligados a eles, porém a todas as almas que povoam a imensidão, porque o Universo é uma grande família.

Nos milhares de mundos que giram nos espaços, por toda parte, possuímos irmãos e irmãs que estamos destinados a encontrar e conhecer algum dia e por toda parte existem almas com as quais continuaremos nosso progresso, debaixo de leis sábias, profundas e eternas!

O sentimento e o poderoso instinto da vida e da solidariedade universais despertarão, aos poucos, em nós.

Através desse meio, sentir-nos-emos vinculados aos mais humildes como aos mais nobres espíritos; sentir-nos-emos na mesma categoria dos heróis, dos sábios e dos gênios, teremos a possibilidade de nos reunirmos com eles na luz, quando também houvermos trabalhado, lutado, padecido e merecido.

Finalmente, o Espiritismo é toda a movimentação da vida invisível; um universo vivo – até bem pouco ignorado, exceto por alguns poucos – e que sabemos e sentimos que existe, agita-se, palpita, vibrando em nosso derredor e enchendo o espaço com radiosos pensamentos, pensamentos de amor e inspirações geniais.

Cada vez mais, iremos senti-lo vivendo e agindo, graças ao desenvolvimento de faculdades que se multiplicarão, crescerão e se tornarão comuns a um grande número de pessoas.

Dessa forma, conseguiremos também a valiosa certeza da proteção, do amparo que do Além estende-se sobre nós; a prova de que a solicitude do Alto envolve todos os peregrinos da existência no seu penoso jornadaar terreno.

Na luta que está sendo travada para o progresso da humanidade – a grandiosa batalha das idéias – o Espiritismo é o mais forte dos combatentes, porque nele se reencontram a vida e a morte, a Terra e o Céu se reúnem e se ligam para as lides do pensamento.

Lutemos, portanto, com nobreza, habilidade e prudência, porque o mundo invisível está conosco.

Elevemos o nosso brado de esperança e confiança na justiça eterna e consciente que governa os mundos.

Acreditemos, esperemos e trabalhemos.

## XX Nascimento de um Mundo Novo

### 1º de dezembro de 1918

A análise que acabamos de fazer em nossos cinco artigos nos mostrou como, no decorrer de 50 anos, o Espiritismo criou para si um lugar de destaque em todos os domínios da atividade humana.

A grande onda que varreu tantos erros e ilusões recolocará muita coisa em seu lugar e a França recuperará seu papel, sua missão histórica e a compreensão de seus verdadeiros rumos, isto é, espalhar idéias, verdades e luzes pelo mundo.

Os nobres espíritos que zelam por ela e a livraram do perigo aguardam apenas o momento apropriado para utilizar todo seu poder e encaminhá-la na rota do seu destino.

Como já vimos, já se anuncia enorme reação espiritualista contra o materialismo e a indiferença do passado e, dentro desse movimento intelectual, o Espiritismo está conclamado a desempenhar um grande papel.

Os estudos que ele promove e as convicções que estabelece nunca foram tão oportunas como agora, porque só uma elevada compreensão do mundo, da alma e da vida pode propiciar a serenidade de espírito e a força moral indispensáveis para suportarmos as provações do tempo atual, olhando confiantes para o futuro.

Ao iniciar a guerra, a Alemanha e a Áustria não calculavam o abismo de dores que iam produzir e hoje não são apenas os gritos das vítimas que se ouvem, mas também vozes de reprovação surgem de todos os quadrantes do mundo; todas as potências morais se levantaram para acusar e condenar os autores de tantos males.

A consciência humana lançou sua opinião infalível e deseja uma paz baseada na justiça, que garanta a punição dos culpados e impeça a repetição de calamidades semelhantes.

Graças ao socorro espiritual, o horizonte se aclara, pouco a pouco, e os acontecimentos tomam direção favorável à causa do direito. O atual conflito, que poderia ter trazido para a humanidade uma fase de decadência e aviltamento, promete ser um meio de recuperação, desempenhando a França, nessa obra, um importante papel. Ela se destaca aos olhos do mundo pela extensão de seus padecimentos e sacrifícios.

Há muito tempo seus inimigos lhe haviam preparado a ruína e o esmagamento. Todavia a França está de pé; renascendo sempre, ela segue levando ainda nas dobras de sua bandeira uma grande parte do futuro humano. Resgatada de seus erros e de suas ambições desregradas, ela hoje representa o direito dos fracos e os sagrados direitos do pensamento.

Dessa forma todos os povos livres voltam seus olhos e suas esperanças para a França e seus aliados. Se ela fosse vencida, seria o fim da independência de todos, mas com a vitória francesa, o pensamento adquirirá seu livre curso e se espalhará com intensidade sobre a Terra ensangüentada.

Vemos também o nascer de um novo mundo; tudo quanto está reservado para viver e crescer se realiza com sangue e lágrimas, vendo-se surgir as formas ainda vagas e imprecisas de uma humanidade restaurada pela dor, no meio das convulsões de uma guerra terrível.

As grandes nações aliadas, no começo divididas por interesses econômicos e que, sem os atuais acontecimentos nunca se compreenderiam, aglutinaram todos os seus recursos e meios de ação para enfrentar o perigo comum, chamando para seu lado a maior parte dos povos do mundo.

Isso determina um entendimento das inteligências e dos pensamentos, uma reunião de caracteres e vontades, plenas de conseqüências para o futuro do mundo.

Os povos se dirigem para uma solidariedade real e ativa, para uma organização mundial que parece ser a última fase da evolução e do direito. Uma ordem de coisas se estabelece, primeiro uma ordem econômica, depois política e, mais tarde, filosófica e moral.

Em virtude dos rápidos progressos feitos pelo Espiritismo na Inglaterra e na América, há uma promessa de que ele se tornará uma doutrina universal, fortalecendo a união de todos em um ideal comum. Até a Alemanha, decepcionada e obrigada a renunciar ao seu sonho de dominação brutal, será constrangida a participar do concerto das nações, ocupando apenas o lugar que merecer.

Aí então a paz e a justiça poderão reinar sobre a Terra. Dia virá em que teremos orgulho de haver vivido numa época que está preparando tão grandes coisas.

Louvemos a Deus que sabe extrair a harmonia desse conflito de paixões e de ódios. Lutemos, cada um no limite de suas forças, para preparar melhores tempos para a humanidade.

## XXI O Reinado do Espírito

**15 de dezembro de 1918**

Os frutos ilusórios e venenosos do materialismo podiam ser encontrados, antes da guerra, por toda parte ao redor de nós, tanto na política como na literatura e nos costumes. Foi necessário o terrível choque dos acontecimentos para que viessem à luz as heróicas qualidades do país, que estavam mergulhadas em uma espessa camada de interesses e de paixões egoísticas.

Agora, finda a tempestade, os frutos venenosos não terão desaparecido de todo e é de temer que o conflito dos interesses e as lutas de classes, a ação surda e violenta das paixões prossigam e ainda tenhamos outros sofrimentos e outras provas para sofrer.

A solução para tudo isso consiste principalmente na procura e na aplicação de um ideal nobre, que ajudará o homem a levantar os olhos e seus pensamentos acima das ambições terrenas.

Um país só é grande pela idéia que ele representa e não há idéia mais nobre que a do progresso individual e coletivo, a elevação de cada um de nós para esses píncaros eternos que são a sabedoria, a justiça e o amor. Nada mais belo que a colaboração crescente na obra do progresso universal.

Entretanto, como interessar os homens por esse ideal, quando já houve pastores cruéis que, por um longo tempo, os mantiveram na ignorância de sua natureza e de seu importante papel?

A tarefa será longa, trabalhosa e difícil, mas não há outro modo de despertar uma vida espiritual elevada e pura, de fazer reinar o espírito sobre a matéria.

Faz 20 ou 30 anos que uma poderosa corrente encaminha os povos para uma democracia socialista, mas para que seja fecunda deverá realizar o reinado do espírito, respeitando a liberdade pessoal, que é sagrada, que é a própria garantia da nossa autonomia e cuja luz deve permanecer sempre em nossas almas. Se houvesse um constrangimento, uma violência, se espezinhasse a liberdade individual, o Socialismo seria simplesmente uma forma de despotismo e chegaria aos piores excessos.

Na Rússia temos um exemplo disso; a revolução, no início, era inspirada em sentimentos generosos, porém, pela opressão, despencou no abismo, transformando-se em uma forma de anarquia e pilhagem.

O socialismo igualitário estaria em caminho errado, como já demonstramos em outros artigos, a igualdade não reside na natureza nem pode sobreviver na sociedade. A nivelção por baixo, como pensam certos utopistas, e a igualdade imposta pela força iriam suprimir as capacidades, isto é, todas as forças intelectuais chegariam ao reinado universal da mediocridade, ao fracasso da arte e da ciência, constituindo-se num retrocesso à barbárie.

O socialismo materialista esqueceu uma coisa importante: que a alma humana necessita de esperança e fé, como o corpo precisa de alimentos.

A democracia deve ser uma solidariedade estreita e fraterna entre todos; um esforço comum para o melhor, uma dedicação para nos elevarmos a uma vida mais digna e mais alta. Em tais condições, a democracia representaria um valor de ordem moral e teria sua sede nas consciências.

Quanto ao ponto de vista dos interesses, a paz social só se adquire pelos sacrifícios voluntários daqueles que possuem os bens e pelas reivindicações justas e equitativas dos que, nada tendo, colaboram para estabelecer a riqueza pública. O socialismo não deve ser inspirado no ódio das classes, mas na simpatia e na benevolência. O ódio só gera o ódio, que só pode ser vencido pelo amor.

Entretanto, para se alcançar esse alvo, todo conjunto das leis e das instituições políticas serão impotentes. Não basta que se dirijam à inteligência e à razão; é preciso que atinjam, principalmente, o coração dos homens, dele suprimindo o egoísmo, a inveja e o espírito de dominação.

Só existe possibilidade de triunfo pela divulgação de uma grande doutrina, alicerçada em provas concretas, que ensine a todos o dever, a responsabilidade moral, iluminando o caminho do porvir. Somente assim os conflitos terminarão e um melhor destino se preparará para a humanidade.

Onde encontrar os trabalhadores para tal transformação, os colaboradores para o reerguimento espiritual e moral de nossa pátria? Iremos encontrá-los entre os homens que, durante 20 anos, prosseguem no poder? Quem os conhece bem garante que não, com raras exceções.

A democracia deve ser conduzida por mãos honestas e puras e não por materialistas amantes do gozo, descuidados das leis superiores e do destino que o Além lhes reserva.

Talvez seja necessário aguardar a chegada de outra geração, o advento de novos homens que, rompendo as estruturas dos velhos partidos, instituem uma situação mais condizente com o real objetivo da vida e com as normas do progresso humano.

De qualquer forma, já o afirmamos, cabe ao Espiritismo desempenhar um grande papel, podendo, confiante, encarar o futuro, oferecendo desde já supremas consolações e incalculáveis esperanças para todos os corações sofredores.

O Espiritismo amplia a comunhão com o invisível e, ao mesmo tempo, torna-a mais real e mais forte. Por meio das faculdades mediúnicas e das revelações concordantes dos espíritos, conhecemos muito melhor as condições da existência no mundo espiritual. Os laços de amizade e de solidariedade que nos ligam aos mortos se ampliam e as duas formas de vida, visível e invisível, se juntam numa poderosa unidade. Todos os que praticam o intercâmbio com seus queridos entes desaparecidos (e o número deles é grande) sabem quanta ajuda e quantos elementos de renovação as relações com o além-túmulo introduzem em nossa mente e em nossa consciência.

Os horizontes de nossa vida se ampliam, reduzindo-se as coisas da Terra às suas justas proporções. Aprendemos a nos desinteressar de tudo que é fútil e vão, colocando nosso alvo na conquista de bens espirituais indestrutíveis.

A cooperação e a vida em comum com nossos entes invisíveis é qual um banho fluídico onde nossas almas se retemperam e robustecem.

Nossos atos, nossos pensamentos e nossas percepções se modificam profundamente; a morte, por exemplo, perde todo o seu caráter fúnebre; todo o aparato de pavor com que as religiões, propositalmente, a envolveram desmorona e se esfuma.

A morte passa a ser um retorno para a verdadeira vida, vida radiante e livre do espírito que não cometeu erros. É o descanso para o pesquisador fatigado e o refúgio de quantos sofreram e lutaram.

O costume de conversarmos com nossos amigos do Espaço e a idéia de que eles estão muitas vezes ao nosso lado, falando-nos, ouvindo-nos e se interessando por

nossos trabalhos, nos obrigam a vigiar melhor os nossos atos. À medida que nos adiantamos sob suas inspirações, nossa compreensão da vida espiritual se torna mais profunda, o dever fica mais fácil de cumprir e o fardo das provações fica menos pesado.

Aprendemos a nos libertar de mil submissões materiais, livrando-nos das ambições malsãs, dos ciúmes mesquinhos e de tudo quanto separe e desgrace os homens.

Nas situações trágicas que atravessamos, o intercâmbio entre o Céu e a Terra, entre vivos e mortos, assume grandioso aspecto e consegue uma extensão e uma intensidade incalculáveis. As almas dos heróis que tomaram em defesa da pátria e de todos quantos ofereceram a vida em sacrifício para que o solo da França não fosse escravizado, a incomparável multidão desses espíritos que, em seus vôos de glória, pairam sobre nossas cabeças, todos se associam aos nossos esforços, às nossas dores e ao nosso pranto.

Não se trata de um caso isolado o de Raymond Lodge; em todos os lados as manifestações similares se multiplicam. Assim que acaba o período de perturbação, que acontece depois das mortes violentas, todos esses espíritos só possuem um pensamento: ajudar nossos soldados na luta gloriosa em que estão empenhados, exaltando-lhes o ânimo e sustentando-lhes o ardor impetuoso até que o inimigo seja rechaçado para além de nossas fronteiras.

No momento atual, os médiuns videntes podem admirar esse espetáculo impressionante de duas humanidades que se juntam num esforço supremo para salvar a França e o mundo dos dolorosos ataques da águia germânica. E esse grande movimento não se extinguirá quando a guerra terminar, porque as forças espirituais que estão em atividade continuarão a intervir, não mais em uma luta armada, mas para levar adiante a obra pacificadora e restauradora por excelência.

Por seus abusos e excessos, a humanidade criou fluidicamente, em seu derredor, um círculo fatal que só poderia ser rompido por um choque violento. Em lugar de reconhecer seus próprios erros como a causa principal dos males que suportava, em lugar de buscar os remédios para esses males no estudo e na prática das leis eternas, a humanidade se agarrou ao sensualismo e à negação. E o choque se produziu! – o choque que quebrou muitos egoísmos e destruiu muitas prevenções e rotinas; que tirou do antigo homem a roupagem de seu orgulho, possibilitando o seu entendimento das coisas divinas.

Agora, as reformas e os melhoramentos individuais e sociais que não foram realizados na paz e na tranqüilidade terão que ser executados na provação e na dor.

Todos os que se opunham ao progresso do pensamento e da evolução moral irão desaparecer. Encarnarão, entre nós, espíritos elevados para a realização dos desígnios espirituais. Um poderoso sopro passará sobre o mundo. Os habitantes da Terra, unidos aos habitantes do Espaço, trabalharão juntos a fim de preparar dias mais prósperos para o nosso atrasado planeta.

\*

Creio que devo acrescentar meu testemunho pessoal às considerações anteriores. No meu contato constante com os invisíveis, obtive inspirações e forças necessárias para realizar o que pude fazer de útil e bom no curso dessa vida, que já declina e se acaba. A colaboração dos nobres espíritos do Espaço me proporcionou os principais elementos de minha obra de divulgação.

Nesses contatos diários, consegui muitas provas de identidade, minha fé e minha confiança aumentaram, ao mesmo tempo em que se iluminava minha vida interior. Acostumei-me a me desprender das superficialidades do mundo, colocando meus afetos e meu objetivo no Além.

A idade já chegou, trazendo consigo seu cortejo de enfermidades; meus meios de ação se debilitam e um sombrio véu se estende sobre meus olhos.

Perdi a excelente médium por meio da qual me comunicava com os meus guias e protetores invisíveis, mas os sinto constantemente à minha volta e ainda percebo as irradiações de seus pensamentos e de seus fluidos.

De agora em diante, nada mais desejo do que me juntar a eles, quando Deus quiser, para viver com eles na serena paz do Espaço e na divina harmonia das almas e dos mundos!

## XXII Hosanna!

### 1 12 de novembro de 1918

A cidade está em festa. Tocam todos os sinos. Troa o canhão e escutam-se as músicas norte-americanas em todos os cruzamentos de ruas e estradas. A população inteira, num pensamento comum de libertação e de felicidade, aclama a assinatura do armistício, prenúncio da paz.

Não só a velha cidade está alegre, mas toda a França vibra de entusiasmo. Das planícies do centro, dos vales do sul e dos bosques da Lorraine sobem os sons das fanfarras e os cantos de alegria. No Espaço, incontáveis legiões dos que tombaram pela pátria se associam ao júbilo de um povo delirante. As harmonias do Céu respondem às vozes da Terra.

O sofrimento de 52 meses terminou e, graças ao Espiritismo, aos guias invisíveis, às suas previsões e seus ensinamentos, tudo suportamos com paciência. Apesar das tristezas e angústias dessa longa guerra, até mesmo nas horas mais difíceis, por exemplo, na retirada da Rússia, nunca perdemos a confiança na salvação da pátria e no socorro do Alto.

Durante as peripécias da luta, uma poderosa corrente de forças espirituais nunca deixou de passar sobre a França e seus heróicos soldados, impulsionando-os e exaltando-os até levá-los, finalmente, para a vitória.

Agora temos que reparar os males causados pela guerra, formar uma alma nova para a França. É necessário que a união nascida nas trincheiras, nos campos de batalha e na retaguarda, entre homens de todas as condições, se fortifique pela vontade e pelos esforços de todos.

As lutas partidárias devem terminar diante da firme resolução de todos os franceses: trabalhar, com um mesmo empenho e um só coração, no reerguimento e regeneração do país.

É necessário, principalmente, que uma nova fé eleve os pensamentos acima dos interesses egoísticos, fazendo penetrar nas consciências o sentimento do dever e das responsabilidades pessoais de quantos pretendam mostrar-se dignos do título de seres humanos.

Para todos vós, vivos heróicos ou mortos gloriosos que combateram, lutaram e padeceram por nós; para todos vós, que garantistes o triunfo de justiça e da liberdade neste mundo que se teria tornado inabitável, caso a força brutal e a mentira tivessem prevalecido; para todos vós, um hino de reconhecimento, um tributo de admiração e a gratidão da humanidade inteira!

\*

Essa guerra é única na história do mundo, pelos recursos perversos e fratricidas que inaugurou, pela extensão mundial e grandes massas de tropas movimentadas. As dificuldades e complicações que ela originou só foram vencidas graças a esforços gigantescos.

O tratamento imposto à Bélgica e à Sérvia por seus invasores levou-nos a acreditar numa bancarrota quanto ao mais nobre e ao mais sagrado que existe na consciência.

Por outro lado, povos inteiros se lançaram na fogueira em prol da causa do direito, multiplicando-se os atos de heroísmo e de sacrifícios. Qualidades morais desconhecidas afloravam de tal forma que a dignidade humana se ergueu e se reabilitou.

O rebaixamento dos caracteres, antes da guerra, era notável e evidente. Lamentavelmente, verificávamos quanto a nossa época era pobre em homens geniais; porém, na hora do perigo, numerosas falanges surgiram, enfrentando os riscos e a morte. Embora o orgulho, a falsidade e a crueldade se manifestassem em toda a sua crueza, por outro lado, legiões de almas se elevaram de um salto até as alturas do sublime.

A França assumiu resolutamente suas provações, subiu seu calvário e arriscou a vida em prol da salvação comum.

A humanidade correu para sustentá-la, comovida por esse grandioso espetáculo. Apareceram os homens exatos e providenciais que Deus reserva para a realização de seus grandes desígnios: Wilson, Lloyd George, Clemenceau, Foch, que nada mais foram do que instrumentos do Além, executores do plano divino, os agentes pelos quais a justiça superior se realiza com um brilho sem igual na história do mundo. Nosso século nada tem a invejar dos que o precederam, porque se mostrou maior que todos eles.

Como, portanto, duvidar do futuro? Através do caos dos acontecimentos, sentimos que uma nova humanidade se esboça; as tradições de um passado de ferro e de sangue parecem definitivamente afastadas.

As leis da consciência, paulatinamente, substituem as regras de uma política violenta e de uma força brutal que por muito tempo dominou nosso mundo ainda bárbaro. Os povos acreditam vislumbrar no horizonte a aurora de um tempo onde a justiça e a fraternidade reinarão.

Sendo assim, um grande passo se dará no caminho áspero, porém sagrado, por onde se desenvolve a longa série de gerações humanas. Entretanto, não confiemos muito nisso... Longe, na grande Rússia, permanece um perigo que ameaça invadir a Europa Central e alastrar-se pelo Ocidente.

Existem ainda, em nosso atrasado planeta, muitos seres inferiores, ignorantes e passionais, para que a ordem e a harmonia se possam estabelecer de modo definitivo.

Provavelmente, a luta recomeçará sob outras formas, criando outros heróis e outros mártires, e nela as legiões invisíveis se associarão aos nossos esforços e às provações que suportaremos.

Trata-se de um combate universal do bem contra o mal, da luz contra as trevas e da verdade contra o erro!

Por meio dele as almas se robustecem e desenvolvem suas latentes energias; escalam as ladeiras íngremes coroadas por cimos deslumbrantes. É o imenso concerto onde as contradições e os antagonismos ora se chocam, ora se fundem numa sinfonia quase sobre-humana. E nesse poderoso concerto há um canto que paira sobre todos os outros: a Hosanna, o canto triunfal daqueles que venceram e que, dos sofrimentos, das angústias e das lágrimas, souberam conseguir para as suas almas mais riqueza de pensamentos, de sentimentos, de beleza e de grandeza!

**15 de dezembro de 1918**

Já que a borrasca terminou e que a calma começa a renascer nos espíritos, analisemos seriamente, com sentimento quase religioso, os fatos que acabam de ocorrer e tentemos obter os altos ensinamentos que eles encerram.

Em primeiro lugar, o que mais nos impressiona é a evidente intervenção de um poder, de uma vontade superior: a ação do mundo invisível para salvar a França do fracasso e da morte com o objetivo de estabelecer o reinado de direito.

Mostrar-me-ão, talvez, as conseqüências dessa guerra terrível, as alternativas de sucessos e de fracassos, as horas de angústia e incerteza, quando parecia que o destino se voltava contra nós. Poderão dizer que tais peripécias estão em desacordo com a execução de um plano aprovado pelo Alto.

A resposta é fácil: Deus deseja que o homem participe da obra divina com seus esforços e sacrifícios, é por esse preço que o progresso humano se concretiza. Porém, chegado o momento, o poder divino se manifestou e o orgulho germânico foi abatido. Daí a súbita reviravolta na situação, a ofensiva fulminante de nossas tropas e a derrota final para o inimigo. Ainda não perdem a atualidade as palavras de Joana d'Arc: "Os soldados batalharão e Deus dará a vitória."

Durante três anos, desde 1914, acompanhamos diariamente as etapas da guerra, quanto à colaboração do mundo invisível, e relatamos seus feitos principais em diversos artigos de revistas: reunião, em conselhos, dos grandes espíritos; a busca de chefes militares capazes de receber suas inspirações; a ação permanente das legiões do além sobre os combatentes e a previsão dos futuros acontecimentos.

Após a batalha de Charleroi, quando o exército alemão avançava como uma avalanche e todas as vanguardas de sua cavalaria já penetravam nos subúrbios de Paris, nossos guias nos garantiam que eles não entrariam em nossa capital. Mais tarde, diante de Verdun, na hora em que o inimigo chegava à última linha de fortificações de Souville e de Tavannes, aqueles mesmos guias nos afirmavam que os alemães não tomariam a cidade lorena. Da mesma forma, nos momentos mais duvidosos, antes que a sorte dos exércitos estivesse determinada, as predições dos espíritos sobre a nossa vitória final se concretizaram.

Entre os soldados muitos perceberam diretamente a presença do invisível, outros tiveram a intuição dessa presença, conforme grande número de cartas, procedentes da linha de frente, confirmam.

Entre mil exemplos, citemos um: nas suas *Cartas de Guerra*, recentemente publicadas, o tenente Masson, embora sem ser espírita, declarava:

“Sinto-me fraternalmente rodeado por invisíveis que me orientam: todos me dizem que a morte não é tão terrível e que existem coisas que valem mais que a vida.”<sup>19</sup>

Os jovens, principalmente, estão vivamente impressionados, porque o contato permanente com o perigo e a lição dos grandes acontecimentos lhes amadureceu o pensamento, tornando seus sentimentos mais graves e mais profundos. Eles tornarão à vida civil com noção mais elevada de seus deveres, e a idéia de pátria, tão desacreditada antes da guerra, assumiu aos olhos deles um sentido mais amplo e mais extenso. Sabem que não basta servi-la na guerra, mas também nas horas de paz, em tudo aquilo que possa engrandecê-la, dignificá-la, tornando-a mais respeitada no mundo.

Observou-se que as novas classes são superiores, nesse particular, às antigas e que a incredulidade escarnecedora de outrora foi substituída pela confiança e pela fé. As próprias crianças que presenciaram esse imenso drama conservarão dele uma forte impressão que exercerá grande influência em suas vidas.

Se houvesse um ensino popular que viesse completar em todos eles essas felizes disposições, se a bela chama do idealismo fosse acesa naquelas almas, veríamos que, aos poucos, as gerações envelhecidas e decepcionadas, prestes a desaparecer, seriam substituídas por uma nova França, ardente e generosa, possuidora de uma fé patriótica que lhe garantiria efetuar grandes empreendimentos.

\*

Atualmente, a França recobra seu posto na vanguarda das nações. Desde 1870, vivíamos vergados sob o peso da derrota. Não podíamos dar um passo no exterior sem que esbarrássemos com as recordações de nossos fracassos, com mil causas de amargura e humilhação. Depois veio a terrível crise em que o país poderia ter soçobrado.

Todas as faltas e todos os erros se expiam. Durante muito tempo as classes entre nós denominadas dirigentes, carcomidas pelo materialismo e pelo ateísmo, só possuíam como objetivo o dinheiro e o prazer.

O proletariado, por sua vez, cioso e vingativo, desejava a conquista do bem-estar, da riqueza e do poder, pela força. Disso resultou a perturbação dos espíritos, a incerteza do amanhã e o princípio da decomposição social.

Todavia, quando juntos enfrentaram o perigo e sofreram as provações, os traços de solidariedade se apertaram, ganhando a França uma nova alma. A charrua da dor nela cavou a sua marca e fez brotar as fontes de um poder que ajudará o seu reerguimento e seu majestoso vôo.

Para nós se apresenta uma imensa tarefa e para realizá-la é necessária a colaboração de todos, pois já não se trata de fazer concessões, nem de aceitar compromissos, mas de prestar uma cooperação sincera e leal, não podendo nenhuma parcela do povo isolar-se e viver sem as outras.

Devemos exigir duas condições ao regime político: a ordem e a liberdade, sem as quais a sociedade não é estável e o progresso não está seguro. Um republicano verdadeiro deve respeitar as opiniões alheias e não querer impor as suas, a não ser pela persuasão, sendo criminosa, nesse domínio, toda e qualquer violência.

Porém, somente isso não é o bastante: é preciso que a França recupere seu grande papel histórico, que é o de semeadora e divulgadora de idéias. Ao aureolar sua frente a vitória lhe impõe, como dívida, guiar as outras nações na sua marcha incerta. Para desempenhar essa grande missão necessita, sobretudo, do pensamento, da convicção elevada, da iniciação na lei dos renascimentos e na comunhão dos vivos com os mortos.

Essa comunhão pode tornar-se, na prática, uma fonte de força e de vida moral, porque é pelos esforços comuns dos dois planos – o visível e o invisível – que será realizada a obra regeneradora e a evolução dos seres para estados de maior sabedoria e mais luz.

\*

Jovens que lerem estas páginas, a estrada do futuro, larga e bela, lhes está aberta e vocês estão convidados a trilhá-la por todas as vozes da Terra e do Espaço. Deixem

para trás o passado, com o seu fardo pesado de terrores e iniquidades; avancem com passo firme e olhos fixos num nobre ideal.

Façam de seus trabalhos e de seus sofrimentos outros tantos degraus para uma subida mais alta. Escutem o apelo das almas invisíveis que lhes dizem: “Coragem! Trabalhem com fervor na grande obra que cada geração elabora.”

Antes de vocês, na Terra, nós vivemos e sofremos, conhecendo a ingratidão, a zombaria e a perseguição. Porém, vossa hora vos é mais propícia.

A nós tocou atravessar os desertos da descrença, vocês conhecerão no oásis as sombras frescas da esperança e os mananciais vivificantes da fé. Colherão na alegria o que semeamos na dor, porque, em meio à tempestade que acaba de desabar sobre nossa pátria, surgiram as forças divinas, atenuou-se a descrença e a inteligência do homem se tornou receptiva para as grandes verdades que regem os mundos.

Trabalhai, portanto, jovens! Nós vos inspiraremos e ampararemos. Do luminoso círculo que alcançamos, nós saudamos os novos tempos, os tempos melhores que se anunciam para a França e para a humanidade!

## XXIII

### A Experimentação Espírita: Escrita Mediúnica

#### 1 Janeiro de 1919

Nossos contraditores, muitas vezes, gostam de realçar os excessos decorrentes de uma prática experimental incorreta do Espiritismo, colocando em destaque as decepções a que ficamos expostos dentro dele.

Todavia, elas resultam quase sempre das condições incorretas em que se trabalha e da inobservância das regras estabelecidas pelos espíritos.

Quando lêem as obras de escritores espíritas, alguns leitores ficam muito impressionados pelos fatos e testemunhos narrados e, animados pelo seu pensamento, acreditam que tais fatos sejam freqüentes, numerosos e fáceis de se obter.

Deixam de considerar as exigências próprias da publicação que nos obrigam a reunir e condensar, num espaço limitado, fenômenos que, na realidade, se produziram em um período de tempo considerável e em lugares muito distantes entre si.

Quando esses leitores se aproximam do terreno experimental, o fazem sem método, sem preparação, desprezando recomendações e precauções essenciais, esquecendo nossos conselhos, cansando-se logo e abandonando a tarefa, quando os resultados não são imediatos.

É preciso aprofundado estudo do mundo espiritual para quem quiser orientar-se em meio aos fenômenos, determinando-lhes as causas com exatidão. Há muitíssimos elementos nas forças em ação, durante as sessões, para que experimentadores mal preparados e mal instruídos possam evitar erros e suposições falsas, não sendo prudente admitir nos grupos a não ser pessoas que tenham feito um estudo teórico preliminar, através de uma atenta e refletida leitura das obras especializadas.

A lei harmônica das vibrações é a base da comunicação espírita. Sabemos que cada alma é um centro de forças cujas irradiações variam de extensão e de intensidade, conforme sua natureza e seu grau de evolução. A ação da vontade pode aumentar ou diminuir o poder dessas vibrações.

Tenho uma fotografia onde, sob a influência da prece, vemos os eflúvios irradiados dos dedos do experimentador estendendo-se e recobrando toda a placa, ao passo que, no estado de repouso do pensamento, os efeitos produzidos são fracos.

A vida na carne amortece as irradiações da alma, porém não as elimina. Existem tantas diferenças entre os vários estados vibratórios como as há entre as fisionomias e os caracteres humanos. É necessária, entretanto, certa concordância para estabelecermos relações entre espíritos e encarnados.

O espírito que deseja comunicar-se deve procurar um médium cujo estado psíquico tenha mais analogia com o seu. Depois, por um adestramento gradual que pode, conforme os casos, abranger semanas, meses e até anos, e com o qual o médium deve cooperar pelo pensamento, pelo desejo e pela vontade, chegará a estabelecer uma espécie de sincronismo. Sendo malsucedido deverá dirigir seus esforços para outra pessoa.

A mediunidade mais comum é a da escrita, em suas várias formas. A que se denomina *mecânica* nos parece apresentar mais garantias que os outros processos, pois, neste caso, o espírito age apenas sobre o braço do médium sem impressionar o seu cérebro.

Realmente, seja intuitiva ou semimecânica, a faculdade de escrever admite, inevitavelmente, uma mistura do pensamento do espírito com o do médium. O pensamento do espírito provoca, no cérebro do médium, imagens, expressões e mesmo idéias que lhe são familiares e que são encontradas nas comunicações obtidas.

Como se deve fazer a diferença, estabelecendo a parte que corresponde a um e ao outro? É uma tarefa delicada e difícil e que somente eles poderiam realizar.

A faculdade da escrita normalmente é precedida por uma fase de exercícios, durante a qual o médium produz movimentos irregulares e traçados ilegíveis, e cuja finalidade é normalizar e disciplinar seus fluidos, adaptando-os às finalidades desejadas.

Esse período de preparação, conforme as pessoas, é mais ou menos prolongado. Conheci um oficial de uma repartição que se exercitou diariamente, com paciência, por mais de um ano, obtendo finalmente comunicações seguidas que apresentavam, além de forma elegante, um sentido profundo.

A prática dessa faculdade tem o grave inconveniente de proporcionar uma ação pessoal e inconsciente do médium, todavia tal inconveniente diminui com o tempo, acabando por desaparecer quase totalmente.

À medida que essa mediunidade se desenvolve, o espírito consegue, cada vez mais, um domínio sensível sobre o cérebro do indivíduo, chegando a eliminar dele tudo quanto não parta de sua própria vontade, porém a escrita mecânica continua sendo o meio mais seguro para obtermos provas de identificação e indicações de fatos e datas ignorados pelo médium, numa palavra: os elementos comprovantes que sempre devemos buscar nas comunicações.

É permitido a qualquer experimentador trabalhar sozinho e todos os dias durante o período de exercícios preparatórios; porém, desde que escreva palavras, frases e mensagens coerentes, convém evitar trabalhar isoladamente, devendo aproximar-se de um grupo bem orientado, que tenha proteção eficaz, e submeter suas produções à análise dos mais esclarecidos.

Na solidão e na falta de direção, pode expor-se à influência dos vagabundos do espaço e às suas mistificações, podendo ser vítima de uma perigosa obsessão.

Durante muito tempo, nas reuniões que dirigi, acostumei-me a apresentar aos médiuns escreventes um tema que tratariam espontaneamente, o que eles faziam com abundância de estilo e riqueza de expressões, muito além de seus habituais recursos.

É verdade que esses resultados não comprovam, forçosamente, a intervenção dos espíritos. Poderíamos explicá-los atribuindo-os aos recursos profundos e ocultos do médium, a esse estado que alguns psicólogos chamam de subconsciente, quando se revelam conhecimentos, qualidades e poderes que não temos no estado normal. Eis aí um problema que se precisa resolver.

Tem-se tentado, em vão, explicar o conjunto dos fenômenos pela teoria que os atribui ao subconsciente, mas os psicólogos que tentaram essa explicação não foram bem sucedidos, porque os fatos espíritas, na sua maior parte, fogem a essa interpretação. Entretanto, também é verdade que certos casos de escrita ou inspiração oral, que ocorrem no transe, podem encontrar uma explicação lógica no subconsciente.

Em outro livro <sup>20</sup> já comprovamos que existe em nós um *eu* profundo, uma consciência e uma memória mais amplas e mais extensas que a consciência e a memória normais, que escapam, na maioria das vezes, ao nosso conhecimento e à nossa vontade. É o reservatório espiritual onde se registram e acumulam os conhecimentos, as lembranças e as impressões de nossas vidas passadas, tudo quanto forma o capital intelectual e moral que trazemos conosco, no nascimento. Daí, as faculdades inatas, as aptidões e as tendências, tudo quanto a herança psíquica não pode explicar.

Como dizíamos, esse lado ignorado de nossa natureza íntima permanece bloqueado no estado normal, todavia certas sugestões, sejam pessoais ou estranhas, podem aparecer, fazendo surgir uma parte de nossos recursos ocultos. Aí, a sugestão desempenha o papel de uma alavanca que levanta e movimenta os elementos de nossa personalidade profunda.

Nas experiências de renovação de memória, sabemos que a atuação do magnetizador sobre uma pessoa mergulhada na hipnose pode despertar suas lembranças adormecidas. A história do passado remoto se desdobra imediatamente: os menores detalhes das existências passadas renascem e revivem com realismo notável.

O médium escrevente, da mesma forma, valendo-se da auto-sugestão, pode fazer um apelo, embora com intensidade menor, para o *eu* subjetivo, obtendo dele, sem se aperceber, inspirações bem superiores às suas capacidades normais.

Disso não se deve concluir que todas as comunicações escritas são produto do subconsciente, pois o que nasce da auto-sugestão pode muito bem ter origem na sugestão dos invisíveis.

Ao demais, os traços pessoais, as provas de identificação e as explicações dadas sobre os fatos e as perguntas ignoradas pelo médium comprovam com clareza a influência de estranhas individualidades.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de mensagens que destacam o caráter dos inspiradores e fazem crer que promanam, sem dúvida, dos espíritos que as assinavam. Essas mensagens foram obtidas de forma sucessiva pela senhora Hyver, no decorrer de uma mesma reunião de um grupo, em Paris, a 18 de dezembro de 1914.

A primeira traz a assinatura de Henri Heine, poeta alemão que adotou a França como sua pátria. Trata das lendas germânicas onde Odin (ou Wotan), o velho deus alemão, e suas filhas, as Valkyrias, e outros deuses e guerreiros habitantes do Walhalla, o Palácio de Odin, precisam ser derrotados pelo lobo Fenris, que Odin aprisionou outrora no abismo. Tal derrota deve provocar a queda e a morte dos deuses e a criação de uma terra e uma humanidade novas, nascidas do cataclismo universal.

Heine evoca e interpela o Chanceler de Ferro, Bismarck, e este lhe responde.

Frederico III, pai de Guilherme II, apresenta-se depois, como juiz entre as teses tão antagonicas sustentadas pelos dois alemães. Frederico faz sombrios prognósticos sobre os resultados que terá a obra de seu filho e sobre o destino da Alemanha. Essas mensagens formam uma espécie de trilogia e anunciam os grandes fatos que presenciaremos atualmente.<sup>21</sup>

### **Primeira Mensagem**

Oh! Chanceler de Ferro, desperta! Estás vendo tua Alemanha de rapina e sangue?

Seus ferozes exércitos espalharam-se pelo mundo; à sua frente voam as Valkyrias e os guerreiros de Odin saíram do Walhalla.

Não escutas seus gritos de cólera?

O lobo Fenris também saiu do abismo onde estava aprisionado.

Toma cuidado com tua Alemanha, oh! Chanceler de Ferro, porque o lobo Fenris anda solto pelo mundo. Abandona o vale de sombras e de trevas que é tua morada, porque chegou a hora. O toque fúnebre dos sinos, por tua Alemanha de rapina e de sangue, acaba de soar.

Eu te digo, Chanceler de Ferro, o lobo Fenris está solto e tua Alemanha vai morrer entre seus dentes cruéis.

Sobe a esta colina e verás nossa velha Alemanha, ou melhor, não a verás, porque ninguém mais pode reconhecê-la sob a máscara que tu modelaste para ela.

Nossa velha Alemanha era nobre e santa; possuía um coração. Esta outra é um monstro horrendo, sem nada de humano, caminhando ao clarão sinistro dos incêndios, trazendo na mão um facho ardente que não poupa a choupana nem o palácio, o templo do senhor Deus ou o asilo do sofrimento.

Esta tem os membros vermelhos pelo sangue de inocentes, caminha sobre cadáveres de mulheres, de recém-nascidos, de donzelas e de velhos. Esta não é nossa Alemanha: é um monstro prussiano que tu fizeste com perfeição.

Bismarck, toma cuidado, porque o lobo Fenris está solto e devorará teus filhos e os próprios deuses de Walhalla, pois os tempos são chegados e foste tu que abriste a porta do abismo ao furioso lobo. Tu disseste: “A força vence o direito”, e terminaste a obra maldita, fabricando esta Alemanha que é a vergonha do mundo civilizado.

Ah! orgulha-te de tua obra, Chanceler de Ferro! Olha: onde está a Bélgica? Onde estão Reims, Arras e outras tantas cidades? A Alemanha, a tua Alemanha, passou por essas cidades. É uma vergonha para ti, Chanceler de Ferro: nada escapa por onde passa o alemão.

Teu coração se dilata? Responde-me. Esperavas tão sangrentas colheitas e tão belas espigas? Os filhos de teus filhos ultrapassaram o próprio Átila. Orgulha-te, Bismarck, nenhum povo causou tantas ruínas como o teu.

Podes te orgulhar, aí está tua obra!

Desejaste que a Alemanha ficasse acima de todos: ela o conseguiu por meio do crime e do horror. Pela sucessão dos séculos, se repetirá o espanto da grande guerra, e dirão que nenhum povo superou a crueldade dos bárbaros vindos do Reno.

Tua Alemanha está acima de tudo no que se refere ao crime, ao estupro, ao incêndio, ao saque; suas inumeráveis legiões são as legiões do inferno.

Bismarck, cuidado, pois soltaste o lobo Fenris, e suas unhas já estão se cravando nos flancos de tua Alemanha, da tua monstruosa criação.

A Alemanha vai morrer, apesar de seu velho deus, Odin, ter saído das selvas Hercínicas, apesar de suas filhas e de seus guerreiros; o lobo Fenris saiu do abismo e os tempos vão se realizar.

Chanceler, escuta bem: os tempos vão chegar e a raça dos chacais e dos abutres será destruída, apesar de sua força e de suas garras; será varrida da superfície do mundo, oh! Bismarck!

Aí está teu castigo, pois desejaste uma Alemanha acima de tudo; olha para o abismo sobre o qual ela está suspensa e onde vai cair ao som das maldições e dos gritos de terror.

“A força vence o direito”, tu o disseste... Sim, durante algum tempo, mas quando o malvado está no apogeu, Deus, o Deus do mundo, levanta a mão e lança o malvado no abismo.

A força vence o direito!, olha Chanceler, tu que preparaste a ruína de tua pátria com as próprias mãos.

Olha, olha mais, olha sempre, tu, o maldito, tu, Bismarck, o parricida, que matou nossa velha Alemanha, a Alemanha dos pensadores e dos sonhadores. olha com os teus olhos: o castigo começa!

Henri Heine

### Segunda Mensagem

Por que me chamaram e me fizeram vir até aqui, entre estes franceses que eu não amo? Eu segui um ideal político que vós criticais. Em primeiro lugar, vós, Heine, que sois um mau alemão e um renegado, não tendes direito de falar de uma nação, preferindo a França. Falo convosco sem retórica e sem cólera, como um homem de Estado, e vos digo que, se fosse possível viver novamente, recomençaria minha obra, só evitando alguns erros que cometi.

Minha política criou uma Alemanha farta de força material e de homens: não a renego.

Falais como poeta, porém um chefe de Estado não tem nervos, nem sensibilidade.

Só vedes a derrota, porém o velho Bismarck ainda não deu a sua última palavra e a Alemanha, que por toda parte pisou os seus inimigos, continua mantendo intacto o seu território.

Vós me falais de castigo, porém esperai, porque minha obra ainda não se desmoronou e só quando os russos, os ingleses e os franceses entrarem em Berlim, podereis falar do crepúsculo dos deuses.

O poder é necessário aos grandes Estados e o poderio alemão ainda não chegou ao fim.

A tarefa é rude, mas o velho Bismarck ainda está de pé, inspirando aqueles que têm o governo do Império.

A Alemanha não está no abismo e o castigo a que tu – pássaro agoureiro – te referes, também ainda não chegou. O velho Chanceler não está cansado e a máquina ainda funciona bem.

Infelizes dos nossos inimigos! As ruínas que fizemos nada são! Infelizes deles, se os aliados nos obrigarem a recuar! Não restará pedra sobre pedra em suas cidades, nenhum inimigo sairá vivo de nossas mãos.

O alemão saberá vingar-se e, se um dia for abatido, ele vos morderá tão cruelmente que deixará a marca indelével de seus dentes.

Aconteça o que acontecer, a Alemanha estará acima de tudo e, se cair, vos esmagará em sua queda e ficareis feridos mortalmente pelo peso do colosso.

Bismarck

## Terceira Mensagem

Oh! O homem criminoso que tornou a Alemanha desnaturada e a quem o Universo todo odeia continua agarrado em seu erro.

Por que Deus me deixou morrer tão cedo? Eu teria parado esse movimento que me apavorava e teria reconstruído uma Alemanha pacífica de verdade. Meu infeliz filho levou até o fim a obra de Bismarck e meu pobre país rumo para a perdição.

A cultura oferecida às novas gerações cegou-as completamente e cada alemão vive no sonho de seu orgulho, porém o despertar será fulminante e terrível, como terríveis serão as dilacerações interiores.

Que tristeza saber que há tantas desgraças iminentes sobre nosso país! Estou muito penalizado e muito grande é meu infortúnio vendo como um nobre povo se desonra desta maneira, entretanto é necessária esta terrível guerra para aperfeiçoar a raça alemã e preparar sua evolução.

Franceses, aguardai e considerai-vos felizes, apesar dos males que vosso país padece, porque não nascesteis alemães e pertenceis à nação mais generosa do mundo, que tem piedade até de seus criminosos inimigos.

Frederico III

## 2

A escrita automática é o recurso mais utilizado pelos grandes espíritos para nos darem seus ensinamentos e foi por meio das mensagens escritas que Kardec elaborou a Doutrina Espírita.

Tais mensagens são notórias por sua elevação e, embora obtidas em muitos pontos do mundo, pelos mais diversos médiuns, apresentam concordância perfeita quanto aos princípios fundamentais.

Seria impossível considerá-las como obra pessoal desses médiuns, porque as opiniões e a educação de cada um deles, na maior parte dos casos, estavam em antagonismo com as tendências manifestadas nas comunicações.

A revelação espírita está, portanto, acima das revelações precedentes, graças ao caráter de simultaneidade e universalidade que possui.

Todavia, ela não contradiz as anteriores, ela as completa, ampliando o campo de nossos conhecimentos sobre o mundo invisível, a natureza e o destino dos seres.

As discordâncias que, no princípio, apareciam entre os espíritos latinos e os anglo-saxônicos sobre a reencarnação e as vidas sucessivas, tendem a suavizar-se e desaparecer, pois os anglo-saxônicos estão empenhados, provavelmente por inspiração de espíritos superiores, no estudo de seu passado e na pesquisa de suas vidas anteriores.

Disso resulta que as crenças do Oriente e do Ocidente se aproximam e se juntam numa poderosa unidade para maior bem-estar e progresso do gênero humano. Pouco a pouco (lentamente, mas com segurança) a humanidade vai formando uma mesma alma, uma mesma consciência e uma mesma fé.

Citamos três mensagens que destacam, com clareza impressionante, o caráter de seus autores e, agora, eis uma outra comunicação, inédita, de ordem moral e sem assinatura. Por discrição, os espíritos superiores, exceto em casos de necessidade

absoluta, vacilam em se apresentar de outro modo que não seja com termos alegóricos ou disfarçando-se no véu do anonimato. Todavia, é fácil descobri-los pela elevação de seus pensamentos e profundidade de seus juízos, enquanto que os espíritos frívolos gostam de aparecer com nomes célebres, que não lhes pertencem, nas mais insignificantes mensagens.

A comunicação a seguir foi conseguida em 16 de julho de 1893, por Madame Hyver, já mencionada, a qual considero uma das melhores médiuns escreventes que existem. Eu a vi, na penumbra, escrevendo numerosas páginas que, uma vez terminadas, atirava para trás, com movimentos febris. Essas páginas, juntas e coordenadas, traziam mensagens notáveis, tanto pela forma como pela essência.

### **Mensagem sobre a Unidade de Crença**

A união mais perfeita que pode haver entre os homens é a união do pensamento, é a harmonia dos corações e das inteligências numa idéia comum. É isso, justamente, o que falta aos cultos atuais. Eles não possuem um vínculo comum que consiga fazer circular, no mesmo instante, por todos os fiéis, o mesmo sentimento, a mesma inspiração. São estranhos entre si, o sacerdote e os fiéis; sob a aparência da forma que se observa, o culto real é frio e morto. Os raros impulsos de fé individual se perdem na onda confusa da multidão, e a religião deixa de ser uma expressão dos sentimentos de um povo.

A diferença das inteligências, da educação e das condições sociais cria, entre os indivíduos, muros muitas vezes intransponíveis, mas que podem ser demolidos pela comunhão da fé e pelo mesmo ideal religioso.

Para cada povo é necessária uma religião que seja a linguagem comum de todos os indivíduos, porém esse ideal quase não é entendido pelas atuais religiões, que foram se desviando dele no decorrer dos tempos. Nenhuma é realmente popular. A religião nova que a humanidade deseja, simples como tudo quanto é belo, poderosa como tudo que é verdadeiro e grandiosa como tudo que é justo, deve atender às aspirações do espírito mais amplo e ser compreendida pelos mais humildes.

Juntamente com o grande movimento de massas que se vai estendendo por toda a Terra, em busca da igualdade social, é preciso que corresponda um movimento religioso; é isso o que falta às ações humanas que não são animadas pelo sopro de um ideal.

O povo se tornou indiferente a todos os cultos e para novamente trazê-lo ao sentimento religioso é preciso abandonar todos os dogmas em favor da essência da religião e só buscar, nas formas antigas, os pontos gerais que constituem transcrições de uma mesma página, universalmente escrita para todos os homens.

A religião deve atender não apenas à vida social e à vida moral, como antigamente, mas também à ciência; deve penetrar em todas as camadas sociais, corresponder a todos os ramos do conhecimento humano e dar uma base comum a todas as aspirações humanas e a todos os seus trabalhos.

A França, particularmente, retornará ao ideal religioso, mas só depois de grandes provações que lhe gelarão nos lábios o costumeiro sorriso incrédulo. Mais do que qualquer outro país, ela pode dar à idéia religiosa essa forma popular que lhe é tão necessária. Pela sua língua, pelo gênio de sua raça e pelo

poder profundo de assimilação que possuem os franceses, nossa pátria é uma nação privilegiada.

Por si mesma, a França é una e múltipla, pois cada província mostra um tipo particular de atividade humana e a raça inteira se encontra, apesar de tudo, poderosamente centralizada.

Colocado entre o norte e o sul, o francês escapa dos dois caracteres extremos, sendo, entre os outros povos, o tipo que os realiza a todos, sendo capaz de traduzir para todos o grande movimento das idéias.

Tal movimento está bem perto, porém, antes de sua realização, é necessário que aconteçam, na França e na Europa inteira, profundas crises sociais.

Essas revoluções, essas lutas dos povos, despertarão as faculdades superiores dos homens, fazendo nascer os grandes gestos de fraternidade e de caridade; as desgraças que as nações vierem a padecer irão reconduzi-las a Deus.

O papel da França será maravilhoso, porque ela estenderá seu poder moral sobre todas as nações, do Norte ao Sul, de Leste a Oeste, combatendo em favor da justiça.

Ela introduzirá a idéia religiosa na vida social e trabalhará pela modificação das condições de vida dos seres, através das conquistas do verdadeiro progresso, o qual deverá suavizar todos os sofrimentos, respeitar a vida e educar a inteligência.

Se ainda parece vago o papel que a França vai representar é porque ela se prepara inconscientemente para desempenhá-lo, e os progressos que ela realizou foram exatamente para se libertar do jugo religioso e ampliar os direitos e poderes de cada indivíduo.

Os danos causados por essa nova situação impedem que se veja claramente o grande passo dado para frente e o rompimento dos laços que prendiam a França a um passado morto. O materialismo que ora domina a França é anti-francês e antiariano. O francês é artista e idealista em tão elevado grau que não pode permanecer muito tempo numa rota que só lhe oferece o lado inferior da criação. Ele possui um fundo de bondade, de generosidade e de grandeza que as circunstâncias farão reaparecer.

A humanidade já chegou, no que se refere às raças civilizadas, ao ponto em que todas as verdades descobertas pelos homens acabam por convergir, formando um mesmo foco e iluminando toda a Terra. Cada nação será conclamada a participar desse grande trabalho, cada povo trará sua pedra para o templo da religião universal. Essa religião nova surgirá pela própria força das coisas, nascendo do povo movido por um grande ideal, manifestando-se por vozes inspiradas. Ela há de ser dirigida por almas nobres, estendendo sua influência pelo mundo inteiro.

Cada povo do passado e cada povo do presente nela aparecerão com o que tenham de mais puro e de mais belo, fundindo-se cada bíblia numa bíblia universal. Cada religião juntará sua luz ao novo sol, apagando-se tudo o que separou os homens que, então, compreenderão que não existem ritos, dogmas, nem livros; que a letra se apaga diante do espírito e que o espírito que sopra por sobre o mundo é o amor na sua dupla auréola de bondade e de inteligência.

(Sem assinatura)

## Outra Mensagem

(A mensagem seguinte foi obtida em 11 de abril de 1910, do espírito de um acadêmico, na Terra fervoroso católico, recém-falecido.)

Minha espera não foi decepcionante, porque a morte me confiou o segredo supremo que minha alma procurava, em vão, descobrir.

Acreditei sempre noutra vida que terminasse, com perfeição, a presente, mas não pensei encontrar esse esplendor radiante do espírito divino, que aclara com seus múltiplos raios a obscura inteligência humana permitindo-lhe contemplar a construção admirável do Universo e a harmonia sublime que coordena todas as suas partes.

Como é possível que tão refulgente revelação não se manifeste ao homem carnal para tirá-lo do limbo onde vegeta, em meio às brumas de seu pensamento e aos erros de seus sentidos? É que o êxtase talvez o prostrasse, retirando-lhe toda a vontade de ação. Talvez essas névoas acumuladas em nossa volta, esses erros de nossos sentidos sejam necessários ao progresso de nosso ser espiritual. Talvez o esforço seja a base desta vida universal, como indica seu anseio para esse infinito que buscamos, mesmo através das mais simples manifestações de nossa personalidade, ainda inconsciente.

Bem novo ainda na vida espiritual, consigo apenas usufruir do grandioso espetáculo que se desdobra aos meus olhos, sem conseguir aprofundar as causas secretas que transformam a humanidade terrena numa humanidade enclausurada, que vive na masmorra da matéria, enquanto que a humanidade celeste alça suas asas de arcanjo nas imensidades siderais onde todas as forças do Universo se manifestam em seu conjunto maravilhoso, em seus efeitos tão diversos, porém tão harmoniosos.

Os sonhos dos poetas, as visões dos místicos, as criações do gênio, as comprovações e demonstrações da Ciência, as realizações mais perfeitas da arte são apenas ecos muito débeis e percepções pequeninas que os homens, com melhores dotes, captam como em um relâmpago quando a matéria, dominada por poucos instantes, permite que a alma possa entrever alguns pálidos reflexos do mundo divino.

Como é doce a morte para quem confiou nela e a esperou, não como o fim de todas as coisas, porém como o prelúdio de uma ressurreição fulgurante!

Feliz aquele que, como eu, fechou as pálpebras sob a obscuridade de um mundo que apenas se esboça, tornando-as a abrir ante a glória de um mundo aperfeiçoado.

Nenhum ente vivo pode avaliar a alegria ardente que invade o recém-eleito; é a alma liberta que alça seu vôo na certeza e na vida, após ter errado na dúvida e na morte durante tanto tempo.

Ressurreição! Ressurreição! Glória ao Senhor! O homem, como Jesus, ressuscitou dos mortos para penetrar na cidade dos eleitos.

(Sem assinatura)

A inspiração de que certos escritores gozam pode ser considerada, em muitos casos, como já demonstramos,<sup>22</sup> como uma das formas da mediunidade, porque, quando uma onda de pensamentos nos invade e temos dificuldade de fixá-los no papel, podemos crer na manifestação do *eu* subliminal ou, mais freqüentemente, em uma ação exercida pelo mundo invisível, que nos envolve e penetra com seus pensamentos.

O pensamento é uma força cujas vibrações se alastram como, na superfície da água, os círculos produzidos pela queda de um corpo. Em extensão e potência, as vibrações do pensamento variam conforme a causa que as produz. Os pensamentos das almas superiores alcançam incalculáveis distâncias; o pensamento de Deus anima e enche o Universo.

O pensamento exterior nos domina, não nos obedece. Assim que a alma humana se desapega das preocupações habituais e se eleva, começa a sentir as correntes de vibração que, aos milhares, se entrecruzam e percorrem o espaço. O médium sofre seus efeitos mais do que os outros.

O pensamento superior se estende sobre todos, porém nem todos o sentem nem o manifestam da mesma forma; da mesma maneira como uma máquina obedece à corrente elétrica que a aciona, também o médium obedece a uma corrente de pensamentos que o invade.

O pensamento do espírito atuante é uno quanto à sua emissão, porém variável em suas manifestações, conforme a maior ou menor perfeição dos instrumentos que emprega.

Como já foi visto, cada médium marca com o selo da sua personalidade o pensamento que lhe vem de mais alto. Quanto mais desenvolvida e espiritualizada se acha a criatura, tanto mais se reprimem nela a matéria e os instintos e com maior pureza e fidelidade será transmitido o pensamento superior. O essencial, durante as reuniões, é a passividade e o abandono momentâneo da faculdade de pensar.

O Espiritismo tem por finalidade familiarizar-nos com esse mundo pouco conhecido, com essas aptidões da alma que, quando está purificada e se desprende dos ambientes grosseiros, pode reproduzir os ecos, as vozes e as harmonias dos mundos superiores, tornando-se fonte de inspiração, de socorro e de luz por onde o influxo exterior desce até nós para nos retemperar e nos robustecer.

O fundamental, para abrir essa fonte interior, promover essa comunhão e torná-la permanente é nos libertarmos, o quanto possível, das sugestões da matéria, de suas violentas paixões, eliminando em nós os ruídos do mundo.

É, principalmente, reprimindo tudo o que venha do *eu* egoísta que facilitamos a penetração das influências superiores. Quanto mais recusarmos as manifestações inferiores da personalidade, mais desenvolveremos os poderes e as faculdades inatas que fazem a nossa comunicação com os mundos celestes.

Encaminhemos, portanto, todos os nossos pensamentos e atos para um fim elevado, e isso é possível mesmo nas condições sociais mais humildes e em meio às ocupações mais vulgares.

Recorramos, pela oração espontânea, por essa manifestação do pensamento que não é uma repetição mecânica de palavras, porém um grito do coração, a essa inspiração, a esse influxo do Alto que irá se avolumando, de tal maneira que a comunicação com o que existe de grande e elevado no invisível tornar-se-á familiar e constante para nós.

Seremos, assim, intermediários e agentes do pensamento superior. Dessa forma teremos tal força e tal apoio que, de agora em diante, não teremos mais desânimo, vacilação nem fraqueza e nos sentiremos envolvidos por essa confiança e essa serenidade que a posse dos bens imorredouros do espírito nos garante.

## XXIV A Experimentação Espírita: Tiptologia

Quando tudo está em repouso e nas moradas dos homens reina o silêncio, um mundo de mistérios se agita ao redor de nós. Ouvem-se suaves ruídos, como coisas que se tocam levemente; passos furtivos parecem deslizar no assoalho; nas paredes e nos móveis soam pancadas; as cadeiras estalam como ao peso de um corpo invisível. Durante o dia é a vida dos homens que se desenvolve; à noite, de preferência, é a dos espíritos, porque as radiações da luz solar não lhes embaraçará as manifestações.

Tais impressões e percepções renovam-se para mim em cada anoitecer, no momento em que a tranqüilidade e a escuridão se sucedem aos rumores e à luz do dia.

Aí, as almas queridas, as quais nossas preocupações mantinham afastadas, aproximam-se de nós e marcam sua presença, cada uma a seu modo. Reconheço-as e as distingo facilmente. Ora é um espírito de caráter enérgico, que produz fortes pancadas na janela, ora outro faz ouvir, sempre no mesmo lugar, pancadas bem mais fracas, revelando sua natureza tímida e feminina.

Durante muito tempo, depois da morte de meu pai, percebi, no aposento onde me achava, ruídos de passos iguais aos de um homem. Outro espírito se esforça em me fazer ver luzes, às vezes bem vivas e intensas, e até uma forma confusa, fracamente esboçada; luzes e forma que não posso atribuir a alucinações visuais, porque também se refletem no espelho.

O hábito que adquiri de ler com os dedos, no escuro, pelo método Braille, facilita a produção de tais fenômenos.

Semelhantes fatos não são raros e acontecem em todas as casas onde haja condições psíquicas favoráveis, porém a maioria dos homens não lhes dá nenhuma atenção, sendo quase sempre perdidos os esforços dos espíritos nesse sentido.

Entretanto, de tempos em tempos, aparecem retumbantes afirmações a esse respeito que sacodem a indiferença geral. O senhor Louis Barthau, da Academia Francesa, após consultar os cadernos inéditos de Victor Hugo, escreve na *Revue des Deux Mondes*.<sup>23</sup>

Tendo vindo passar dez dias em Jersey, a senhora Girardin adotou o uso das mesas girantes e falantes. Victor Hugo foi o último a aceitá-lo, porém, desde que aderiu, os espíritos não mais o largaram, exercendo sobre ele uma influência cujos vestígios se mostram em vários fragmentos das *Contemplações*:

*Est-ce toi que chez moi minuit parfois apporte?  
Est-ce toi qui heurtais l'autre nuit à ma porte?  
Pendant que je ne dormais pas?*

*C'est donc vers moi que vient lentement ta lumière?  
La pierre de mon seuil peut-être est la première  
Des sombres marches tu trépas.*

Escrita para Marine Terrace, na noite de 30 de março de 1854, essa poesia mística prolongava seu eco na nota que Victor Hugo lançava em seu caderno, em 24 de outubro de 1873:

“Nessa noite eu não estava dormindo. Eram quase três horas da madrugada. Um golpe seco e fortíssimo soou ao pé de minha cama, perto da porta do meu

quarto, e pensei em minha filha morta, e disse para mim: “És tu?” Depois, pensei na conspiração bonapartista que se comenta, em um novo dois de dezembro possível e me perguntei: “Será um aviso?” Acrescentei mentalmente: “Se és tu, que estás aí e vens avisar-me por causa dessa conspiração, dá duas pancadas.” Esperei mais ou menos meia hora, a noite era profunda, reinando completo silêncio na casa e, de repente, dois golpes foram ouvidos junto à porta: eram, desta vez, surdos, porém distintos e bem claros.”

Louis Barthau continua seu relato dizendo que, em 21 de novembro de 1871, Victor Hugo escrevia:

“Essa noite acordei escutando bem perto de mim pancadas em minha cabeça. Eram pancadas lentas e regulares, duraram um quarto de hora. Eu escutava e a coisa não parava. Orei e as pancadas pararam. Então eu disse: “Se és tu, minha filha, ou tu, meu filho, dá duas pancadas.” Depois de dez minutos, aproximadamente, duas pancadas se ouviram, junto à parede, no pé da cama, e eu falei, sempre mentalmente: “É um conselho que me vens trazer? Devo sair de Paris? Devo ficar? Se devo ficar, dá uma pancada e se devo partir, três pancadas.”

Escutei. Silêncio. Nenhuma resposta. Então tornei a dormir. O fenômeno durou cerca de uma hora.

22 de novembro – Essa noite, ouvi três pancadas, seriam a resposta da pergunta de ontem? Sendo tão tardia, pareceu-me pouco clara.”

Por diversas vezes o caderno menciona os mesmos golpes noturnos, ora obstinados, surdos e até mesmo metálicos; ora leves, comovendo o poeta, que continua acreditando na possibilidade de um pronunciamento bonapartista e seus amigos lhe afirmam que ele será a sua primeira vítima.

Ainda se lê, na página 757:

“Nessa noite, por volta das duas horas, ouvi uma pancada em minha porta, fortíssima e de tal forma prolongada que a abri; não havia ninguém, mas, evidentemente, havia alguém. *Credo in deum aeternum et in animam immortalem.*”

Victor Hugo se admirava da lentidão usada pelos moradores do Além para responder às suas perguntas. Ele ignorava, sem dúvida, que nem todos os espíritos possuem igualmente a habilidade e os necessários recursos para produzir ruídos, pancadas, levantar mesas e produzir fenômenos.

A natureza psíquica dos participantes, sua riqueza ou pobreza fluídica concorrem bastante para a variedade dos resultados, porque é neles que os espíritos haurem, quase sempre, os elementos para suas manifestações.

Enquanto o ambulante de Hydesville – e isso serviu de ponto de partida para o espiritualismo moderno – falava com as senhoritas Fox por meio de *raps*<sup>24</sup> de uma forma rápida e constante, a maioria dos espíritos se vê na necessidade de condensar fluidos, pelo pensamento e pela vontade, para projetá-los contra as paredes, móveis, portas, obtendo assim ressonâncias e vibrações. Esse trabalho exige, às vezes, horas e até dias inteiros e, provavelmente, foi este o caso dos visitantes da casa do grande poeta.

\*

O conjunto dos fenômenos psíquicos é comprovado por testemunhos incontestáveis: o professor Flournoy, da Universidade de Genebra, escreveu sobre o relatório do Instituto Geral Psicológico, assinado por nomes ilustres como Curie, Bergson, d'Arsonval, Branly, Ed. Perrier, Boutroux, etc., o seguinte:

“O relatório do Instituto Geral Psicológico é esmagador e sou de parecer que representa um testemunho brilhante e decisivo, tanto quanto pode haver alguma coisa decisiva na Ciência.”

Entre os fenômenos deve-se colocar em primeiro lugar o das mesas e o eminente astrônomo Camille Flammarion declarou:

“A levitação da mesa, sua suspensão completa do chão, sob a ação de uma força desconhecida, contrária à gravidade, é fato que não se pode mais contestar com razão.”

Essa “força desconhecida” – diremos nós – é posta em ação pelos espíritos e a prova disso tem sido obtida tantas vezes que poderíamos vacilar na escolha diante dos numerosos casos existentes. Aqui está um que parece responder às exigências da crítica mais rigorosa, não podendo explicar-se pela sugestão, transmissão do pensamento, nem pelo automatismo inconsciente ou subliminal, porque nenhuma das pessoas presentes acreditava na morte do manifestante.

A narrativa vem do senhor A. Rossignon, então secretário da Inspeção Acadêmica de Rouen, fato que ele publicou no *Farol de Normandia*, do mês de maio de 1898. Atualmente Rossignon mora em Tours e devemos a ele a seguinte narrativa:

“A sessão se realizava à noite, em Rouen, na casa de um membro do grupo Vauvenargues, o Sr. Justobre, inspetor dos impostos.

Faziam parte da reunião os Srs. Pelvé, tesoureiro, Ernest Rossignon, secretário do Liceu Corneille, Albert de Baucie, estudante de farmácia; a senhora Bernard, médium principal; as senhoras Justobre, Pelvé, Rossignon, etc., ao todo dez pessoas de inteira respeitabilidade, reunidas em volta de uma pesada mesa redonda.

Após a evocação, um espírito manifesta sua presença com violentos movimentos na mesa que se dirige para o senhor A. Rossignon, levanta-se diante dele e depois retorna à sua posição normal.

Depois interrogam o visitante invisível, perguntando se há laços de parentesco ou de amizade com algum dos assistentes. A mesa responde afirmativamente e dita, pelo processo alfabético, ser o pai do Sr. A. Rossignon e ter morrido na véspera, quarta-feira, 20 de abril, indicando até a hora: meio dia.”

O Sr. Rossignon explica que o seu pai é muito idoso e que uma distância de mais de 300 quilômetros os separa. Sabia que estava doente, mas não em perigo de vida. “Além disso – acrescenta –, se fosse verdade que meu pai houvesse morrido, a família me informaria e eu não recebi nenhuma notícia.” Assim, todos opinaram dizendo que se tratava de um embuste.

Não foi demorada a espera: no dia seguinte, pelo correio do meio-dia, o Sr. Rossignon recebia de sua família uma carta que o informava da morte de seu pai, ocorrida no dia e hora indicados por este.

Por não haver uma agência de correio na localidade, houve um atraso na remessa da carta e disso puderam certificar-se nossos amigos do grupo pelo exame dos carimbos de expedição e de chegada. Atestaram então a verdade do fato ocorrido e a carta ficou anexa à ata que se lavrou.

Todavia contestarão, como é que um espírito, liberto do corpo carnal havia tão pouco tempo, já podia comunicar-se e dar tamanha precisão às suas respostas?

Interrogado sobre esse assunto, numa outra sessão, disse-nos o guia do grupo:

“Eu próprio havia trazido para os senhores o novo desencarnado e eu era seu intermediário na manifestação entre os senhores e ele.”

Tudo se explicava, pela facilidade com que, em certos velhos, o espírito pode desprender-se de seus laços, em decorrência de longa decrepitude, cujo resultado é favorecer, aos poucos, o desprendimento do perispírito.

\*

A comunicação por pancadas, dadas pelos pés de uma mesa, indicando as letras do alfabeto, é considerada, em geral, como um recurso muito lento, monótono, rudimentar, empregado principalmente por espíritos de ordem inferior.

É verdade que, para conversar com os espíritos, se dispusermos de um bom médium escrevente mecânico ou, ainda melhor, de um médium de incorporação, como tive um por mais de 20 anos, acharemos o uso das mesas incômodo e cansativo, porém, na falta de outros recursos, as entidades de alto valor não vacilam em recorrer a tal processo.

Foi assim que meu venerável guia, Jerônimo de Praga, se revelou pela primeira vez, no curso de minha vida, no meio de um grupo de operários, num arrabalde de Mans, em 2 de novembro de 1882, dia de Finados.

Por certo, nenhum dos outros assistentes conhecia a história do apóstolo tcheco, mas eu bem sabia que o discípulo de Jan Hus fora queimado vivo, como também o seu mestre, no século XV, por ordem do Concílio de Constança, porém não pensava nisso naquele momento.

Ainda torno a ver, pelo pensamento, a humilde estância onde realizávamos a sessão; éramos uns dez, ao redor de uma mesa de quatro pés, sem que nela se tocasse, e somente dois operários, médiuns mecânicos, e uma mulher apoiavam nela suas mãos rudes e escuras.

Eis o que foi ditado pelo móvel, por movimentos solenes e ritmados:

“Deus é bom! Sua bênção se espalhe sobre vós como o orvalho benéfico, porque as consolações celestes só são distribuídas aos que procuraram a justiça.

Lutei na arena terrestre, mas a luta era desigual e sucumbi, porém de minhas cinzas surgiram corajosos defensores que marcharam pela mesma estrada que eu. Todos eles são meus filhos bem-amados.”

Jerônimo de Praga

\*

O uso da prancheta americana deve ser considerado como um aperfeiçoamento do sistema de comunicação pela mesa. Ela consiste numa placa de madeira triangular, colocada sobre três bolas envolvidas com feltro e que deslizam em silêncio sobre um

quadrante onde estão traçadas as letras do alfabeto em um semicírculo. Exige apenas uma quantidade mínima de força fluídica, fornecida por dois médiuns, que apóiam as pontas dos dedos nesse pequeno veículo que adquire, em alguns casos, muita velocidade. Tal sistema é cada vez mais usado nos grupos e nas famílias que se ocupam com o psiquismo experimental.

A senhora Ella Whesley Wilcox, autora de renome nos Estados Unidos por suas obras poéticas e literárias, tradutora do meu livro *O Problema do Ser e do Destino*, obtém, pela prancheta, freqüentes mensagens do seu defunto marido Roberto Wilcox, que se constituiu seu guia, protegendo-a e aconselhando-a na viagem de conferências que ela realizou na Europa, em benefício dos soldados americanos.

A senhora Wilcox me escreveu de Londres, em 7 de novembro de 1918, para mostrar-me uma prova de identificação que me julgo no dever de guardar e publicar:

“Ontem, dia de meu aniversário natalício, recebia por intermédio da *Oui-jà* (nome dado à prancheta), a primeira mensagem de meu marido, em Londres. A sessão começara pela escrita automática e vários espíritos se haviam comunicado. A senhorita Monteith, médium escrevente e audiente, estava perto de mim e de outra senhora ocupada no *Oui-jà*.

Subitamente ela ouviu a palavra “aurora” e começou a desenhar o despontar do Sol no mar e, sem ser artista, fez um quadro muito bonito, coisa de que pediu explicação. Respondi-lhe:

– Em nossa casa, à beira-mar, meu marido e eu sempre nos levantávamos bem cedo para ver a aurora despontar sobre o oceano. Para nós era uma hora sagrada e muitas vezes meu marido dizia: “Creio que minha alma, se eu morrer primeiro, voltará do céu a ti, no alvorecer”.

Esse fato me foi muito agradável e eu tinha certeza da presença do meu marido.

Em setembro passado, encontrando-me em Tours, muitas vezes ele me predisse, pela prancheta, que aqui em Londres eu encontraria Sir Oliver Lodge e outros psicólogos eminentes e que eu seria convidada a falar sobre fatos espíritos.

Faz um mês que estou em Londres, falei duas vezes nos salões públicos e três vezes nos salões da alta sociedade. Deverei encontrar Sir Oliver Lodge em 18 de novembro, e também Lady Barret e a senhora Leonard, a médium pela qual Sir Oliver Lodge tornou a encontrar seu filho Raymond, morto pelo inimigo.”

Poderíamos multiplicar as citações desse gênero, porém nos limitaremos a dizer que a impressão produzida no leitor pelas secas e frias narrativas não se compara com a impressão que as pessoas sentem quando assistem às reuniões.

A rapidez dos ditados, a inconsciência completa dos médiuns, a interferência clara de outras inteligências, que não são as dos experimentadores, enfim, mil pormenores psicológicos que são outros tantos elementos de convicção, enquanto que a simples leitura desses mesmos fatos os faz perder, forçosamente, seu valor para todos aqueles que desconhecem o ambiente das reuniões.

## XXV

### A Experimentação Espírita: Provas de Identidade

Já afirmamos que as provas da existência e da manifestação dos espíritos são abundantes e formam um todo que se impõe de tal forma que todas as dúvidas e vacilações desaparecem após um estudo sério e profundo. É o caso dos sábios notáveis que se preocuparam com os problemas psíquicos. Eles iniciavam seu exame com disposições hostis, possuídos pela idéia de que ali havia erro ou fraude, mas, após perseverantes investigações, chegaram a afirmar, de modo formal, a realidade dos fenômenos.

Não há dúvida de que souberam determinar a parte referente à fraude e à impostura, inevitáveis em qualquer meio humano, porém estabeleceram que grande quantidade de fatos foge a qualquer possibilidade de falsificação. Por exemplo, as moldagens de mãos e pés materializados, feitas com parafina fervente, e que, depois de resfriada, deixava os experimentadores de posse de objetos que servem de testemunhos da presença e da passagem de seres invisíveis.

Foi por essa razão que Flammarion escreveu:

“Comumente se fala de fraudes, porém existem as impossíveis, do ponto de vista material, por exemplo, os moldes de mãos. Até hoje, ninguém conseguiu imitar nem explicar essas impressões ou moldagens em parafina, nas quais não aparece nenhum vestígio de solda. Outro exemplo é o de certas fotografias que são o desespero dos fotógrafos... Além disso, de todos os fenômenos psíquicos, que confundem e embarçam, existe um apenas que se tenha, seriamente, conseguido imitar?”

Os fenômenos de moldagens precisam de algumas explicações. Em todos esses casos a parafina é derretida em certa quantidade de água fervente. Os espíritos mergulham as mãos nessa parafina e, em seguida, as introduzem em um vaso de água fria, onde os moldes ficam flutuando.

Sendo a abertura do pulso de menor diâmetro do que o resto da mão, foi preciso, portanto, que a mão se dissolvesse fluidicamente para deixar o molde intacto; não haveria mão humana que se pudesse desprender do molde sem quebrá-lo. Também foram obtidos moldes de pés e tais fatos não podem ser compreensíveis sem a ação de seres invisíveis.

O professor Denton conseguiu obter, na América, fenômenos desse tipo dentro de uma gaiola fechada a chave. Destaca-se, entre outros casos, o de duas mãos, uma segura na outra e completas até aos punhos. Nenhuma intervenção humana poderia ter conseguido tal resultado.

No Congresso Espiritualista Internacional de Paris, em 1900, do qual fui presidente, foi organizado um museu espírita, onde se viam moldagens de mãos de todos os tamanhos, algumas enormes e outras pequenas como de crianças e que nenhuma semelhança apresentavam, garantiam os expositores, com as mãos dos médiuns ou as dos assistentes das sessões onde os fenômenos foram obtidos.

Em todos os fatos de natureza psíquica vale buscarmos, antes de tudo, as provas de identidade, isto é, as particularidades e pormenores verificáveis e pelos quais se revelam o caráter e a verdadeira natureza dos seres que tomam parte nas manifestações.

A esse propósito, convém destacar-se a vidência e a incorporação no transe ou sono magnético. Neste último caso o médium pronuncia palavras e até discursos de que não tem consciência e que, ao despertar, não lhe deixam nenhuma lembrança na memória. À medida que o transe se torna mais profundo, verifica-se que uma estranha personalidade substitui a do médium, produzindo-se uma espécie de transfiguração.

Por sua atitude, gestos e linguagem, o médium representa a maneira de pensar e agir de uma individualidade cuja existência geralmente ignora, mas que os assistentes reconhecem como um dos seus parentes ou amigos mortos.

Então se travam as conversações; as respostas do espírito às perguntas feitas, as referências, as recordações, os traços comuns de sua existência anterior, que viveu junto com as pessoas presentes, constituem por si só outros tantos elementos de certeza quanto à identidade do morto.

Nessa série de fatos, o mais notável nos parece ser o do professor Hyslop, da Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque.

Por intermédio da célebre médium Sra. Piper, fez 200 perguntas ao espírito de seu pai sobre pequenos detalhes de sua vida de família, antes do seu nascimento. Para verificar a exatidão das respostas foi necessário fazer uma viagem de muitas semanas através de vários Estados por onde se achavam espalhados os membros da família Hyslop. Das 200 perguntas reconheceram 152 respostas como certas e as demais duvidosas, por falta de verificação.

Em outro livro narramos 20 casos escolhidos entre os mais comprováveis e aqui estão outros, mais recentes, cujo interesse não é menor porque se referem à Grande Guerra e se classificam entre os fenômenos de visão e de audição.

O primeiro é tirado dos *Annales des Sciences Psychiques*, número 1, p. 44, de 1918.

A revista inglesa *London* publicou, em seu número de outubro de 1917, a narração de Richard Wilkinson, que a redação afirma ser um agente de negócios bem conhecido em Londres e que antes era muito céptico em relação a qualquer fenômeno supranormal.

O desejo de Wilkinson, publicando tal artigo, foi apresentar fatos que o confortaram em sua dor e podem consolar igualmente milhares de outras pessoas.

“Meu filho foi mortalmente ferido quando se achava à frente de seus homens, no combate de Beaumont-Hamel, e poucos dias depois morreu, aos 19 anos de idade, em novembro de 1916. Eu e minha mulher pudemos assistir seus últimos momentos, em um hospital da França. Ele era nosso único filho e o sentimento que o ligava a nós era de franca camaradagem e afeição filial.

Assim que voltamos para a Inglaterra, uma amiga de minha mulher, penalizada com sua situação, remeteu-lhe o livro de Sir Oliver Lodge, *Raymond*. Eu tinha prevenções contra tais investigações e pedi à minha mulher que não o lesse, mas vendo que isto a contrariava muito, não insisti, declarando energicamente que não me queria envolver com tamanho absurdo.

Ela se impressionou de tal modo com a leitura, que recorreu a todos os argumentos possíveis para combater o meu preconceito e fazer-me ler aquela

obra. Acabei por ceder, mas essa leitura não foi suficiente para me convencer, embora eu admirasse a beleza da doutrina e reconhecesse minha insensatez por tê-la condenado antecipadamente.

Minha mulher escreveu a Sir Lodge para se aconselhar. Ele não nos conhecia, porém a afinidade de nosso infortúnio comum levou-o a nos apresentar uma amiga que organizou para nós uma sessão com o médium Vout Peters.

Na primeira tentativa disseram-nos que nosso filho, ao passar para o Além, tinha sido recebido por João, Isabel, Guilherme e Eduardo.

Desses nomes, os três primeiros eram os de meu pai, minha mãe e de meu irmão, há muito tempo falecidos, porém o de Eduardo me era desconhecido. Impressionado com a exatidão dos três primeiros nomes, escrevi ao meu irmão mais velho perguntando sobre um irmãozinho que eu sabia ter morrido antes do meu nascimento e ele me respondeu que essa criança, de nome Eduardo, morrera com 12 semanas de idade.

Naquela mesma sessão, meu filho, sabendo de minha incredulidade, declarou que desejava vivamente provar-me a sua presença e se referiu a um acontecimento íntimo, apenas sabido por mim e minha mulher. Era uma coisa tão secreta que não posso narrá-la aqui.

Outro fato: embora o nome do meu filho não fosse Roger, ele assim era chamado, menos por sua mãe que só o chamava Poger.

O médium começou a soletrar um nome, “Ro...” e nos afirmou, sem poder dar as letras seguintes, que a última era “R”.

Respondi: “É o nome de meu filho; queres dizer Roger” e o médium respondeu: “O rapaz diz que não devo dizer Roger, porém Poger”.

Deslumbrado com esses fenômenos, eu quis ir mais adiante e fomos a outro médium: a senhora Osborne Léonard.

Evitamos dizer-lhe quem éramos e o objetivo de nossa visita.

A primeira coisa que ela nos disse foi uma descrição exata e minuciosa de nosso filho e bem assim o nome de Poger, acrescentando que Isabel, João e Guilherme ali se encontravam e lhe davam proteção.

Por outro lado, minha mulher estava preocupada com o fato de não encontrar as cartas que enviara ao filho, entre as roupas, papéis e outros objetos de uso dele, porém não me dissera qualquer palavra a esse respeito.

O médium afirmou que Roger lhe mostrava um saquinho com fecho, que estava entre os tais objetos, e que não fora visto na busca. “Nele – falou a senhora Léonard – sua mãe encontrará as cartas que está procurando”. Quando regresamos à casa, verificamos que a afirmativa era certa.

Na mesma reunião, o médium estendeu a mão e nos mostrou um objeto parecido com um pedaço de moeda, cuja natureza real ele ignorava. Minha esposa sugeriu que podia ser um botão militar de cobre que havia sido transformado em uma medalha, mas o médium insistiu, afirmando que acharíamos, entre os pertences de nosso filho, um objeto de bronze.

Roger queria que se fizesse nele um orifício para que sua mãe pudesse levá-lo consigo como lembrança. Realmente, achamos em casa, numa caixinha, uma moeda de um *penny*, encurvada por uma bala que a atingira.

Algum tempo depois minha senhora viu perto dela, em Brighthon, o nosso filho e nada a convenceu que se tratasse de uma auto-sugestão ou de uma alucinação. Retornando a Londres ela, a princípio, não falou disso a ninguém, porém a médium Annie Brittain logo lhe declarou: “Seu filho lhe deseja falar que foi exatamente ele que a senhora viu; não foi sonho, permitiram que o véu por um instante se levantasse”.

Nessa reunião a Sra. Brittain disse-nos coisas maravilhosas. Médium nenhum jamais chamara minha mulher pelo nome que nosso filho lhe dava. Ela se alegrou quando ele lhe disse: “Até mais ver, meu anjo!”, nome com que se alegria chamá-la.

Se alguém, há apenas um ano, afirmasse que eu viria dizer e escrever semelhantes coisas, responderia que era impossível.”

\*

O senhor H. Méron, cônsul geral da França em São Francisco, atualmente em Thonon (Haute-Savoie) e cujo filho, um jovem oficial, teve, na última guerra, uma morte gloriosa, escreveu na *Revue Spirite*, de outubro de 1917, os seguintes dados sobre manifestações que obteve por meio de uma faculdade que o filho morto descobriu e desenvolveu nele.

“No estado de vigília, na escuridão da noite, vejo de olhos fechados ou abertos, formarem-se diante de mim, com claridade e intensidade iguais, letras fluídicas de variadas cores. Essas letras se alinham e formam mensagens assinadas pelos espíritos que as produzem.

Essa mediunidade vidente me foi revelada por mensagens de nosso filho, cerca de quatro meses depois de sua morte, em outubro de 1916.

Ele sempre assina sua mensagem, tal como escrevia em suas cartas rápidas que nos mandava da linha de combate, e com seu número de matrícula no regimento a que pertencia.

Todas as manhãs, com raras exceções, recebo uma mensagem, geralmente acompanhada de flores, principalmente de uma que tanto ele como nós admiramos: a papoula amarela, chamada “copa de ouro” da Califórnia. Durante o dia, também recebo mensagens que são precedidas por uma pancada no ar e que minha companheira também ouve distintamente. Fecho os olhos e, após a assinatura e o número de matrícula, que nunca faltam, leio a mensagem. Às vezes, minha mulher dirige, em voz alta, a palavra ao filho e logo obtenho a resposta, escrita em letras fluídicas, no fundo escuro criado ao se fechar os olhos.

Tive muitas outras visões, em várias ocasiões, de pessoas no momento da morte ou até de pessoas vivas. Algumas dessas visões só se explicariam por aquilo que nossos adversários costumam chamar de alucinações. Realmente vi tais aparições em épocas ou com trajes que minha imaginação não poderia produzir. Assim, uma jovem com quem falei apenas uma vez, seis meses antes que ela falecesse, e cuja morte deixou sua mãe inconsolável, apareceu-me três vezes: uma, na hora da morte (que eu ignorava), ela se mostrou como eu a havia conhecido, isto é, alegre, viva e risonha. De outra vez apareceu tal como se achava representada num retrato, que só vim a conhecer dois ou três meses após a aparição; nele ela estava penteada de modo especial e vestia-se de forma diferente do normal. A terceira vez, apareceu-me toda de branco.

Sem dúvida foi nosso filho que provocou essas visões para o nosso bem, a fim de que, sem temor, pudéssemos declarar nossa profunda fé, o que fazemos abertamente, pois consideramos isso nosso dever absoluto.

Não vacilamos em proclamar abertamente que nossa crença tem sido para nós um manancial de consolações.”

Pode ser que se colecionem muitos fatos desse tipo relativos à guerra. As provas da sobrevivência da alma, após a morte, aumentam diariamente e já constituem um respeitável conjunto; os casos de identidade se multiplicam, abrangendo todas as espécies de fenômenos em sua enorme variedade.

Realmente, os mortos nos campos de batalha, nos hospitais, nas ambulâncias, enfim todas as vítimas desses acontecimentos espantosos, só desejam revelar sua presença para aqueles a quem amaram na Terra, proporcionando-lhes consolações. Podemos esperar que isso aconteça logo que se tenha passado o período de perturbação que se segue às mortes repentinas ou violentas, para o qual eles haverão de empregar todos os recursos a seu alcance.

Dos malefícios ocasionados pela guerra surgirá a certeza de que a vida existe em dois aspectos, mas não termina com a morte corpórea. Um raio de luz, atravessando as nuvens negras, aclarará o caminho da humanidade, até agora incerto e obscuro.

**XXVI**  
**A Alma e os Mundos:**  
**A Vida Infinita**

Leitores, no decorrer destas páginas, seguistes o curso do meu pensamento e nelas encontrastes, por certo, alguma coisa de vossas impressões e emoções, como um reflexo de vossa própria imagem; isso fez com que tomásseis interesse por elas.

Antes de encerrar este livro, eu vos convido a abandonar, por um instante, nossas preocupações comuns, as tristes lembranças de quatro anos trágicos que acabam de passar, para que elevemos nossos olhos para essa infinita natureza que sempre foi para mim uma consolação poderosa.

Muitas vezes, na insônia ou na angústia, eu me levanto, no meio das noites claras, para contemplar o desfile majestoso dos astros, esses mundos luminosos que me falam a mais eloqüente das linguagens; que me falam da sabedoria e do poder do Criador.

Sua visão me consola dos horrores da Terra, desta pobre Terra ensangüentada pela guerra, coberta de ruínas e banhada por tantas lágrimas.

Da profundidade do espaço, aqueles mundos me atraem, me chamam, como que me fazendo sinais inteligíveis.

Se meus olhos se apagarem, se minha cegueira ficar completa, será para mim uma cruel privação não poder mais contemplar esses maravilhosos diamantes celestes.

Nesse momento em que a Terra enlutada chora seus filhos mortos, parece que os céus estão em festa. Será para receber os que nos deixaram momentaneamente?

No zênite, brilha Júpiter com todo esplendor, tomado do Sol. A majestosa Órion se inclina para o ocidente. Reconhecemos Sírius por sua luz branca e pura, mas aqui e além, por toda parte resplandecem outros focos: Rigel, Prócion, Aldebaran, etc.

Brevemente aparecerão a rica constelação do Leão, Vega e a gigante Arcturo, semelhante a oito mil sóis como o que nos ilumina.

A Via Láctea desdobra sobre nossas cabeças sua imensa faixa polvilhada de sóis, que a distância mal deixa entrever. O cortejo dos astros continuará, sem termo e sem fim... As irradiações e vibrações de todos esses mundos se cruzam na imensidão.

A alma sensível fica deslumbrada, sentindo os eflúvios de amor e as palpitações da vida universal. Tem a sensação do intercâmbio que se opera entre o Espaço e a Terra, quando os pensamentos e as preces sobem e as forças e as inspirações nos envolvem.

Quantas indagações esse espetáculo nos desperta na alma!

Para onde irão todos esses astros na sua rápida caminhada, por exemplo, a estrela número 1830 do catálogo de Groombridge que, proveniente de um sistema desconhecido, se desloca a 300 quilômetros por segundo, atravessando nosso Universo qual um enorme bólido?

E esses cometas vagabundos, estranhos mensageiros que marcham errantes de sistema em sistema, qual terá sido sua origem e qual seu papel no cosmo? Além disso, as incontáveis nebulosas, espalhadas no espaço como berços de futuros universos, origens de mundos ou formigueiros de sóis, e que encontramos profusamente semeados até nos espaços infinitos!

Tais abismos de mistério e silêncio, de sombra e luz, por muito tempo foram objeto de espanto e terror para o homem e era com hesitação, quase com medo, que seu pensamento tentava sondar-lhes as profundezas.

Agora, graças à revelação dos espíritos, essa imensidade, muda e melancólica na aparência, se anima e vibra. Todos esses mundos e os espaços que os separam estão povoados por legiões de almas, humanas ou etéreas. Constituem as nossas futuras moradas, estações de nossa longa peregrinação, os degraus da escada de progresso que todos temos de subir através dos tempos.

Nosso atrasado planeta é uma mansão de dor e lágrimas, uma rude escola onde os espíritos novos vão adquirir as virtudes heróicas, as qualidades fundamentais que lhes darão acesso às esferas venturosas. Porém, lá do Alto, existem sociedades mais adiantadas que se desenvolvem na paz, na alegria e na harmonia.

Assim, fora dos limites de nossas breves e penosas existências terrenas, abrem-se diante de nós imensas perspectivas, oferecendo-se ao nosso interesse e à nossa atenção múltiplos temas de estudo e exploração, variedades e contrastes inimagináveis.

Diante de tantas maravilhas que o futuro nos reserva, as presentes provações perdem sua rudeza. Crescem nossa confiança, nossa esperança e nossa fé.

Incapazes de medir a extensão das riquezas espirituais das quais participaremos, juntamos nossas vozes às vozes do Infinito, ao coro universal dos seres e dos mundos, para comemoração da vida eterna e infinita!

\*

Nosso destino está escrito no Céu em caracteres de fogo. Desde a origem dos mundos, Deus traçou sobre nossas cabeças, em linhas luminosas, o poema da alma e de seu futuro. E todos aqueles que souberam decifrar essas letras maravilhosas conseguiram sabedoria e força moral nesse estudo.

Mesmo entre os espíritos de nossa esfera, há poucos que conseguiram visitar e descrever os esplendores celestes e, se alguns, num rápido vôo, puderam explorar diversos sistemas e penetrar mais além dentro do infinito, devem logo regressar aos meios correspondentes ao seu grau de adiantamento.

Essas longínquas explorações são permitidas ao espírito que delas se torne digno, para lhe mostrar seu caminho de progresso. Elas estimulam sua vontade de adquirir os merecimentos que lhe permitirão viver na sociedade das almas unidas pelo amor dentro da felicidade.

Tudo está graduado em nosso progresso. Para alguns espíritos muito jovens, insuficientemente preparados, o conhecimento de certas verdades colocaria em risco todo o seu equilíbrio mental. Somente aos grandes espíritos pertence o pleno conhecimento do Universo. Deles é que nos vem, principalmente (por intuição ou mediunicamente), a revelação das leis superiores.

Para que consigamos alcançá-la, é preciso prepararmos nossa alma pela meditação, pelo recolhimento e pela prece. Assim se produz em nós uma espécie de ampliação do ser, uma expansão das faculdades, que torna possível penetrarem em nós as mais altas verdades. Por seu intermédio e por sua ação, uma transformação se opera, paulatinamente; ao mesmo tempo em que se desdobram as páginas do livro exterior, e à medida que o horizonte se aclara, o ser interior se ilumina e os ecos de dentro atendem aos apelos de fora.

Debaixo de uma influência espiritual, as lembranças do passado, mergulhadas no mais profundo de nossa memória, ressurgem. A cadeia de nossas vidas anteriores se reconstitui e voltamos a tomar consciência de nossa verdadeira natureza e de nossa pátria de origem. Sentimos melhor a gravidade e a solenidade das coisas da vida. As provações e os males, trabalhos e dores são considerados como outros tantos meios de educação e de progresso.

Toda a nossa história, através dos séculos, está escrita dentro de nós. Nossas vidas passadas, monótonas ou trágicas, foram se vertendo, gota a gota, no fundo de nossa alma, e como uma água profunda, em cuja superfície nos inclinamos em certas horas, podemos então ver nela refletida, como em um espelho, as imagens do passado.

Já ficou assinalado que, nos fenômenos de exteriorização e mediante a visão psíquica aumentada, a criatura revê o lugar onde suas existências aconteceram; as margens da Ática, banhadas pelo Sol, onde o mar rebenta seu rolo de espumas debaixo dos ramos dos mirtos e da verdura prateada das oliveiras; as imensas planícies da Assíria e do Egito e os colossos de pedra que erguem para o céu azul suas formas geométricas ou seus perfis de animais. A alma reconstitui as remotas civilizações e o papel, muitas vezes obscuro, mas às vezes brilhante, que nelas desempenhava.

Vislumbra as brancas cidades cujos nomes harmoniosos marcam como estações a caminhada intelectual da humanidade: Atenas, a jóia da Hélade, a cidade querida dos filósofos, dos oradores e dos escultores; Crotona, onde Pitágoras ensinava sua doutrina a um grupo de iniciados; Alexandria, onde os esplendores do gênio grego se misturaram, no crisol do pensamento, com a chama ardente do Cristianismo nascente.

Os que viveram aqueles momentos deslumbrantes da história não podem evitar um sentimento de emoção, recordando a adolescência ingênua de sua alma, embalada pelos mitos e lendas pagãs, enamorada pelas ilusões da vida oriental.

Poderíamos ter uma idéia de tais impressões comparando-as com as que nos proporciona, no ocaso da vida, as lembranças de nossas ricas sensações da mocidade, quando para nós tudo era sedução e encanto.

Aí todas as cenas da natureza provocavam em nós verdadeira embriaguez, como, por exemplo, quando entramos numa floresta espessa pela primeira vez, ouvindo o murmúrio das fontes, dos regatos ou a canção dos ventos entre os ramos; ou quando, do alto das montanhas contemplamos a extensão dos vales e planícies, vendo, ao longe, resplandecer o mar ou desdobrar-se o panorama de uma grande cidade!

Quanta riqueza oculta no íntimo obscuro da alma, tesouros de pensamentos e ações, de alegrias e tormentos, acumulados pelos séculos no íntimo da criatura e que a sugestão hipnótica faz reaparecer, quais essas plantas e flores que flutuam na superfície dos lagos, com suas raízes mergulhadas nas sombrias profundidades das águas!

No meio de tais quadros e recordações que brotam das sombras do passado existem alguns que proporcionam calma e alívio, porém, em compensação, quantas cenas que melhor seria não as tivéssemos revivido! Elas emergem do silêncio e da noite adquirindo poderosa importância e às vezes, ao revê-las, uma angústia nos invade.

Os segredos guardados no fundo de nossa memória se levantam e nos acusam. Todo o nosso passado permanece indestrutível e indelével, não há poder capaz de destruí-lo, mas nos é permitido resgatá-lo no futuro, com obras de sacrifício e tarefas bem realizadas.

Entendemos por que a sabedoria eterna conservou esquecidas essas remotas lembranças, por algum tempo: foi para nos dar mais completa liberdade de ação no curso

desta vida. Sem tal precaução, os fantasmas de nossas vidas passadas apareceriam diante de nós sem cessar, perturbando a quietude e a serenidade do presente. O reconhecimento das responsabilidades adquiridas e de suas conseqüências paralisaria o nosso vôo para o alto.

\*

Os mais profundos mistérios da alma e do Universo continuam sendo ocultos para nós, todavia podemos comprovar que se realiza, no domínio do conhecimento, um sensível progresso. O véu do destino se levanta e a grande lei da evolução se torna exata e clara aos nossos olhos.

Assistimos a uma verdadeira transformação do pensamento, sob o ponto de vista filosófico. Ele abandona cada vez mais as posições materialistas que ocupava há tanto tempo para se tornar, agora, espiritualista e idealista, pois já passaram de moda as teorias do átomo e da célula. Além da matéria, reconhece-se a existência de uma força criadora, de um dinamismo poderoso que a penetra e a dirige. Ainda mais acima domina a idéia.

A inteligência e a vontade governam o mundo dos seres e das coisas. Aparece a lei e por seu intermédio se afirma a idéia de Deus, que é o pensamento e a força eterna que movem o Universo. Ele é a conciliação de todos os problemas e o objetivo supremo de todas as evoluções. Emanam dele as mais altas aspirações do gênio, as intuições do artista e do sábio. Todas as criações de uma arte sublime, os espetáculos grandiosos da natureza, as harmonias do Universo, a sinfonia que os mundos compõem entre si nas profundezas do espaço, tudo isso não é mais do que um reflexo, um pálido eco do poder criador.

Estudar Deus em sua obra, aí reside o segredo de toda força, de toda a verdade, de toda sabedoria e de todo o amor. Porque Deus irradia através de sua obra assim como o Sol filtra seus raios por entre a leve neblina que flutua sobre as florestas e os vales.

## XXVII A Grande Doutrina

A guerra mundial marcou o fim de uma época e para nós se inicia um novo período histórico, oferecendo aos homens de saber e de boa vontade uma imensa tarefa. Trata-se de refazer todo o gênero humano, por meio de uma educação, uma moral e uma fé novas. É preciso mostrar às gerações que estão passando a meta que devem atingir, ensinar-lhe o sentido profundo da vida, a nobreza do trabalho e a grande lição da morte.

É preciso ensinar a todos que a vida é sagrada até mesmo nos seus aspectos comuns, apesar de suas provações e suas dores, principalmente em razão destas, já que a vida é para nós um supremo recurso de progresso e elevação. Devemos ensinar-lhes que as vidas humildes, obscuras e operosas, quando não representam o resgate de um passado criminoso, correspondem a um processo eficaz de aperfeiçoamento.

É preciso demonstrar-lhes a virtude do sacrifício e a vaidade das riquezas que nos prendem à matéria. É pela abnegação que o ser adquire todo o seu poder de irradiação e espalha salutar influência em tudo quanto realiza e em tudo que o rodeia.

Através de mil vidas, o homem deve ir conhecendo todas as alternativas do prazer e da dor, sendo esta última, inegavelmente, a mais fecunda para seu progresso. Essa é a razão pela qual temos mais causas de pesar do que de felicidade.

A décima sexta *Tríade* diz: “Tudo é padecer em *Abred* (a Terra) porque sem isso não se pode conseguir conhecimento completo sobre coisa alguma”.

O homem deve ocupar, alternadamente, as situações sociais mais variadas, para passar pelas provações e adquirir as qualidades desses diversos meios. As situações fáceis nos estimulam a desenvolvermos nossas faculdades, cultivarmos as artes e as ciências e exercermos a beneficência. As situações obscuras e de dependência nos ensinam a paciência, a disciplina, a economia e a perseverança no trabalho.

Ora vencido pelo destino, ora por ele servido, o homem abre caminho através dos obstáculos, porém cada vez que supera uma dificuldade sente que lhe aumenta a força, a vontade se retempera e sua experiência se enriquece.

Em cada reencarnação ele retorna à vida terrena, como a uma escola saudável onde ganhará novos méritos, e recomeça a luta que deve aumentar-lhe o cabedal de energia e as riquezas do espírito e do coração.

Assim, de vida em vida, como a borboleta que sai da crisálida, ele sente desprender-se, pouco a pouco, da individualidade grosseira do começo, um espírito poderoso, luminoso, de sabedoria e de amor. E, de esfera em esfera, de mundo em mundo, prosseguirá sua carreira, ligado aos seres que ama, para com eles chegar, um dia, à plenitude da ciência, da virtude e da felicidade.

\*

A revelação dos espíritos se efetua através de fenômenos cujo conjunto forma uma nova Ciência, uma Ciência que encontra, em tais fatos, preciosos elementos de desenvolvimento e progresso. A Ciência convencional havia chegado até os limites finais do mundo da matéria.

Diante dela, agora, o Invisível se mostra com suas imensas forças e suas leis espirituais, e sem o conhecimento de tais leis é impossível compreender a vida em suas variadas formas e no seu progresso colossal.

A análise metódica e racional das manifestações colocará a Ciência em contato com o mundo dos espíritos, aproximando as humanidades e facilitando sua colaboração num programa de trabalho que resultará no mais amplo entendimento do universo psíquico e das condições da vida em suas fases superiores, mas esse é apenas um dos dois aspectos de uma grande questão.

A Ciência é necessária, mas não é bastante, porque a corrente científica deve ter, como paralelo e complemento, a corrente popular, que levará às multidões o ensino e o conforto de que precisam. A Ciência é complexa e por isso inacessível ao maior número de pessoas. O ensino popular deve ser simples e estar ao alcance de todos.

Faz cinco anos que epidemias, luto e todas as desgraças provenientes da guerra causaram cruéis feridas à França; são inúmeras as almas que a dor atingiu, que exigem a parcela de verdade e luz que lhes cabe.

Assim, devemos procurar a humanidade sofredora, mostrando-lhe as perspectivas consoladoras do Invisível e do além-túmulo, demonstrando-lhe a certeza da sobrevivência e da imortalidade da alma, a alegria de se tornarem a ver os que foram separados pela morte.

Devemos nos dirigir ao povo que é desprovido de ideal, aos humildes e aos pequenos aos quais o materialismo enganou, pois só fez medrar neles o gosto pelos prazeres e os sentimentos de ódio e de inveja; devemos ir até eles levando-lhes o ensino moral, a alta e pura doutrina que aclara o futuro e nos mostra como a justiça se realiza por intermédio das vidas sucessivas.

Todos vós que amais a justiça e a procurais no estreito círculo que o vosso olhar abrange, raro a encontrareis nas obras humanas ou nas instituições deste mundo inferior. Dilatai vossos horizontes e podereis vê-la expandir-se na série de nossas vidas através dos tempos, pela simples análise dos efeitos e das causas.

O bem e o mal remontam sempre às suas origens e o crime recai pesadamente sobre seus autores. Nosso destino é obra nossa, mas só se ilumina com o conhecimento do passado e, para nos apoderarmos de seu encadeamento, é necessário contemplarmos do alto, e no seu conjunto, o panorama vivo de nossa própria história.

Todavia, isso só seria possível para o espírito que se encontre desligado do envoltório carnal, seja pela exteriorização durante o sono, seja pela morte. Então, das sombras e contradições do presente, aparece para ele, no seu esplendor e na sua soberana majestade, a grande lei que regula o progresso dos seres, da mesma forma como rege a marcha dos mundos.

Quando os apóstolos da causa social compreenderem e ensinarem essa nobre doutrina, nela irão encontrar fecunda fonte de inspiração. Ela lhes dará à palavra o poder de penetração, o calor que derrete os gelos da indiferença e do cepticismo, trazendo-lhes uma onda purificadora e regeneradora ao coração.

Espero aqui as mesmas contestações que me foram endereçadas durante certas conferências seguidas de debate público. Dir-me-ão: “Essa é a linguagem que usaram todas as opressões políticas e religiosas através dos séculos, para dominar e subjugar as multidões, e tais promessas de vidas futuras, embora apresentadas de outra forma, são sempre, no dizer de Jean Jaurès, *uma velha cantiga que acalenta a miséria humana*”.

Pode ser que nossa forma de ver não coincida com a teoria deste ou daquele teórico; o que buscamos, acima de tudo, é a verdade e, para descobri-la, convém que nos elevemos às serenas regiões onde as paixões políticas não chegam e onde os interesses materiais não reinam. Indagai os grandes mortos – responderei aos meus contraditores –, inspirai-vos com seus conselhos. Eles confirmarão a existência dessas leis superiores fora das quais é inútil e estéril qualquer obra humana.

Enquanto limitardes vosso pensamento aos estreitos horizontes da vida atual e não quiserdes ver nela o que ela representa em verdade, isto é, um degrau para subir mais alto, serão inúteis vossas tentativas para criar neste mundo uma ordem de coisas que esteja de acordo com a justiça, assim como têm sido inúteis todos os esforços que vosso talento tem realizado.

Observai o que está acontecendo lá no oriente da Europa, onde a tremenda luta de classes lança as nações num abismo, onde nenhum raio de idealismo brilha. Vede essa maré crescente das paixões desencadeadas por um materialismo grosseiro que tudo ameaça invadir! Não obstante certas teorias, o que é necessário fazer-se para se atingir a paz social e a harmonia é o acordo íntimo das inteligências, das consciências e dos corações e isto só nos será dado por uma grande doutrina, uma revelação superior que trace a rota humana e fixe os nossos deveres comuns.

\*

Afirmamos que, na história do mundo, as catástrofes geralmente são sinais precursoros de tempos novos, o anúncio de que se prepara uma transformação e de que a humanidade vai passar por profundas modificações.

A morte abriu claros numerosos entre os homens, porém entidades mais evoluídas encarnarão na Terra e as legiões inumeráveis das almas libertas pela guerra pairarão acima de nós, ávidas por participar de nossos trabalhos, de nossos esforços, para transmitir aos que elas deixaram no mundo a confiança em Deus e a fé num porvir mais auspicioso.

A ação dessas almas se estende e se impõe cada vez mais, provocando testemunhos inesperados que, às vezes, vêm de bem alto. O jornal *L'Homme Libre*, por exemplo, em 1º de janeiro de 1919, registrava o seguinte: “Nossos queridos mortos estão ao nosso lado e a humanidade se compõe mais de mortos que de vivos; somos governados pelos mortos”.

Numa oratória magnífica, na Câmara dos Deputados, Georges Clemenceau evocava os espíritos de Léon Gambetta, Auguste Scheurer-Kestner, Alfred Chanzy e outros ilustres mortos, convidando-os a serem “os primeiros a transpor as terríveis portas de ferro que a Alemanha fechou contra nós”.

O próprio Presidente da República, Raymond Poincaré, disse no seu discurso de Strasbourg: “Conosco, Alsace, tu honrarás a memória de nossos mortos, porque tanto ou mais do que os vivos, foram eles que te libertaram”.

Os obreiros de nossa vitória não foram apenas esses grandes mortos, pois à frente deles vemos os Espíritos de Luz que nos mostram o caminho sagrado e os altos destinos que nos aguardam.

É lógico que muitos homens, e não apenas os de menor valor, por meio das provações sofridas, foram curados dessa sensualidade e desse cepticismo pestilentos que quase levaram a França à perdição.

Atualmente, um grande sopro passa pelo mundo, conduzindo as almas para uma síntese onde tudo o que existe de bom e verdadeiro nas antigas crenças vem se juntar

às obras da Ciência e do moderno pensamento, formando um instrumento valioso na educação e na disciplina sociais.

Entretanto, às vezes a sombra se condensa e a escuridão da noite se torna maior em nosso derredor, multiplicam-se os perigos e terríveis ameaças pesam sobre a civilização, porém nessas horas sentimos mais perto de nós os nossos grandes irmãos do Espaço.

Seus fluidos vivificantes nos amparam e nos penetram. Graças a eles acendem-se, no horizonte, clarões de aurora que iluminam nosso caminho. No meio do caos dos acontecimentos, um novo mundo se delineia...

**FIM**

Notas:

---

- <sup>1</sup> *Léon Denis, o Apóstolo do Espiritismo. Sua vida, sua obra*; Gaston Luce, cap. V, edição CELD.
- <sup>2</sup> Rei da Prússia e imperador da Alemanha; nasceu em Berlim, em 1859. Incrementou uma política militar para o desenvolvimento do poderio e riqueza do império alemão, pelo aumento da produção agrícola e industrial; aumento do exército e do material de guerra; criação de uma forte marinha de combate e de uma frota aérea. Incutia na população o sentimento da superioridade da Alemanha sobre os outros povos. A política balcânica de Guilherme II originou a Primeira Guerra Mundial. Sob a ameaça da revolução em Berlim, refugiou-se na Holanda, onde abdicou em novembro de 1918, ali permanecendo até sua morte em 1941. (Nota da Revisora, conforme o dicionário *Lello Universal*, vol. II).
- <sup>3</sup> Obra citada, cap. V.
- <sup>4</sup> Idem, ibidem.
- <sup>5</sup> Ver nossa obra *Joana d'Arc, Médiun*, último capítulo.
- <sup>6</sup> Ver o *Le Journal* de 17 de maio de 1915.
- <sup>7</sup> Odin, deus da mitologia escandinava, príncipe de todas as coisas: eloqüência, sabedoria, poesia, guerra, as artes mágicas, etc., e distribuidor da coragem para a luta. (N.R.)
- <sup>8</sup> Essas palavras de Léon Denis, escritas em 1915, foram proféticas. Em 1918, três anos após essa afirmativa, Guilherme II, nascido em Berlim, proclamado rei da Prússia e imperador da Alemanha em 1888, foi derrotado na guerra que empreendera para transformar a Alemanha numa grande potência imperialista. (N.R.)
- <sup>9</sup> Lido no Cemitério Père-Lachaise em 31 de março de 1916, aniversário do falecimento de Allan Kardec.
- <sup>10</sup> *Visco*: planta parasita, originária das regiões temperadas do hemisfério norte, que vive agarrada aos troncos e aos ramos das árvores e que se mantém sempre verde. (N.R.)

- 
- <sup>11</sup> Alfred Dreyfus (1859-1935): militar francês condenado injustamente, por espionagem, a trabalhos forçados. O caso, que comovia toda a França, despertou o interesse do escritor Emile Zola que considerava Dreyfus inocente e fez uma grande campanha em sua defesa, o que lhe valeu ser processado. Dreyfus, 12 anos após sua condenação, depois de ser indultado e ter a sua sentença anulada, voltou ao exército no cargo de comandante. (N.R.)
- <sup>12</sup> Nossos telescópios captam mais de cem milhões de estrelas que, como sabemos, são outros tantos sóis, a maior parte dos quais superam o nosso em poder e brilho, arrastando, cada um deles, um maravilhoso cortejo de mundos.
- Qual é a força que sustenta esses milhares de astros e planetas no vazio dos espaços, dirigindo sua marcha interminável? É a mesma que regula o agrupamento dos átomos e as afinidades químicas, isto é, a lei da atração. Pois bem, essa lei pertence ao domínio do invisível.
- <sup>13</sup> Pronunciado em 31 de março de 1918, no Cemitério Père-Lachaise, à beira do túmulo de Allan Kardec.
- <sup>14</sup> Esse apelo foi publicado nas revistas espíritas da época, por ocasião da grande ofensiva.
- Sursum corda* – frase latina, significa “elevai os corações”, pronunciada pelo sacerdote ao celebrar a missa, cita-se como exortação a sentimentos elevados. (N.R.)
- <sup>15</sup> *Le Merveilleux Spirite*, de Lucien Roure.
- <sup>16</sup> Veja-se a nossa brochura *O Espiritismo e o Clero Católico*, Livraria das Ciências Psíquicas, 1918.
- <sup>17</sup> Veja-se a nossa obra *Cristianismo e Espiritismo*.
- <sup>18</sup> *Os Fenômenos Psíquicos e a Questão do Além e Sofrer, Reviver*, Livraria Paul Leymarie, Paris.
- <sup>19</sup> Masson, *Cartas de Guerra*, editado por Hachette, 1917
- Vejamos um segundo exemplo, mais recente:

---

O general Berdoulat, governador de Paris, fez o seguinte relato a um repórter do *Le Petit Parisien*, publicado em 28 de fevereiro de 1919:

“O dia 18 de julho de 1918 foi a jornada que devia marcar a derrota definitiva do inimigo. Algum tempo antes, eu havia ido, em missão especial, à Alsace, onde conheci o prefeito de Montreux-le-Vieux.

Ora, prevenido, pelas ações que antecederam nossa grande ofensiva, da iminência de uma batalha, aquele magistrado me escreveu uma carta que me chegou às mãos na manhã do dia 18 de julho. Ela continha as seguintes palavras: “*Apresento a todos os meus votos por vosso bom êxito e por nossa vitória.*”

Pois bem! Eu estava, naquele dia, não sei por que, tão emocionado pela certeza do triunfo, que, no momento em que a ação se delineava, bem antes de saber o seu resultado, respondi ao prefeito de Montreux: “*Vossos votos foram atendidos, esta é a nossa vitória, a derrota do inimigo.*”

Quem me impulsionou a responder assim, anunciando a vitória de uma batalha que ainda não havia começado? Qual a razão disso? Por que naquela manhã eu não tinha a esperança, mas a certeza do triunfo? Na verdade, eu estava envolvido por uma força misteriosa.

Em junho de 1917, em um álbum que lhe foi entregue pelo general Guillemont e no qual se lia a pergunta: “*Quando terminará a guerra?*”, o general Berdoulat respondeu, sob a influência da mesma força: “*Em novembro de 1918!*” Assinado o armistício no dia 11, aquele prognóstico também saiu correto.

<sup>20</sup> Veja-se *O Problema do Ser e do Destino*.

<sup>21</sup> As três comunicações foram publicadas, integralmente, no *La Dépêche*, de Tours, em 28 de fevereiro de 1915. A coleção desse jornal está à disposição do público na biblioteca da cidade.

<sup>22</sup> Veja-se o último capítulo de *No Invisível* (Espiritismo e Mediunidade).

---

<sup>23</sup> Número de 15 de dezembro de 1918, pp. 747, 751 e 757.

<sup>24</sup> *Raps* – golpes, pancadas.